ISAAC ASIMOV

LUCKY STARR 1





AS CAVERNAS DE MARTE

LUCKY STARR 1: AS CAVERNAS DE MARTE

ISAAC ASIMOV



Digitalização
DIGITAL SOURCE

Formatação
LEYTOR

Para WALTER I. BRADBURY
sem o qual eu realmente
nunca teria escrito este
livro.

Introdução

Este livro foi publicado pela primeira vez em 1952, e a descrição da atmosfera de Marte e de sua superfície foi feita de acordo com as convicções astronômicas da época.

Entretanto, desde 1952 os conhecimentos astronômicos a respeito do sistema solar interno progrediram de maneira notável, com a ajuda do radar, de raios e de mísseis.

Em 28 de novembro de 1964, a sonda espacial conhecida como *Mariner IV* foi lançada em direção a Marte. Em 15 de julho de 1965, a *Mariner IV* passou ao lado de Marte, a uma distância de apenas 6000 milhas, registrou uma série de observações e tomou fotografias que foram retransmitidas para a Terra.

Descobriu-se então que a atmosfera de Marte possuía apenas um décimo da densidade Imaginada pelos astrônomos. A mais, as fotografias comprovaram que a superfície de Marte estava salpicada de crateras, parecidas com as da Lua. Por outro lado, não se encontraram indícios claros de canais.

Sondas posteriores enviadas a Marte parecem indicar que no planeta há menos água de quanto parecia, e que as capas de gelo marcianas, que podem ser vistas da Terra, são formadas por dióxido de carbono congelado e não por água.

Isto significa que é muito menos provável que em Marte exista vida, ou que ela tenha existido no planeta, como os astrônomos imaginavam em 1952.

Espero que mesmo assim os leitores gostem da estória, mas espero também que não aceitem certas descrições como “fatos”: os conceitos que em 1952 eram aceitáveis, agora já estão superados.

Isaac Asimov,
Novembro, 1970.

• 1 •
Uma ameixa de Marte

David Starr estava observando o homem e assim viu quando aconteceu. Viu como ele morreu.

David esperava pacientemente pelo doutor Henree enquanto apreciava, satisfeito, a atmosfera do reais novo restaurante da Cidade Internacional. Esta era a primeira oportunidade para festejar depois de obter seu diploma e ser admitido no Conselho da Ciência como membro efetivo.

Não se importava de esperar. O Café Supreme ainda brilhava pela recente aplicação de tintas de cromo-silicone. A luz agradável que se espalhava por todos os cantos do salão não tinha qualquer fonte visível. Na ponta da mesa que se apoiava na parede, havia um pequeno cubo luminescente que continha uma minúscula imagem tridimensional do conjunto que produzia uma suave música. A batuta do maestro era um objeto brilhante em movimento contínuo, de apenas um centímetro e meio, e a mesa era obviamente do novo tipo Sanito, a mais moderna aplicação de campo de força e, a não ser pelo bruxuleio proposital, poderia ser totalmente invisível.

Os calmos olhos castanhos de David observavam as outras mesas, meio ocultas em seus nichos, não tanto por uma questão de tédio, mas porque as pessoas o interessavam muito mais que todos os mais modernos truques ostentados pelo Café Supreme. A tri-televisão e os campos de força há dez anos eram considerados verdadeiras maravilhas, mas agora já eram aceitos com naturalidade. As pessoas, porém, não mudavam: entretanto, mesmo dez mil anos depois da construção das Pirâmides e cinco mil anos depois da explosão da primeira bomba atômica, ainda representava um mistério insolúvel e uma maravilha sempre renovada.

Viu uma moça jovem e bonita, elegantemente vestida e que sorria suavemente para o homem sentado em sua frente; um homem de meia-idade, metido em roupas domingueiras e pouco confortáveis, apertando os botões do garçom automático, enquanto a mulher e duas crianças observavam compenetradas; e dois homens de negócios que conversavam animados enquanto comiam a sobremesa.

E enquanto David detinha o olhar nos dois homens de negócios, a coisa aconteceu. Um dos homens ficou congestionado e se agitou numa tentativa fútil de se levantar. O segundo homem lançou uma exclamação e esticou o braço numa tentativa confusa de ajudá-lo, mas a esta altura o primeiro homem já estava despencando da cadeira e deslizando embaixo da mesa.

David tinha se levantado ao primeiro sinal de algo alarmante e deu três passas compridos que o levaram até a mesa próxima. Entrou no nicho e logo seus

dedos encontraram o botão, ao lado do cubo televisivo, e a cortina violeta com seus desenhos fluorescentes deslizou sobre o trilho, fechando a alcova. Ninguém repararia. Muitas pessoas preferiam jantar com a cortina puxada, que garantia maior privacidade.

O companheiro do homem desfalecido finalmente conseguiu falar. Disse:

– Manning está doente. Parece um ataque. Você é médico?

David respondeu em tom calmo e sua voz irradiava confiança. Disse:

– Fique calmo e não faça barulho. Vamos chamar o gerente e faremos tudo que for possível fazer.

Agarrou o homem inerte e o ergueu como se ergue uma boneca de pano, apesar dele ser bastante encorpado. Empurrou a mesa para um lado e o campo de força deixou seus dedos levemente separados enquanto empurrava. Deitou o homem sobre o banco, afrouxando as costuras Magno de sua camisa e começou a aplicar a respiração artificial.

David porém não tinha qualquer ilusão sobre as probabilidades de revivê-lo. Conhecia bem todos os sintomas: as faces subitamente avermelhadas, a voz sumida, a dificuldade de respirar, os poucos minutos de luta desesperada pela vida, e depois o fim.

A cortina se mexeu. O gerente estava chegando com rapidez admirável, obedecendo ao sinal de emergência lançado por David antes mesmo de abandonar sua própria mesa. O gerente era um homem baixo e gorducho, metido em roupas pretas, apertadas e conservadoras.

Parecia perturbado.

– Será que alguém... – começou, mas logo pareceu se encolher ao ver o homem em deitado.

O segundo conviva estava falando com rapidez quase histérica:

– Meu amigo e eu estávamos jantando, quando ele teve este ataque. Não sei quem é este outro homem.

David interrompeu suas inúteis tentativas de reanimar um homem morto. Passou a mão sobre seus fartos cabelos castanhos, alisando-os para trás. Perguntou:

– Você é o gerente?

– Sou Oliver Gaspere, gerente do Café Supreme – explicou o baixinho com ar surpreso. – Percebi a chamada de emergência da mesa 87, mas quando cheguei lá, não havia ninguém. Disseram-me que um moço tinha entrado apressadamente na alcova da mesa 94 e o segui. Agora estou vendo isto. – Começou a se virar. – Chamarei o médico.

David interferiu.

– Deixe para lá. Já não adianta. O homem morreu.

– O que! – gritou o segundo conviva e deu um passo para frente. –

Manning!

David Starr o puxou para trás e o empurrou contra a beirada da mesa invisível. – Calma, homem. Você já não pode fazer nada e este não é o momento mais oportuno para fazer barulho.

– Não, não – concordou Gaspere. – Não podemos perturbar os outros fregueses. Entretanto, senhor, será necessário que um médico examine este pobre homem para estabelecer as causas da morte. Não posso permitir qualquer irregularidade em meu restaurante.

– Sinto muito, senhor Gaspere, mas este homem não poderá ser examinado por qualquer pessoa neste momento.

– O que é que você está me dizendo? Se este homem morrer de um colapso cardíaco...

– Por favor, coopere um pouco. Discussões inúteis não adiantam. Qual é seu nome, senhor?

O conviva ainda vivo respondeu em voz baixa:

– Eugene Forester.

– Muito bem, senhor Forester. Quero saber exatamente o que foi que o senhor e seu amigo comeram aqui.

– Senhor! – O gerente rechonchudo arregalou os olhos até que deram a impressão de querer sair das órbitas. – O senhor está insinuando que algum alimento pode ter provocado isto?

– Não estou insinuando qualquer coisa. Estou apenas fazendo perguntas.

– Pois você não tem qualquer direito de fazer perguntas. Quem é você? Você não é alguém que pode fazer perguntas. Insisto para que um médico examine este pobre homem.

– Senhor Gaspere, trata-se de um caso que compete ao Conselho de Ciência.

David descobriu o lado interno de seu pulso, erguendo levemente a manga de Metalite flexível. Durante um instante só apareceu a pele, mas a seguir uma porção oval começou a escurecer até ficar preta. No interior do oval pequenos pontos de luz amarela piscaram formando a conhecida constelação da Ursa Maior e Orion.

Os lábios do gerente tremeram. O Conselho de Ciência não era uma agência oficial do governo, mas seus membros se situavam quase acima do governo.

Falou:

– Senhor, peço desculpas.

– Não é necessário pedir desculpas. Senhor Forester, por favor, quer responder a minha primeira pergunta?

Forester murmurou:

– Pedimos o jantar especial número três.

– Ambos pediram a mesma coisa?

– Sim.

David insistiu:

– Vocês não pediram alguma substituição? – Enquanto estava em sua própria mesa, tinha lido o cardápio. O Café Supreme oferecia iguanas extraterrestres, mas o jantar especial número três era uma refeição corriqueira entre os terrestres: sopa de verduras, costeletas de vitela, batatas ao forno, ervilhas, sorvete e café.

– Sim, realmente pedimos uma substituição – falou Forester franzindo a testa. – Manning pediu ameixas marcianas em calda para sobremesa.

– E o senhor não pediu?

– Não.

– Onde estão as ameixas marcianas agora? – David já conhecia esta fruta que amadurecia nas estufas marcianas: era cheia de sumo e sem caroço, e seu aroma era realçado por um leve gosto de canela.

Forester disse:

– Ele comeu as ameixas, O que é que o senhor acha?

– Quanto tempo passou antes que ele desfalecesse?

– Acho que se passaram cinco minutos. Nem chegamos a terminar o nosso café. – O homem empalideceu. – Será que as ameixas estavam envenenadas.

David não respondeu. Olhou para o gerente.

– Fale-me das ameixas.

– Não havia nada de errado com as ameixas, mas nada mesmo. – Gaspere agarrou a cortina, sacudindo-a com gesto nervoso, mas não se esqueceu de manter a voz baixa. – As ameixas são frescas, chegaram com um carregamento recente de Marte e foram aprovadas pela fiscalização governamental. Servimos centenas de porções de ameixas durante as últimas três noites. Até agora não registramos qualquer incidente como este.

– Mesmo assim, acho aconselhável mandar riscar as ameixas do cardápio, até uma nova fiscalização. Entretanto, pode ser que as ameixas nada tenham a ver com o assunto. Traga-me uma caixinha qualquer, pois quero recolher o que sobrou do jantar para uma futura análise.

– Já vou.

– E lembre-se de não mencionar o incidente com qualquer pessoa.

O gerente voltou em poucos minutos, enxugando a testa com um fino lenço. Observou:

– Não consigo entender. Palavra, não consigo.

David colocou na caixa os pratos de plástico usados, os pedaços de pão, as xícaras parafinadas do café cuidadosamente tampadas, e com muito cuidado

depositou a caixa onde não estaria atrapalhando. Gaspere parou de esfregar nervosamente as mãos e esticou o braço para alcançar o contato na beirada da mesa.

David foi mais rápido e o gerente ficou surpreso ao ver seu braço imobilizado

– É por causa das migalhas, senhor.

– Pois é, pretendo levá-las também. – Usou um canivete para recolher até a última migalha, deslizando a lâmina sobre o invisível campo de força. David, pessoalmente, duvidava de tampos de mesa feitos com campos de força. O fato de serem totalmente transparentes não ajudava os convivas a se sentirem completamente à vontade. Ao ver que os pratos e os talheres pousavam sobre o nada deixava as pessoas tensas, e por este motivo o campo de força era propositalmente defasado, para produzir um bruxuleio de interferência que proporcionava uma ilusão de substância.

Estas mesas, porém eram apreciadas em restaurantes, porque no fim da refeição bastava estender o campo de força por uma fração de polegada para destruir instantaneamente migalhas e eventuais gotas em sua superfície. Quando David terminou de recolher os restos, deixou que Gaspere estendesse o campo de força. Primeiro David acionou o fecho de segurança e depois Gaspere usou sua chave especial. Logo apareceu uma nova superfície absolutamente limpa.

– Agora, mais um minuto. – David consultou seu relógio e afastou levemente a cortina.

Chamou em voz baixa:

– Doutor Henree!

Um homem de meia-idade, alto e magro, sentado na mesa que era de David, virou o rosto com ar surpreso.

David sorriu.

– Estou aqui. – Colocou um dedo nos lábios.

O doutor Henree se levantou. Suas roupas eram displicentemente largas e os cabelos grisalhos e já um pouco escassos estavam puxados cuidadosamente para um lado, por causa de uma pequena calvície. Falou:

– Meu caro David, você então já chegou? Pensei que estivesse atrasado. O que foi que aconteceu?

David parou de sorrir. – Respondeu: – Mais um caso.

O doutor Henree entrou atrás da cortina, viu o homem morto e murmurou: – Ora, esta.

– Pois é – comentou David.

– Eu acho – falou o doutor Henree, tirando os óculos que logo começou a limpar com um minúsculo raio de força – que deveríamos fechar o restaurante. – Voltou a colocar os óculos.

Gaspere abriu e fechou a boca como um peixe, sem deixar sair qualquer som. Finalmente falou com voz embargada: – Fechar o restaurante. Está aberto há apenas uma semana. Assim iremos à falência! À falência!

– Estava pensando em fechar apenas durante uma hora, ou coisa assim. Teremos que remover o cadáver e será necessário examinar a cozinha. Tenho certeza que o senhor também deseja esclarecer qualquer dúvida que poderia levar as pessoas a pensar em intoxicação alimentar. Também acredito que o senhor não faz questão que isto aconteça em frente ao pessoal que agora está jantando.

– Está bem. Vou providenciar para que o restaurante esteja à sua disposição, mas preciso de uma hora para que todos os presentes possam terminar de jantar. Espero que não haja qualquer tipo de publicidade.

– Pode ficar sossegado. – O rosto enrugado do doutor Henree mostrava sua preocupação. – David, quer telefonar para a sede do Conselho e falar com Conway? Nestes casos seguimos um procedimento especial. Ele sabe o que precisa fazer.

– Será que preciso ficar? – perguntou Forester de repente. – Estou me sentindo mal.

– Quem é ele, David? – perguntou o dr. Henree.

– O companheiro de mesa do falecido. Seu nome é Forester.

– Estou vendo. Senhor Forester, considerando as circunstâncias, receio que o senhor terá que ficar aqui – mesmo se sentindo mal.

Vazio, o restaurante parecia frio e repelente. Agentes silenciosos vieram e foram embora. A cozinha foi examinada átomo por átomo, com total eficiência. Só o doutor Henree e David Starr ficaram. Foram sentar num nicho vazio. As luzes não estavam a e as tri-televisões em cada mesa eram apenas cubos de vidro sem vida.

O doutor Henree sacudiu a cabeça.

– Não descobriremos coisa alguma. Já sei disto, pelas experiências passadas. Sinto muito, David. Esta não é a festa que planejei para você.

– Temos tempo suficiente para festejar mais tarde. Em suas cartas, você mencionou estes casos de intoxicação alimentar, por isto eu estava prevenido. Entretanto, não tinha percebido todo este mistério que parece ser um detalhe necessário. Se eu soubesse, teria me comportado de maneira mais discreta.

– Não. Não adianta. Não poderemos manter o segredo eternamente. Aos poucos, as noticias vão se espalhando. Há pessoas que viram outras morrer enquanto comiam, e depois ouvem outros casos parecidos, Sempre acontece durante as refeições. A coisa está feia e está ficando pior. Bom, falaremos mais a este respeito amanhã, quando você se encontrar com Conway.

– Espere! – David olhou para o homem mais idoso. – Há algo que o preocupa muito mais que a morte de um homem, ou a morte de milhares de homens. É algo que eu não sei. O que é?

O doutor Henree suspirou. – David, receio que a Terra esteja ameaçada por um grande perigo. A maioria do Conselho não quer acreditar e o próprio Conway não está acreditando muito. Entretanto, tenho certeza que estas supostas intoxicações alimentares são apenas uma tentativa habilidosa e brutal de assumir o controle da economia e do Governo da Terra. Até agora, David, não encontramos qualquer indicio que pudesse nos dizer quem está atrás disto, quem está nos ameaçando, e de que maneira tudo isto acontece. O Conselho de Ciência está completamente à mercê de algo desconhecido.

• 2 •

A colheita nos céus

Hector Conway. Chefe do Conselho da Ciência, olhava pela janela do mais alto apartamento da Torre da Ciência. Cuja estrutura eslanchada dominava os subúrbios setentrionais da Cidade Internacional. A cidade começava a brilhar de luzes logo no início do crepúsculo. Logo ficaria marcada pelas estrias de luz que marcavam os passeios elevados para pedestres. Os prédios se transformariam em jóias iluminadas, com as janelas formando desenhos preciosos. Bem em frente da janela podia ver na distância as duas abóbadas do Congresso, com a Mansão Executiva entre ambas.

Estava sozinho no escritório e a fechadura automática estava regulada apenas para as impressões digitais do doutor Henree, Agora já não se sentia tão dominado pela depressão. David Starr estava a caminho: por um processo que parecia até mágico, tinha se transformado num adulto, pronto para receber sua primeira tarefa como membro do Conselho, Conway tinha a impressão de estar esperando a visita de seu próprio filho, e de uma certa forma, era assim. David Starr era seu filho: filho seu e de Augustus Henree.

No começo, eram apenas três amigos: ele mesmo, Gus Henree e Lawrence Starr. Conseguia se lembrar muito bem de Lawrence Starr. Os três tinham freqüentado juntos as mesmas escolas, tinham sido admitidos juntos no Conselho, feito juntos as primeiras investigações. Depois, Lawrence Starr foi promovido. Era de se esperar: entre os três, era o mais brilhante.

Foi mandado para Vênus, numa função semipermanente, e foi aquela a primeira vez que os três não enfrentavam algo juntos. Starr foi embora com a mulher e o filho. O nome dela era Bárbara. A linda Bárbara Starr. Henree e ele não chegaram a se casar, e na memória de ambos não sobrava o nome de qualquer moça que pudesse competir com Bárbara Starr. Com o nascimento de David eles se tornaram tio Gus e tio Hector, e às vezes David ficava confuso e chamava até o pai de tio Lawrence.

Então, durante a viagem para Vênus, aconteceu o ataque de piratas. Foi uma verdadeira chacina. As naves piratas em geral não costumavam tomar prisioneiros no espaço, e em apenas duas horas mais de uma centena de criaturas humanas foram mortas. Entre elas estavam Bárbara e Lawrence Starr.

Conway conseguia se lembrar do dia e até do minuto em que recebera a notícia na Torre da Ciência. Logo naves de patrulha foram para o espaço, perseguindo os piratas. O ataque ao refúgio dos piratas nos asteróides foi levado a termo com uma violência sem precedentes. Ninguém podia ter certeza que eles

tivessem apanhado exatamente os piratas que eram os responsáveis pela destruição da nave que ia para Vênus, mas daquele ano em diante o poderio dos piratas começou realmente a diminuir.

As naves patrulha acharam mais alguma coisa: um minúsculo bote salva-vidas que vagava numa órbita precária entre Vênus e a Terra, irradiando um pedido de socorro por meio de sinais de rádio frios e automáticos. No bote só havia uma criança. Um garotinho solitário e assustado, de apenas quatro anos, que durante muitas horas não conseguiu falar, a não ser uma única frase muitas vezes repetida: – Mamãe falou para eu não chorar.

O garotinho era David Starr. Os acontecimentos, vistos pelos olhos daquela criança, eram bastante confusos, mas sua interpretação foi muito fácil. Conway conseguia imaginar o que deviam ter sido aqueles últimos minutos no interior da nave atingida: Lawrence Starr morrendo na cabine de comando enquanto os piratas tentavam penetrar na nave; Bárbara, com um desintegrador na mão, colocando David no bote salva-vidas e ajustando os controles do bote da melhor maneira que podia, e finalmente lançando o bote para o espaço. E depois?

Ela tinha um desintegrador na mão. Devia tê-lo usado até o último momento contra os inimigos, e quando tudo já estava perdido, contra si mesma.

Todas as vezes que Conway se lembrava disto sentia o coração apertado. Seu coração doía e todas as vezes voltava a desejar que tivessem lhe permitido acompanhar as naves de patrulha, para poder ajudar a reduzir as cavernas dos piratas em oceanos chamejantes de destruição atômica. Mas lhe disseram que os membros do Conselho eram valiosos demais para poder arriscar a vida em operações de polícia, e teve que ficar a ler as notícias nas tiras dos boletins que saiam do seu projetor de telenoticias.

Junto com Augustus Henree tratou de adotar David Starr e ambos fizeram o impossível para apagar da memória da criança a lembrança daqueles terríveis últimos minutos no espaço. Para David, ambos se esforçaram para ser pai e mãe ao mesmo tempo; vigiaram seus estudos e não pouparam esforços para que a criança chegasse a ser o que Lawrence Starr era.

David superou qualquer expectativa. Ele se parecia com Lawrence pela altura que chegava a um metro e oitenta, era ágil e robusto, com os nervos tranqüilos e os músculos elásticos de atleta, e a mais o cérebro brilhante e agudo de um cientista de escol. Também havia algo em seus cabelos castanhos e ondulados, em seus olhos castanhos tranqüilos e na covinha do queixo, que desaparecia com o sorriso, uma lembrança de Bárbara.

Sua passagem pela Academia deixara um rastro fulgurante salpicado das cinzas de recordes anteriores superados, nos campos esportivos e nas salas de aula.

Conway ficara levemente perturbado por estes resultados. – Gus, isto não

me parece natural. Ele está superando até o pai!

Henree, que não gostava de desperdiçar palavras, ficou quieto, soltando-baforadas com seu cachimbo.

– Sinto-me meio constrangido ao dizê-lo – continuou Conway – porque sei que você vai se divertir às minhas custas, mas acho que tudo isto não é completamente normal. Lembre-se que, quando criança, ficou durante dois dias vagando a esmo no interior daquele bote, com apenas uma fina camada de proteção contra as radiações solares. E ficou a apenas setenta milhas do Sol durante um período em que as manchas solares estiveram no ponto máximo.

– Você está afirmando – comentou Henree – que David deveria ter morrido queimado.

– Não sei, não – resmungou Conway. – O efeito das radiações sobre tecidos vivos, sobre tecidos humanos vivos, ainda permanece um mistério.

– Isto é verdade. As experiências neste campo não são muito viáveis.

David terminara a universidade com a média mais alta de todos os tempos. Conseguira apresentar uma tese original de biofísica. Era o homem mais moço que tivesse recebido a nomeação a membro efetivo do Conselho de Ciência.

Apesar disto, Conway ainda sentia muito a perda do amigo. Há quatro anos recebera a nomeação de Chefe dos Conselheiros. Era uma grande honra, e para alcançá-la ele teria até sacrificado sua própria vida, mas sabia também que se Lawrence Starr estivesse vivo, a eleição acabaria por ter outro resultado.

Depois da nomeação, perdera quase que por completo os contatos com o jovem David. Ser Chefe dos Conselheiros significava dedicar todas as horas do dia e da noite aos problemas da Galáxia. Durante a cerimônia da formatura, vira David apenas de longe e durante os últimos quatro anos conseguira falar com ele apenas quatro vezes.

Quando ouviu a porta se abrindo, seu coração acelerou as bati das. Virou-se e foi rápido ao encontro de ambos, enquanto entravam.

– Gus meu velho! – Estendeu a mão e agarrou a outra. – E David, meu rapaz!

Passou uma hora. Já estava escuro quando conseguiram parar de falar em assuntos pessoais e se dedicar ao universo.

Foi David que começou. Disse:

– Tio Hector, hoje vi pela primeira vez um caso de intoxicação. Já sabia o suficiente a respeito para evitar o pânico. Infelizmente não sabia o bastante para evitar a intoxicação.

Conway respondeu em tom grave:

– Ninguém sabe o suficiente para tanto. Gus, suponho que mais uma vez foi por causa de um produto marciano.

– Não podemos ter certeza absoluta, Hector. Mas a pessoa comeu uma ameixa marciana.

– Veja se pode me dizer tudo que eu possa saber a respeito – pediu David.

– Os casos são realmente muito simples – respondeu Conway. – São de uma horrível simplicidade. Durante os últimos quatro meses, aproximadamente quatrocentas pessoas morreram logo após comer um qualquer produto crescido em Marte. Não se trata de um veneno conhecido e os sintomas não se parecem com os de qualquer doença conhecida. O que acontece é uma rápida e total paralisia dos nervos que controlam o diafragma e os músculos do peito. Isto leva a uma paralisia dos pulmões, com resultados fatais dentro de cinco minutos.

– Mas não é apenas isto. Em alguns poucos casos conseguimos socorrer a vítima em tempo útil, tentamos a respiração artificial, como você também tentou, e chegamos a colocá-las em pulmões de aço. Mesmo assim, todas morreram dentro de cinco minutos. O coração também fica afetado. As autópsias não mostraram qualquer resulta do, a não ser uma degeneração dos nervos, que deve acontecer num tempo excepcionalmente breve.

– E que tal os alimentos que levaram à intoxicação? – perguntou David.

– Não conseguimos nada – falou Conway. – Sempre há tempo suficiente para que a porção ou o produto sejam completamente consumidos. Outros espécimes do mesmo produto, na própria mesa ou na cozinha, se demonstraram completamente inócuos. Foram consumidos por animais e até por pessoas voluntárias. O conteúdo dos estômagos dos cadáveres só permitiram chegar a resultados duvidosos.

– Neste caso, como é que vocês sabem que se trata de intoxicação alimentar?

– Por causa da coincidência da morte logo após a ingestão de alimentos marcianos em todos os casos, sem qualquer exceção. Trata-se de mais que uma coincidência.

David comentou, pensativo: – Obviamente, a coisa não é contagiosa.

– Não, graças às estrelas. Mesmo assim, é bastante grave. Por enquanto, mantivemos um sigilo quase absoluto e tivemos nisto a total colaboração da Polícia Planetária. Duzentos casos fatais em quatro meses entre a população total da Terra ainda representam um fenômeno controlável, mas os casos podem aumentar. Se a população da Terra começar a desconfiar que um bocado qualquer de um alimento marciano pode ser o último bocado, as conseqüências poderiam ser terríveis. Mesmo que explicássemos que a mortalidade é de apenas cinqüenta casos por mês, entre uma população de cinco bilhões, qualquer pessoa chegaria a pensar que, com

certeza, seria uma das cinqüenta.

– Certo – concordou David – e isto significaria que o mercado de alimentos marcianos importados acabaria de vez. Seria um enorme prejuízo para os Sindicatos Agrícolas Marcianos.

– Isto não tem qualquer importância. – Conway encolheu os ombros como a eliminar o problema dos sindicatos, por ser de somenos. – Você não vê qualquer outra implicação?

– O que estou vendo é que a agricultura terrestre é incapaz de alimentar cinco bilhões de pessoas.

– Exato. Não podemos prescindir de alimentos importados de outros planetas. Se desistíssemos de importar, a Terra estaria morrendo de fome dentro de seis semanas. Entretanto, se o povo começar a recear os alimentos marcianos, não haverá meio para evitar isto, e não sei até quando poderemos adiar a revelação. Cada nova vítima representa uma nova crise. Toda vez imaginamos que a nova vítima será aquela anunciada por todos os tele-noticiários. Todas as vezes ficamos a nos perguntar se a verdade acabará por ser conhecida. E ainda por cima, temos a teoria de Gus.

O doutor Henree se ajeitou sobre a cadeira e começou a encher o cachimbo, comprimindo vagarosamente o fumo.

– David, estou convencido que esta epidemia de intoxicações alimentares não é um fenômeno natural. Para isto, é excessivamente espalhado. Um dia acontece no Bengala, no dia seguinte em Nova Iorque, depois em Zanzibar. Na minha opinião, trata-se de coisa planejada.

– Eu já lhe expliquei... – interferiu Conway.

– Se um grupo qualquer tivesse a intenção de se apoderar do controle na Terra, qual meio seria melhor que atacar nosso ponto mais fraco, quero dizer nosso aprovisionamento de alimentos? A Terra é o planeta mais populoso da Galáxia. Não é por menos, afinal trata-se da pátria original do gênero humano. Este fato, porém, os transforma no mundo mais fraco, pelo menos num certo sentido, porque não somos auto-suficientes. Nossas colheitas são feitas nos céus: em Marte, em Ganimedes, em Europa. Se as importações forem prejudicadas por ato de pirataria, ou pelo sistema muito mais sutil aplicado agora, dentro de pouco tempo ficaremos indefesos. É só isto.

– Entretanto – comentou David – se o caso é este, vocês não acham que o grupo responsável entraria em contato com o governo, mesmo apenas para dar um ultimatum?

– Seria um procedimento normal, mas é possível que eles estejam apenas esperando a hora certa, deixando tudo amadurecer. Também é possível que eles estejam negociando diretamente com os fazendeiros em Marte. Os coloniais têm uma

mentalidade peculiar, desconfiam da Terra, e caso chegassem à conclusão que sua própria existência está ameaçada, poderiam se aliar com os criminosos. Aliás, é até possível que eles mesmos... – Soltou algumas baforadas. – Por outro lado, não quero fazer qualquer acusação.

– Neste caso – disse David – qual seria meu papel? O que é que vocês querem que eu faça?

– Deixe que eu explique – interferiu Conway. – É o seguinte, David queremos que você vá até os Laboratórios Centrais na Lua. Você integrará um time de pesquisadores que investiga o problema. Atualmente, eles estão recebendo amostras de qualquer carregamento de alimentos que sai de Marte. Sem dúvida nenhuma, mais cedo ou mais tarde, encontrarão algum espécime envenenado. A metade de qualquer amostra serve para alimentar ratos e a outra metade é analisada com todos os meios à nossa disposição.

– Entendo. E no caso de tio Gus estar certo, acho que vocês também dispõem de outra equipe em Marte?

– Sim, uma equipe de homens muito experientes. Mas quero saber se você está pronto para ir até a Lua amanhã à noite.

– Sem dúvida. Posso ir embora agora, para fazer meus preparativos?

– Pode, é claro.

– Existe alguma objeção se eu usar minha própria nave?

– Não. Nenhuma objeção.

Quando os dois cientistas ficaram sozinhos, observaram e em silêncio a feérica iluminação da cidade, durante muito tempo.

Finalmente Conway falou: – Como ele se parece com Lawrence. Mas ele também é ainda muito moço Será uma missão perigosa.

Henree perguntou: – Você acredita que a coisa poderá funcionar?

– Sem dúvida! – Conway soltou uma gargalhada. – Você ouviu sua última pergunta a respeito de Marte. Ele não tem qualquer intenção de ir à Lua. Eu o conheço demais. Por outro lado, é a melhor maneira de protegê-lo. O registro oficial mostrará que ele está indo para a Lua; os homens do Laboratório Central já receberam instruções para anunciar sua chegada. Quando David chegar em Marte, os Conspiradores que você suspeita, se é que eles realmente existem, não terão qualquer razão para desconfiar que ele é um membro do Conselho, e David cuidará de se manter incógnito, imaginando que desta maneira poderá nos enganar.

Conway continuou:

– Ele é brilhante. É possível que tenha a capacidade de conseguir algo que todos nós não poderíamos fazer. É muita sorte nossa que David ainda seja tão moço

e que possamos manobrá-lo. Daqui a alguns anos será impossível. Ele adivinharia logo.

O comunicador tilintou levemente. Conway abriu o circuito.

– O que é?

– Uma comunicação pessoal para o senhor.

– Para mim? Está bem, pode transmitir. – Olhou para Henree, com ar meio assustado. – Não pode ser dos conspiradores que você anda imaginando.

– Abra e veja – sugeriu Henree.

Conway cortou o envelope. Arregalou os olhos e logo soltou uma gargalhada. Jogou a folha de papel em direção a Henree.

Henree apanhou a mensagem. Só havia poucas linhas apressadamente escritas: – Vou fazer como desejam: irei para Marte. Assinado: David.

Henree começou a gargalhar descontroladamente. – Estou vendo que você realmente soube manobrá-lo muito bem.

Conway não se segurou mais, e ambos gargalharam juntos.

• 3 •

Homens para as fazendas de Marte

Para qualquer Terrestre nativo, a Terra significava a Terra. Era apenas o terceiro planeta na ordem de afastamento daquele sol que os habitantes da Galáxia conheciam como o Sol. Entretanto, pela geografia oficial, Terra significava muito mais que apenas um planeta: a denominação se aplicava a todos os corpos celestes do Sistema Solar. Marte era considerado uma parte da própria Terra e os homens e mulheres que viviam em Marte eram Terrestres iguais aos que viviam no pátrio planeta. Pelo menos, do ponto de vista legal. Os habitantes de Marte votavam para eleger representantes no Congresso de Toda-Terra e para eleger o Presidente Planetário.

Por outro lado, era apenas isto. Os Terrestres de Marte se julgavam uma raça diferente e muito melhor, e qualquer recém-chegado precisava fazer muitas coisas antes que os trabalhadores das fazendas marcianas o considerassem um pouco mais que um turista qualquer sem muita importância.

David Starr descobriu isto quase imediatamente, ao entrar no prédio da Agência de Emprego Agrícola. Logo atrás dele caminhava um homenzinho. Neste caso, o homenzinho era realmente muito baixinho: tinha um metro e cinqüenta e cinco, quando muito. Se ele e David tivessem ficado cara a cara, o nariz do homenzinho teria chegado no máximo até o esterno de David. O baixinho tinha cabelos ruivos claros, escovados para trás, uma boca larga, e usava o típico macacão de abotoadura dupla e as botas altas até a coxa e muito coloridas dos trabalhadores das fazendas de Marte.

Enquanto David se aproximava do guichê com o letreiro luminoso que anunciava: “Empregos Agrícolas”, ouviu passos rápidos ao lado e uma voz de tenor gritou: – Espere aí! Diminua a velocidade, cara!

O baixinho parou em sua frente.

David perguntou: – Posso lhe ser útil?

O baixinho o observou cuidadosamente, de cima a baixo, depois esticou um braço e se apoiou displicentemente na cintura do Terrestre. – Quando foi que você desceu da passarela?

– Que passarela?

– Você é bem graúdo para ser um Terrestrinho. Como é, vocês estão muito apinhados lá fora?

– De fato, cheguei da Terra.

O baixinho deixou sair vagarosamente os braços, um atrás do outro, e suas mãos bateram no couro das botas. Era o típico gesto de auto-afirmação dos

agricultores.

– Neste caso – falou – que tal você ficar esperando um pouco, enquanto um nativo cuida de seus próprios assuntos?

David respondeu: – Esteja à vontade.

– Mas, caso você tenha a fazer qualquer objeção, podemos resolver isto depois de eu terminar o que pretendo fazer, ou então em qualquer outra oportunidade a sua escolha. Meu nome é Bigman. Sou John Bigman Jones, mas poderá me encontrar, perguntando a qualquer pessoa da cidade onde se encontra Bigman. – Parou um instante e continuou: – Este é meu sobrenome e também minha alcunha, Terrestrinho. Você tem alguma objeção?

David respondeu, muito sério:

– Absolutamente.

Bigman disse:

– Certo! – e virou as costas para se aproximar do guichê. David sorriu quando teve certeza que o outro não podia vê-lo e depois tomou um assento e esperou.

Estava em Marte há apenas doze horas, um tempo suficiente para registrar sua nave com um nome falso nas grandes garagens subterrâneas fora da cidade, alugar um quarto de hotel para passar a noite, e passear durante algumas horas nas ruas da cidade coberta por uma abóbada.

Em Marte só existiam três cidades deste tipo: o número exíguo era justificado pelos altíssimos custos de manutenção das abóbadas e de fornecimento das enormes quantidades de energia necessárias para manter a temperatura e a gravidade da Terra. Wingrad City, a cidade cujo nome lembrava Robert Clark Wingrad, o primeiro homem a desembarcar em Marte, era a maior de todas.

Não era muito diferente de uma cidade da Terra: aliás, parecia um pedaço da Terra, recortado e transportado para um outro planeta. Tinha-se a impressão que os homens de Marte, vivendo a trinta e cinco milhões de milhas de distância, desejassem se esquecer deste detalhe. No centro da cidade, no ponto em que a abóbada elipsoidal tinha a altura de um quarto de milha, existiam até prédios de vinte andares.

Só faltava um detalhe: não havia sol, e nem céu azul. A abóbada era translúcida e quando era iluminada pelo sol, a luz se difundia de maneira igual por toda sua extensão de dez milhas quadradas. A intensidade da luz em qualquer ponto da abóbada era bastante fraca, e por isto, para o morador da cidade o "céu" tinha uma coloração amarelo-pálida. Entretanto, o efeito geral era o de um dia nublado na Terra.

Ao chegar da noite, a abóbada esmaecia e desaparecia numa escuridão sem estrelas. Então as luzes das ruas se acendiam e Wingrad City se parecia ainda

mais com uma cidade da Terra. No interior dos prédios usava-se luz artificial, dia e noite.

David Starr levantou o olhar ao som de uma altercação.

Bigman ainda estava perto do guichê e berrava:

– Pois eu afirmo que este é um caso de lista negra. Por Júpiter, vocês me botaram na lista negra!

O homem no guichê parecia chateado. Usava costeletas fofas que alisava constantemente com os dedos. Disse: – Não costumamos fazer listas negras, senhor Jones...

– Meu nome é Bigman, já expliquei isto, O que é que há? Você está com medo de ser amável? Você me chamava Bigman nos primeiros dias.

– Está bem, Bigman, não temos qualquer lista negra. Simplesmente não temos qualquer requerimento de agricultores.

– O que é que você está me contando aí? Tim Jenkins conseguiu um emprego anteontem, em exatamente dois minutos.

– Jenkins tem experiência com mísseis.

– Tudo o que Jenkins sabe fazer com mísseis, eu também sei.

– Mas você está registrado aqui como semeador.

– Pois é, e sou um ótimo semeador. Será que ninguém precisa de um?

– Escute, Bigman – disse o homem do guichê. – Seu nome está aqui no rol. Não posso fazer mais do que isto. Quando surgir uma oportunidade vou avisá-lo. – Concentrou-se na papelada em sua frente, ostentando indiferença para qualquer outro assunto.

Bigman deu as costas, mas gritou por cima do ombro:

– Está bem, mas vou ficar sentado aqui, bem em sua frente, e o primeiro requerimento de mão-de-obra que chegar, será meu, e irei para uma fazenda. Se alguém não me quer, quero ouvi-lo pessoalmente. Entendeu? Terão que dizê-lo a mim, J. Bigman J., pessoalmente.

O homem do guichê não respondeu. Bigman se sentou, resmungando. David Starr se levantou e foi até o guichê. Nenhum outro trabalhador agrícola protestou contra sua presença na fila.

Disse:

– Estou procurando um emprego.

O homem ergueu o olhar, apanhou um formulário e um impressor manual. – Que tipo de emprego?

– Qualquer tipo de trabalho agrícola.

O homem largou o impresso? manual. – Você é nativo de Marte?

– Não, senhor. Sou da Terra.

– Sinto muito. Não tem qualquer oportunidade.

David disse: – Escute, sei trabalhar e preciso de emprego. Pela Galáxia, o que é isto? Existe alguma lei que proíbe aos Terrestres de trabalhar?

– Não é isto. Acontece que você não pode fazer muita coisa nos campos sem experiência prévia.

– Mesmo assim, preciso de emprego.

– Existem muitos empregos *na cidade*. No guichê ao lado.

– Trabalho na cidade não é de meu gosto.

O homem do guichê examinou David com ar interessado, e David adivinhou seu pensamento sem qualquer esforço. Os homens iam até Marte por muitos motivos, um dos quais era que a Terra se tornava para eles um lugar que não oferecia sossego. Quando chegava um pedido de busca, as cidades de Marte eram facilmente vasculhadas (afinal, elas eram um prolongamento da Terra), mas era praticamente impossível encontrar um homem procurado que estivesse trabalhando numa fazenda de Marte. Os Sindicatos Agrícolas eram da opinião que o melhor trabalhador era aquele que não ousava ir para qualquer outro lugar. Por este motivo, o perseguido era protegido e o Sindicato cuidava para que as autoridades da Terra, parcialmente hostilizadas e desprezadas, não conseguissem apanhá-lo.

– Seu nome? – perguntou o homem.

– Dick Williams – respondeu David, dando o nome que já servira para registrar sua nave.

O funcionário evitou pedir qualquer identificação.

– Onde posso entrar em contato com você?

– Hotel Landis, quarto 212.

– Você já teve alguma experiência com baixa gravidade?

Continuou a fazer perguntas. Boa parte dos formulários ficou sem preencher. O funcionário suspirou, colocou o formulário numa abertura onde era automaticamente micro-filmado, colocou um número de protocolo e assim o incluiu nos registros oficiais do departamento.

Finalmente disse: – Vou notificá-lo. – Seu tom, porém, não parecia promissor.

David se afastou. Não esperava grandes resultados, mas pelo menos tinha estabelecido sua identidade de indivíduo à cata de um trabalho legítimo numa fazenda. O próximo passo...

Virou-se de repente. Três homens acabavam de entrar na agência de empregos e o baixinho chamado Bigman estava se levantando com um pulo. Com atitude agressiva, o baixinho parou em frente aos três, com os braços levemente afastados do corpo. David não conseguiu ver qualquer arma.

Os três homens pararam. Um deles riu e falou: – Ora, vejam. Parece que Bigman, o poderoso anão, está aqui conosco. Talvez esteja procurando emprego,

chefe.

– O homem tinha ombros largos e um nariz achatado. Um charuto apagado e todo mastigado, de fumo marciano, esverdeado, pendia de um canto da boca. Também tinha uma barba de dois dias.

– Fique quieto, Griswold – respondeu um outro homem que se encontrava à frente de todos. Seu corpo era meio rechonchudo, não era muito alto e a pele de suas faces e da nuca parecia lisa e lustrosa. Usava o típico macacão marciano, mas de fazenda visivelmente mais fina que a de qualquer outro macacão na sala. As botas altas, que chegavam até as coxas, eram coloridas, roxas e rosadas, num desenho espiralado.

Durante todas as suas viagens a Marte, mesmo em épocas posteriores, David Starr nunca conseguiu ver dois pares de botas com o mesmo desenho, e nunca viu botas que não fossem espalhafatosas. Obviamente, representavam a marca da personalidade entre os agricultores.

Bigman se aproximou dos três homens, estufando o peito com o rosto contorcido pela raiva. Disse: – Você, Hennes. Quero meus papéis.É meu direito reavê-los.

O homem rechonchudo era Hennes. Falou com ar tranqüilo: – Você não vale seus papéis, Bigman.

– Pois não posso conseguir um emprego decente sem meus papéis. Trabalhei para você durante dois anos e cumpri o trato.

– Você fez muito mais que cumprir o trato. Saia da minha frente. Passou ao lado de Bigman e se aproximou do guichê. Disse: – Preciso de um semeador experimentado – que seja bom. Quero um que seja alto o bastante para enxergar, para substituir um garotinho do qual tive que me desfazer.

Bigman se ressentiu.

– Pelo Espaço! – berrou. – Você está certo quando afirma que fiz mais do que cumprir o trato. Você quer dizer que eu estava trabalhando quando já não deveria estar. Trabalhei o suficiente para ver você dirigir depressa para o deserto, à meia-noite. Só que na manhã seguinte você não queria se lembrar disto, e me mandou despedir por eu ter mencionado o fato, e ainda por cima você retém meus papéis...

Hennes, irritado, olhou por cima do ombro.

– Griswold – falou. – Chute este imbecil para a rua.

Bigman não arredou pé, apesar de Griswold ter tamanho suficiente para quebrá-lo em dois pedaços. Disse com sua voz estridente: – Está bem. Um de cada vez.

David Starr, porém, se mexeu e deu alguns passos vagarosos, com aquela lentidão que podia enganar os desavisados.

Griswold observou:

– Você está me atrapalhando, amigo. Preciso me livrar de um lixo.

Atrás de David, Bigman gritou:

– Está bem, Terrestrinho. Pode deixá-lo vir.

David ignorou estas palavras. Falou com Griswold.

– Este lugar parece um lugar público, antigo. Todos temos o direito de ficarmos nele.

Griswold respondeu:

– Não vamos discutir, amigo. – Colocou uma mão no ombro de David, num gesto brutal, com a intenção de empurrá-lo para um lado.

Entretanto a mão esquerda de David agarrou o pulso do braço que Griswold esticava, e num instante a mão direita empurrou o ombro de Griswold. O homem arredou cambaleando e suas costas bateram duramente na partição de plástico que dividia a sala.

– Eu *prefiro* discutir, amigo – explicou David.

O funcionário do guichê se levantou gritando. Outros funcionários de outros guichês esticaram o pescoço pela abertura, mas ninguém fez menção de interferir. Bigman gargalhou e bateu uma mão nas costas de David.

– Nada mal, por alguém vindo da Terra.

Hennes ficou imóvel durante alguns segundos. O terceiro homem, um trabalhador agrícola com o rosto pálido de quem passava tempo demais debaixo do minúsculo sol de Marte, e pouco tempo debaixo das lâmpadas solares artificiais da cidade, abriu a boca de forma ridícula e ficou assim, de queixo caído.

Griswold recuperou o fôlego com alguma dificuldade. Sacudiu a cabeça. Seu charuto tinha caído ao chão e ele o chutou Finalmente levantou a cabeça e seus olhos esbugalhados mostraram toda sua fúria. Afastou-se da parede e todos viram um lampejo de aço que logo desapareceu em sua mão.

David, porém deu um passo para o lado e ergueu o braço. O pequeno cilindro retorcido que em geral ficava entre seu corpo e a parte superior do braço, desceu rápido pela manga e se aninhou em sua mão.

Hennes gritou:

– Cuidado, Griswold. Ele está com um desintegrador.

– Jogue sua faca – falou David.

Griswold soltou uma série de palavrões, mas o metal da faca tilintou no chão. Bigman a apanhou com um pulo e riu brevemente ao ver o barbudo derrotado.

David esticou a mão e examinou a faca.

– Olhe só que brinquedo inocente, nas mãos de um indefeso trabalhador agrícola – comentou. – O que dizem as leis de Marte sobre porte de facas energéticas?

Conhecia a arma e sabia que era a arma mais cruel de toda a Galáxia. Aparentemente, era apenas um cabo de aço inoxidável, um pouco mais grosso que um cabo de faca comum, mas que ainda assim podia ficar comodamente na palma da mão. No interior deste cabo havia um motor minúsculo com a capacidade de gerar um campo de força de vinte e dois centímetros fino como uma navalha, que conseguia cortar qualquer matéria comum. As couraças e armaduras de nada adiantavam e com a faca energética conseguia transpassar não só a carne mas também os ossos, seus ferimentos eram quase sempre mortais.

Hennes se colocou entre ambos. Disse: – Você está autorizado a carregar este desintegrador, Terrestre? Guarde-o e vamos parar com isto. Volte aqui, Griswold.

– Espere um minuto – falou David, enquanto Hennes se aprestava a ir embora. – Você estava procurando um homem, não é mesmo?

Hennes parou e ergueu as sobrancelhas. – Sim, de fato eu estava procurando um homem.

– Certo. E eu estou procurando emprego.

– Preciso de um semeador com bastante experiência. Você tem?

– Para lhe dizer a verdade, não.

– Você já colheu? Sabe dirigir os carros de areia? Vou lhe dizer uma coisa: você é apenas... – deu um passo para trás como para observá-lo melhor – .. apenas um Terrestre que parece ter familiaridade com um desintegrador. Não tenho qualquer trabalho para você.

David abaixou a voz e murmurou:

– Nem mesmo se eu lhe disser que estou interessado em intoxicações alimentares?

Hennes não mudou de expressão.

– Não entendo o que você quer dizer.

– Neste caso, faça um pequeno esforço. – Sorriu levemente, mas sem qualquer sinal de humor.

Hennes observou:

– Trabalhar numa fazenda marciana não é nada fácil.

– Eu não sou do tipo fácil – retrucou David.

O outro observou seu corpo musculoso.

– É. Pode ser. Está bem, vamos lhe dar cama e comida, e para começar, três mudas de roupas e um par de botas. Cinquenta dólares no primeiro ano, pagos no fim. Se você não completar o ano, não receberá nada.

– Certo. Que tipo de trabalho?

– O único tipo que você é capaz de fazer. Ajudante de refeitório. Se você aprender, será promovido. Se não aprender, ficará ali mesmo, o ano todo.

– Está bem. E que tal o Bigman?

Bigman que estava observando a ambos, estrilou:

– Não senhor, não pretendo trabalhar para este piolho de areia. Se quiser ouvir minha opinião, não acho aconselhável você trabalhar para ele.

David falou por cima do ombro:

– Que tal trabalhar por algum tempo, em troca de seus papéis e de boas referências?

– Bom – respondeu Bigman. – Pode ser por um mês.

Hennes perguntou: – Ele é amigo seu?

David assentiu. – Sim, e não irei sem ele.

– Então, vou levá-lo, Só por um mês, e terá que manter aquela bocarra bem fechada. Sem salário, apenas em troca dos papéis. Vamos embora. Meu carro de areia está lá fora.

Os cinco homens saíram, Bigman e David formando a retaguarda.

Bigman falou:

– Amigo, devo-lhe um favor. Pode cobrar a hora que quiser.

O carro de areia estava aberto, mas David conseguiu ver as frestas que serviam para enfiar os painéis que serviam para fechá-lo contra as tempestades de areia que costumavam surgir de repente em Marte. Os pneus eram muito largos para diminuir a tendência a atolar na areia dos trechos mais secos. A área de vidro era reduzida ao mínimo, e onde havia vidro, ele se integrava ao metal de tal forma que pareciam soldados juntos.

Havia bastante gente na rua, mas ninguém prestou qualquer atenção ao carro de areia e aos trabalhadores agrícolas que, afinal, eram bastante corriqueiros.

Hennes falou:

– Nós ficaremos na frente. Vocês dois podem entrar atrás.

Enquanto falava, sentou-se no lugar do motorista. Os controles se encontravam no centro da partição dianteira, e o pára-brisa estava logo acima. Griswold se acomodou à direita de Hennes.

Bigman entrou na parte traseira do carro e David o seguiu. Alguém estava atrás dele. David já estava se virando quando Bigman gritou:

– Cuidado!

O segundo jagunço de Hennes estava encolhido perto da porta do carro com um sorriso cruel no rosto mole e pálido. David se mexeu depressa, mas era tarde demais.

A última coisa que viu foi a boca lustrosa da arma na mão do jagunço enquanto ouvia um leve zunido. Quase não percebeu o que estava acontecendo e uma voz muito distante falou:

– Está bem, Zukis. Entre atrás e fique vigiando. – As palavras pareciam

chegar do fundo de um túnel muito comprido. A seguir, houve a sensação momentânea de movimento para frente e depois o nada total.

David Starr caiu para frente e perdeu qualquer sensação de vida.

• 4 •
Vida alienígena

Manchas irregulares e luminosas flutuavam em proximidade de David Starr. Aos poucos começou a perceber uma violenta sensação de formigamento e, ao mesmo tempo, uma pressão esquisita nas costas. A pressão nas costas era apenas devida ao fato de estar deitado sobre um colchão muito duro. O formigamento, ele o sabia, era a conseqüência de uma pistola neurônica, uma arma cuja radiação agia sobre os centros nervosos na base do cérebro.

Antes que as manchas luminosas tomassem uma forma coerente, antes mesmo que conseguisse entender onde se encontrava, David sentiu que seus ombros estavam sendo sacudidos e logo depois suas faces receberam o impacto ardido de bofetadas. A luz clara começou a penetrar em seus olhos abertos e levantou o braço que formigava para evitar mais um bofetão.

Bigman estava se debruçando por cima de David e seu rosto de coelho, com o nariz redondo e arrebitado, estava quase tocando o seu. Falou:

– Por Ganimedes, pensei que tivessem mesmo acabado com você.

Apesar das dores, David conseguiu se erguer, apoiando-se no cotovelo.

– Tenho a impressão que foi isto que fizeram. Onde é que estamos?

– No xadrez da fazenda. Não adianta querer sair. A porta está trancada e as janelas têm grades.

David apalpou o corpo perto da axila. Não encontrou o desintegrador. Era óbvio que o tirariam dele. Falou:

– Fizeram o mesmo com você?

Bigman sacudiu a cabeça.

– Não, Zukis me achatou com uma coronhada. – Tocou delicadamente o topo da cabeça, fazendo caretas. Logo se empertigou: – Porém, quase quebrei o braço dele.

O eco de passos chegou do lado oposto da porta. David se sentou e ficou esperando. Hennes entrou acompanhado por um homem mais idoso, com um rosto comprido e cansado, olhos azuis desbotados debaixo de sobrancelhas grisalhas e fartas, que pareciam eternamente franzidas. Vestia roupas da cidade, muito parecidas com trajes terrestres. Pelo visto, até dispensava as altas botas marcianas.

Hennes falou primeiro com Bigman.

– Pode ir para a casa da bóia, e não tente sequer espirrar sem ser autorizado, caso contrário vão quebrá-lo em dois pedaços.

Bigman torceu o rosto, acenou para David, dizendo:

– Até depois, Terrestre – e saiu, batendo exageradamente as botas contra o

chão.

Hennes esperou que se afastasse, depois fechou a porta. Falou com o homem de sobrancelhas grisalhas:

– Este é o tal, senhor Makian. Falou que seu nome era Williams.

– Acho que foi muito arriscado usar a pistola neurônica, Hennes. Se você o tivesse matado, um indício muito valioso poderia ter desaparecido na poeira dos canais.

Hennes encolheu os ombros. – Estava armado. Não podíamos nos arriscar. De qualquer forma, ele está aqui, senhor.

David pensou que estavam falando a seu respeito como se ele não estivesse presente, ou então fosse apenas um objeto inanimado.

Makian virou-se para observá-lo com seu olhar duro. – Você ai. Sou o dono desta fazenda. Por mais de cem milhas em qualquer direção, tudo pertence a Makian. Eu decido quem fica livre e quem vai para o xadrez; decido quem trabalha e quem não vai comer: decido até quem vai viver e quem vai morrer. Você entendeu bem?

– Entendi – respondeu David.

– Neste caso, responda com franqueza e não terá nada a temer. Não tente esconder nada, porque sou capaz de tirá-lo de você de qualquer jeito. Mesmo que precise matá-lo. Entendeu isto também?

– Perfeitamente.

– Seu nome é Williams?

– É o único nome pelo qual pretendo ficar conhecido em Marte.

– Está bem. O que é que você sabe a respeito da intoxicação alimentar?

David mexeu-se e colocou os pés no chão, Disse:

– Escute, minha irmãzinha morreu tomando um lanche de pão com geléia. Tinha apenas doze anos e ficou deitada no chão, com o rostinho ainda lambuzado de geléia. Chamamos o médico. Ele explicou que era uma intoxicação alimentar e recomendou que não comêssemos qualquer alimento que se encontrava na casa, até que ele voltasse com equipamento capaz de analisar tudo. Mas ele jamais voltou.

Em vez dele, chegou uma outra pessoa. Era alguém que possuía muita autoridade. Estava acompanhado por agentes à paisana. Mandou que explicássemos o que tinha acontecido, com todos os detalhes. Finalmente disse:

– Foi um ataque cardíaco. – Explicamos que isto era ridículo, porque minha irmãzinha era sadia e seu coração estava em perfeitas condições, mas ele não quis ouvir. Falou que se contássemos ridículas histórias de intoxicação alimentar, poderíamos nos dar muito mal. Levou consigo o pote de geléia, Ficou furioso por termos lavado o rosto de minha irmã, que estava todo lambuzado.

Tentei me comunicar com nosso médico, mas a enfermeira sempre

respondia que ele não estava, Finalmente entrei à força em seu consultório e o encontrei, mas ele não quis dizer nada, e insistiu que seu diagnóstico estivera errado, parecia amedrontado. Então fui até a polícia, mas eles não quiseram me prestar ouvidos.

O pote de geléia que os homens levaram continha o único alimento que minha irmã comeu, e que os outros não tinham comido naquele dia, O pote foi aberto naquela ocasião, e era de proveniência marciana. Somos gente conservadora, e gostamos de comidas antigas e caseiras. O pote de geléia era o único produto marciano em toda a casa. Tentei ver nos jornais se ocaso de minha irmã fora o único caso de intoxicação alimentar, Tudo parecia muito suspeito. Fui até a Cidade Internacional. Larguei meu emprego e decidi que ia descobrir por que minha irmã tinha morrido, usando qualquer meio possível, e que ia responsabilizar os culpados. Mas não consegui apurar coisa alguma, ninguém queria falar, e um dia apareceu um policial com um mandado para me prender.

Eu já estava duvidando que isto aconteceria e consegui me manter um pulo à frente. Vim para Marte por dois motivos, O primeiro é que esta era a única maneira para ficar longe da cadeia (mesmo que agora não pareça) e o segundo, porque consegui descobrir algumas coisinhas Nos restaurantes da Cidade Internacional aconteceram duas ou três mortes suspeitas e sempre em restaurantes que servem comida marciana. Então cheguei à conclusão que a resposta se encontrava em Marte.

Makian estava esfregando o queixo com o polegar. Comentou:

– Este relato me parece bastante convincente, Hennes. O que é que você acha?

– Acho bom exigir nomes e datas, para confirmar tudo. Afinal, não sei quem é este homem.

O tom de Makian era quase lamuriento:

– Você sabe que não podemos fazer isto, Hennes. Não quero fazer qualquer coisa que possa espalhar o menor boato a respeito desta encrenca. Todo o Sindicato iria água abaixo. Estaríamos liquidados. – Virou-se para David: – Vou mandar Benson para conversar com você. Benson é nosso agrônomo. – Olhou para Hennes: – Fique aqui até Benson chegar.

Benson só chegou depois de uma meia hora. Durante todo o tempo David ficou recostado displicentemente no catre, não dando qualquer atenção a Hennes que, por sua vez, fazia o mesmo.

Finalmente a porta se abriu e uma voz anunciou:

– Sou Benson. Era uma voz suave e hesitante e pertencia a um homem de rosto arredondado, de mais ou menos quarenta anos, cabelos escassos cor de areia e óculos sem aro. Sua boca pequena se estirou num sorriso.

Benson continuou:

– Suponho que você é Williams

– Certo – respondeu David Starr.

Benson observou cuidadosamente o jovem Terrestre, como tentando formar uma opinião. Perguntou:

– Você se sente inclinado para a violência?

– Não estou armado – respondeu David. – A mais, me encontro numa fazenda repleta de homens dispostos a me matar se eu fizer algo que não lhes agrade.

– É verdade. Hennes, quer nos deixar a sós?

Hennes se levantou de um pulo, protestando: – Seria muito imprudente, Benson.

– Por favor, Hennes. – Os olhos suaves de Benson apareceram por cima das lentes.

Hennes resmungou, bateu uma mão no cano da bota em sinal de insatisfação e saiu pela porta. Benson a trancou.

– Sabe, Williams, durante os últimos seis meses eu me tornei um homem importante neste lugar. Até Hennes acata minhas ordens. Eu ainda não me acostumei com isto. – Voltou a sorrir. – Agora, conte- me tudo. O senhor Makian disse que você assistiu a uma morte provocada por esta esquisita intoxicação alimentar.

– Foi minha irmã.

– Oh! – Benson corou. – Lastimo muito, muitíssimo. Compreendo que o assunto deve ser muito doloroso para você, mas será que você poderia me contar os detalhes? Ë muito importante.

David repetiu o relato que já fizera a Makian.

Benson observou: – E a coisa aconteceu depressa, assim como você disse?

– Cinco ou dez minutos depois dela ter comido.

– Terrível! Espantoso! Você não pode imaginar até que ponto isto é preocupante. – Esfregava nervosamente as mãos. – De qualquer forma, Williams, quero lhe contar o resto. Você adivinhou uma boa parte, e de uma forma qualquer, sinto-me responsável pelo que aconteceu com sua irmãzinha. Todos nós, aqui em Marte, somos responsáveis até que o mistério não esteja desvendado. Sabe, estas intoxicações estão acontecendo há muitos meses. Não houve muitos casos, mas o bastante para todos ficarmos muitos preocupados.

Investigamos.a proveniência dos alimentos envenenados e agora temos certeza que eles não vêm de qualquer fazenda. Descobrimos também mais um detalhe: todos os artigos envenenados saem de Wingrad City. Por enquanto nada descobrimos que pudesse incriminar as outras duas cidades de Marte. Isto significa

que a fonte da infecção está na cidade e Hennes andou investigando neste sentido. Tomou o hábito de ir até a cidade, investigando durante a noite, mas até agora não descobriu nada.

– Estou vendo. Isto explica uma observação de Bigman.

– Como? – Benson, surpreso, torceu a boca e depois sorriu. – Já sei, você está falando no baixinho que só sabe falar gritando. É verdade, ele viu Hennes sair da fazenda, e Hennes o despediu. Hennes é um homem muito impulsivo e de qualquer maneira, acho que Hennes está errado. É lógico que o veneno deve passar por Wingrad City. Afinal, a cidade é o ponto de embarque do hemisfério.

O senhor Makian acredita que o veneno está sendo espalhado deliberadamente Ele e outros integrantes do Sindicato receberam mensagens com propostas de compra de suas fazendas, por um preço ridículo As mensagens não continham qualquer alusão às intoxicações e não existe qualquer elo aparente entre as ofertas e aqueles horríveis acontecimentos.

David estava ouvindo com atenção. Perguntou:

– Quem foi que quis comprar as fazendas?

– Como poderíamos sabê-lo? Vi as cartas e elas apenas especificam que se as ofertas forem aceitas, o Sindicato terá que irradiar uma mensagem em código numa onda subetérica especifica. A mais, as cartas especificam que a cada mês, o preço oferecido será rebaixado de dez por cento.

– Não é possível investigar a proveniência das cartas?

– Receio que não. As cartas passam pelo correio geral com um carimbo de “Asteróide”. Como poderíamos vasculhar os Asteróides?

– E vocês notificaram a Polícia Planetária?

Benson riu baixinho.

– Você realmente imagina que o senhor Makian ou qualquer outro membro do Sindicato estada disposto a chamar a polícia num assunto destes? Eles consideram isto uma declaração de guerra pessoal. Você não sabe avaliar direito a mentalidade marciana, Williams. Aqui não costumamos chamar os agentes da lei quando temos dificuldades, a não ser que estejamos dispostos a admitir que se trata de algo que não conseguimos controlar pessoalmente. Nenhum agricultor jamais faria isto. Já sugeri que a informação fosse levada ao conhecimento do Conselho de Ciência, mas o senhor Makian não quis fazê-lo. Ele disse que o Conselho já estava investigando as intoxicações sem qualquer sucesso, e que se o Conselho era composto de imbecis, como parecia, ele preferia dispensar sua ajuda. A este ponto, eu entrei em cena.

– Quer dizer, o senhor também investiga o caso?

– Certo. Sou o agrônomo da fazenda.

– Foi o que o senhor Makian disse.

– Hum. Pela verdade, um agrônomo é uma pessoa especializada em agricultura específica. Estudei os princípios da conservação da fertilidade, da rotação das culturas e coisas assim. Sempre me especializei em problemas marcianos. Não existem muitos técnicos como eu e por isto podemos conseguir posições relativamente privilegiadas, apesar que os agricultores às vezes percam a paciência conosco e pensem que somos apenas um punhado de idiotas universitários sem qualquer noção prática. Entretanto, fiz também estudos de botânica e de bacteriologia, e assim o senhor Makian me encarregou de chefiar toda a investigação sobre as intoxicações aqui em Marte. Os outros membros do Sindicato estão cooperando conosco.

– O que foi que o senhor descobriu, senhor Benson?

– Para lhe dizer a verdade, minhas descobertas não superam as do Conselho de Ciência, mas isto não deve surpreender considerando a exigüidade do equipamento e dos meios a minha disposição. Entretanto, cheguei a desenvolver certas teorias. Pela rapidez da intoxicação, ela só pode ser provocada por toxinas bacterianas, especialmente se considerarmos a degeneração dos nervos e os outros sintomas presentes. E acho que se trata de bactérias marcianas.

– Mas elas ainda existem?

– A vida marciana *existe*, para seu governo. Quando os terrestres chegaram aqui, Marte estava repleto de formas simples de vida. Havia algas gigantes de uma cor verde-azulada que podiam até ser vistas com os telescópios, antes que fossem inventadas as viagens espaciais. Existiam também formas bacterianas de vida que viviam nas algas e até criaturas parecidas com insetos que se movimentavam livremente, mas ao mesmo tempo fabricavam seu próprio alimento, como as plantas.

– E estas formas de vida ainda existem?

Claro que sim. Em nossas fazendas, antes de preparar as áreas para o cultivo, eliminamos completamente tudo isto e espalhamos nossos próprios tipos de bactérias, tão necessárias ao cultivo. Mas nas áreas ainda selvagens, estas formas de vida marciana ainda continuam.

– De que forma elas poderiam afetar nossas próprias plantas?

– É uma boa pergunta. Sabe, o sistema de cultivo das fazendas marcianas não se parece em nada ao cultivo que você conhece lá, no seu planeta. Em Marte, os campos não são cultivados ao ar livre e debaixo do sol. O sol, aqui, não fornece calorias suficientes para as plantas terrestres e não temos chuva, Entretanto, existe um ótimo sol, muito fértil e há suficiente dióxido de carbono para alimentar as plantas. Por estes motivos, cultivamos debaixo de enormes chapas de vidro. A semeadura, o cultivo e a colheita são confiados a enormes máquinas quase totalmente automáticas, daí nossos trabalhadores são quase mais maquinistas do que

propriamente agricultores. As fazendas são irrigadas artificialmente através de uma rede de encana mentos que se espalha pelo planeta inteiro e chega até as geleiras das calotas polares.

Estou lhe explicando tudo isto pan que você entenda que normalmente seria muito difícil infectar as plantas. Os campos são fechados e guardados de todas as direções, menos embaixo.

– O que significa isto? – perguntou David.

– Significa que embaixo existem as famosas cavernas marcianas e que nelas podem viver marcianos inteligentes.

– O senhor quer dizer homens marcianos?

– Eu não disse homens. Podem porém ser organismos tão inteligentes como os homens. Tenho motivos para acreditar que existem inteligências Terrestres invasoras.

• 5 •
A hora do jantar

– Que motivos? – perguntou David.

Benson estava sem jeito. Passou uma mão sobre a cabeça, vagarosamente, alisando os escassos cabelos que não conseguiam sequer cobrir as áreas rosadas da careca. Falou: – Não conseguiria convencer o Conselho de Ciência com minhas argumentações. Aliás, não poderia confiar seus motivos a ninguém, nem mesmo ao senhor Makian. Entretanto, acredito que estou certo.

– Será que você poderia falar comigo?

– Ora, não sei. Sabe, há muito tempo que não falo com ninguém, a não ser trabalhadores dos campos. Pelo jeito, você evidentemente está formado. O que foi que você estudou?

– História – respondeu David sem hesitar. – Minha tese foi um estudo da política internacional no começo da era atômica.

– Ah, sim. – Benson pareceu desapontado. – Você não fez algum curso de ciências?

– Sim, dois cursos de química e um de zoologia.

– Estou vendo. Sabe, me ocorreu que poderia convencer o senhor Makian a deixar que você me ajude no laboratório. Não será um trabalho muito interessante, especialmente porque você não tem qualquer base científica, mas acho que poderá ser muito melhor que o que Hennes está planejando para você.

– Muito obrigado, senhor Benson. Mas o que me diz a respeito dos Marcianos?

– A coisa é bastante simples. Você pode ignorá-lo, mas debaixo da superfície do planeta existem enormes cavernas – provavelmente a uma profundidade de várias milhas. Sabemos a respeito através de dados colhidos durante terremotos, ou melhor, martemotos. Alguns pesquisadores afirmam que as cavernas se formaram pela ação das águas quando Marte ainda possuía oceanos, mas em seguida foram individuadas radiações cuja origem se encontra debaixo do solo, e cuja fonte não pode ser humana, mas ao mesmo tempo é inteligente. Os sinais captados são organizados de maneira ordeira, daí a fonte deve ser inteligente.

Se você refletir sobre o assunto, poderá ver que realmente tem sentido. No começo o planeta possuía água e oxigênio suficientes para a continuação da vida, mas com a gravidade equivalente a apenas dois quintos da gravidade da Terra, ambas as substâncias vazaram lentamente para o espaço. Se naquele tempo existiam Marcianos inteligentes, eles devem ter previsto o desfecho. É possível que construíram enormes cavernas no subsolo, onde poderiam se refugiar com bastante

ar e água para garantir a sobrevivência por um tempo indefinido, sobretudo mantendo estável o tamanho da população. Suponhamos agora que estes Marcianos descobriram que a superfície de seu planeta está mais uma vez sendo ocupada por uma vida inteligente – uma vida que vem de um outro planeta. Suponhamos que eles estejam ressentidos ou que receiem uma eventual interferência em seus domínios. O que nós chamamos de intoxicações alimentares pode ser simplesmente uma guerra bacteriológica.

David respondeu vagarosamente:

– Sim, percebo seu ponto de vista.

– Pois é, mas será que o Sindicato perceberia? Ou o Conselho de Ciência? Bom, deixe para lá. Breve você estará trabalhando para mim, e quem sabe, talvez consigamos convencê-los numa ocasião qualquer.

Sorriu e estendeu uma mão mole que logo desapareceu na grande mão de David Starr.

– Acho que agora eles o deixarão sair – falou Benson.

Foi o que aconteceu e, pela primeira vez, David teve oportunidade de observar o centro de uma fazenda marciana. Naturalmente, estava coberto por uma abóbada, como a cidade. Aliás, David percebera isto no mesmo instante em que recuperava a consciência. Não seria possível respirar livremente e se movimentar em condições de gravidade terrestre a não ser debaixo de uma abóbada energética.

Como era de se esperar, a abóbada seria muito mais baixa que a da cidade. Seu ponto mais alto tinha apenas trinta e cinco metros e sua estrutura translúcida era visível nos mínimos detalhes, com fileiras de luzes brancas fluorescentes predominando sobre a fraca luminescência solar.

Toda estrutura cobria aproximadamente uma meia milha quadrada.

Entretanto, David não teve muitas ocasiões de aumentar suas observações depois da primeira noite. A abóbada parecia estar apinhada de homens e todos deviam ser alimentados três vezes por dia. Sobretudo à noite, quando o trabalho terminava, parecia haver uma quantidade enorme de gente. David ficava impassível atrás do balcão enquanto a fila de agricultores passava em sua frente, segurando os pratos plásticos na mão. David descobriu que estes pratos eram fabricados especialmente para serem usados nas fazendas marcianas. Podiam ser moldados e fechados com apenas o calor de mãos humanas, todas as vezes que era necessário levar alimentos para o deserto. Assim fechados, estes pratos conseguiam proteger os alimentos contra a areia e ao mesmo tempo manter os alimentos quentes. No interior da abóbada, os pratos podiam ser alisados, tomando mais uma vez a forma original.

Os agricultores não prestavam muita atenção a David. Só Bigman acenava para ele, enquanto se movimentava entre as mesas, substituindo molheiras e galheteiros. O baixinho sofria pela sua perda de status, mas encarava a coisa de

maneira filosófica.

– Afinal, é apenas por um mês – explicou ao pessoal da cozinha enquanto assistia ao cozimento do picadinho do dia, e o cozinheiro-chefe estava ausente – e a maioria dos companheiros sabe disto e me facilita as coisas. É verdade que temos Griswold, Zukis e toda aquela cambada: aqueles ratos querem progredir na vida lambendo as botas de Hennes. Mas, pelo espaço. Por que vou me importar com isto? Só preciso ficar aqui durante poucas semanas.

Numa outra ocasião, falou:

– Não se preocupe se os garotos não lhe dão qualquer atenção. Você deve compreender que eles sabem que você é um Terrestre, mas eles não sabem que apesar de Terrestre, você é legal. Eu sei. Hennes vive me vigiando, e também Griswold, para ter certeza que não vou conversar com os garotos, caso contrário eles já saberiam a seu respeito. Mas acabarão por descobrir.

Mas isto levava tempo. Para David, o trabalho era sempre o mesmo: um agricultor e seu prato; uma colher de purê de batatas, uma concha de ervilhas, um bife pequeno (em Marte os alimentos animais eram mais escassos que os vegetais, porque a carne era importada da terra). A seguir, o agricultor apanhava uma fatia de bolo e uma xícara de café. A seguir, mais um agricultor e seu prato: mais uma colher de purê de batata, mais uma concha de ervilhas, mais um bife pequeno e assim por diante. Para eles, pelo jeito, David Starr era apenas um Terrestre com uma colher numa mão e um garfo na outra. Não possuía rosto: apenas uma colher e um garfo.

O cozinheiro apareceu na porta, com seus olhos pequenos brilhando no rosto gordo.

– Ei, Williams. Mexa-se! Leve comida para o refeitório especial.

Makian, Benson, Hennes e qualquer outro que fosse considerado digno por questões de serviço ou de ancianidade, comiam numa saleta à parte. Comiam em mesas e os pratos eram servidos. David já tivera que fazê-lo. Preparou os pratos especiais e os levou para a saleta com um carrinho de serviço.

Começou a passar calmamente de uma mesa para a outra, começando por aquela ocupada por Makian, Hennes e mais dois homens. Demorou-se um pouco na mesa de Benson. Benson aceitou o prato com um sorriso, perguntou:

– Como vai você? – e começou a comer com apetite. David, mostrando-se solícito, afastou migalhas imaginárias da mesa e murmurou sem quase mexer os lábios: – Já houve algum caso de intoxicação nesta fazenda?

Benson arregalou os olhos, observou David e imediatamente desviou o olhar. Tentou manter uma expressão indiferente. Sacudiu a cabeça.

– As verduras são marcianas, não é? – murmurou David.

Uma outra voz se ouviu na saleta. Era um berro raivoso do lado oposto.

– Pelo Espaço, seu idiota terrestre, mexa-se!

Era Griswold, com o rosto ainda coberto de barba por fazer. David imaginou que em certas ocasiões ele devia sem dúvida cortar aquelas cerdas, porque nunca pareciam crescer além de um certo comprimento. Mas ninguém conseguia ver Griswold de rosto escanhoado.

Griswold estava na última mesa. Quando David chegou ele ainda estava resmungando e parecia furioso.

Estirou os lábios.

– Traga estas baixelas, para cá, seu lavador de pratos. Depressa! Depressa!

David se aproximou, mas sem pressa, e a mão de Griswold, segurando um garfo, se levantou, querendo espetá-lo. David foi mais rápido, deu um passo para um lado e o garfo bateu ruidosamente contra a baixela plástica.

Equilibrando a baixela numa só mão, David segurou o pulso de Griswold com a outra. Começou a apertá-lo. Os outros três homens da mesa empurraram as cadeiras para trás e se levantaram.

A voz de David, baixa e fria, tinha volume suficiente para ser ouvida por Griswold. – Deixe cair o garfo e peça sua porção num tom decente, caso contrário vai recebê-la toda de uma vez só.

Griswold tentou se livrar, mas David continuou a segurá-lo com firmeza. Seu joelho mantinha a cadeira no lugar, impedindo a Griswold de empurrá-la para longe da mesa.

– Peça de maneira decente – repetiu David. Sorriu com falsa amabilidade. – Como um homem bem educado.

Griswold estava arfando. O garfo caiu de entre os dedos já insensíveis. Rosnou:

– Passe esta baixela para cá.

– Isto é tudo?

– Por favor. – Cuspiu as palavras.

David abaixou o prato e soltou o pulso do homem: a mão, desprovida do normal fluxo de sangue, estava branca. Griswold começou a massageá-la com a outra mão e depois procurou seu garfo. Olhou ao redor com expressão ameaçadora, mas só encontrou ironia ou indiferença nos olhos dos companheiros. A vida nas fazendas de Marte era muito dura: cada homem precisava cuidar de sua própria vida.

Makian estava de pé. Chamou:

– Williams!

David se aproximou.

– Senhor?

Makian não fez qualquer alusão direta ao acontecido mas ficou parado,

observando David com atenção, como se o visse pela primeira vez e estivesse gostando do que via. Perguntou: – Você gostaria de tomar parte na vistoria que faremos amanhã?

– A vistoria, senhor? O que é isto? – Lançou um olhar discreto à mesa. O bife de Makian tinha desaparecido, mas ainda sobravam as ervilhas e a maior parte das batatas. Obviamente, Makian não possuía o apetite de Hennes, cujo prato estava vazio.

– A vistoria é uma tarefa mensal, e atravessamos toda a fazenda para fiscalizar o crescimento das culturas. É um costume antigo. Vistoriamos também as chapas de vidro, para descobrir eventuais rachaduras, a seguir as condições e o funcionamento do encanamento de irrigação e a maquinaria, e logicamente procuramos sinais de eventuais furtos. Precisamos de todos os homens capazes disponíveis.

– Gostaria de ir, senhor.

– Muito bem. Acho que você é capaz. – Makian olhou Hennes que ficara a ouvir com uma expressão fria e indiferente. – Gosto do jeito deste rapaz, Hennes. Acho que poderemos transformá-lo num agricultor. E também acho, Hennes... – Makian baixou a voz e David se afastou, sem conseguir ouvir o resto. Entretanto, percebeu o rápido olhar que Makian lançou em direção da mesa de Griswold e compreendeu que as palavras não deviam ser um elogio, ao endereço daquele veterano agricultor.

David Starr percebeu o eco de um passo em seu próprio cubículo e agiu por reflexo, antes mesmo de acordar completamente. Deixou-se cair ao chão do lado oposto do catre e deslizou para baixo. Vislumbrou brevemente pés descalços brilhando pálidos na fraca luminescência das poucas lâmpadas que ficavam acesas no exterior. Estas lâmpadas ardiam a noite toda para evitar uma escuridão total e desagradável.

David esperou, ouviu o farfalhar dos lençóis remexidos enquanto uma mão procurava inutilmente sobre o catre e ouviu um sussurro:

– Terrestre! Terrestre! Pelo Espaço, onde é que...

David tocou num pé que imediatamente se afastou, enquanto alguém aspirava o ar ruidosamente

Houve um intervalo e depois uma cabeça, indistinta pela penumbra, se aproximou de seu rosto.

– Terrestre? Você está aqui?

– Onde é que você quer que eu esteja, Bigman? Eu gosto de dormir debaixo da cama.

O baixinho fungou e sussurrou contrariado: – Você poderia ter provocado um grito meu, e neste caso eu estaria em dificuldades. Preciso falar com você.

– Pode falar, é uma ótima ocasião – respondeu David, voltando para a cama e soltando uma risadinha.

Bigman observou:

– Por ser um Terrestre, você é um bichinho muito desconfiado.

– Claro que sim – disse David. – Pretendo continuar vivo por muito tempo ainda.

– Se você não tomar cuidado, não conseguirá.

– Não?

– Não. Sou uma besta por ter me arriscado a vir até aqui. Se alguém me apanhar, nunca terei meus papéis e referências. Mas você me ajudou quando eu precisava de ajuda, e agora chegou a hora de me desobrigar com você. O que foi que você fez com aquele piolho do Griswold?

– Tivemos um pequeno desentendimento no refeitório especial.

– Um pequeno desentendimento, hein? O homem estava espumando pela raiva. Hennes teve que fazer um grande esforço para controlá-lo.

– Você veio para me contar isto, Bigman?

– Em parte. Eles estavam atrás da garagem logo depois do apagar das luzes. Não sabiam que eu estava por perto, e eu não me manifestei. De qualquer forma, Hennes estava bronqueando com Griswold, em primeiro lugar por ter provocado você enquanto o Velho estava vendo, e em segundo lugar por não ter a capacidade de terminar o que começara. Griswold estava furioso demais para conseguir falar de maneira racional. Estava apenas gargarejando ameaças confusas contra você, ameaças de morte. Hennes falou que... – Parou. – Escute, você não me disse que Hennes não era suspeito?

– Eu acho que não é.

– E suas saídas noturnas...

– Você só o viu uma única vez.

– Uma vez basta. Se a saída era justificável, por que você não me conta como as coisas estão de verdade?

– Não estou autorizado a contar, Bigman, o assunto não me pertence, mas o homem estava autorizado.

– Neste caso, o que é que ele tem contra você? Por que ele não manda seus jagunços parar?

– O que é que você quer dizer com isto?

– Quero dizer que quando Griswold parou de variar, Hennes disse a ele para esperar. Disse que amanhã você estaria na caravana da Vistoria, e que então teria uma oportunidade. Então, pensei que estava na hora de avisá-lo, Terrestre. Você não deve fazer qualquer vistoria.

A voz de David continuou calma:

– Que oportunidade teria Griswold durante a vistoria? Hennes não especificou?

– Não ouvi mais nada. Eles se afastaram e não pude segui-los, eles poderiam me ver. Entretanto, acho que a coisa será mais do que clara.

– Talvez. Mas que tal tentarmos descobrir exatamente o que é que eles pretendem?

Bigman aproximou o rosto, como se quisesse ler a expressão de David apesar da penumbra.

– De que maneira?

David falou:

– Como é que você acha? Irei fazer a vistoria e vou dar aos rapazes a oportunidade de me mostrar o que pretendem fazer.

– Você não pode fazer isto. – Bigman quase se engasgou. – Você não saberia como se defender contra eles durante a vistoria. Você é um coitado de um Terrestre e não sabe nada a respeito de Marte.

– Neste caso – respondeu David com a maior fleuma – poderia ser um suicídio, não é? Vamos deixar como está para ver como fica. – Deu uma palmadinha no ombro de Bigman, virou-se para o outro lado e adormeceu em seguida.

• 6 •
Para a areia

A costumeira agitação do tempo de vistoria começou a se manifestar no interior da abóbada logo que as luzes fluorescentes começaram a ser acesas. Havia uma barulheira enorme e uma vasta correria. Os carros de areia foram tirados da garagem e enfileirados: cada agricultor começou a cuidar de seu próprio carro.

Makian ia de um grupo para o outro, sem parar muito em qualquer lugar. Hennes, com sua voz fria e penetrante, formou os grupos e anunciou as rotas pela enorme área da fazenda. Quando passou perto de David, parou.

– Williams – perguntou – você ainda pretende ir conosco?

– Não quero perder esta oportunidade.

– Está bem. Você não tem carro próprio e vou lhe entregar um carro de reserva. Do momento que eu lhe entregar este carro, ele será seu e terá que cuidar dele e mantê-lo em boas condições de funcionamento. Os consertos e os prejuízos que eu julgar poderiam ter sido evitados, serão pagos com seu dinheiro. Entendeu?

– Correto.

– Você ficará com o grupo de Griswold. Sei que você não se dá muito bem com ele, mas Griswold é nosso melhor homem nos campos e você é um Terrestre sem experiência. Não acho oportuno entregar você a um homem menos eficiente. Você sabe dirigir um carro de areia?

– Acho que sei dirigir qualquer veículo motorizado quando me acostumar com ele.

– Ah, você sabe? Terá oportunidade de demonstrar se realmente sabe. – Deu um passo, mas logo parou. Seus olhos brilharam e berrou: – Onde você pensa que está indo?

Bigman acabava de chegar. Vestia um macacão novo e suas botas brilhavam como espelhos. Os cabelos estavam ainda úmidos e seu rosto era limpinho e rosado. Respondeu arrastando as palavras: – Vou fazer a vistoria, Hennes – *senhor* Hennes. Não estou preso e ainda estou na categoria de agricultor licenciado, apesar de você ter me mandado para a casa da bóia. Isto significa que posso tomar parte na vistoria e significa também que tenho direito a dirigir meu antigo carro e trabalhar com o meu time.

Hennes encolheu os ombros. – Já tinha ouvido dizer que você gosta de ler e reler o regulamento. Mais uma semana, Bigman, só mais uma semana. Quando ela terminar, nunca mais mostre seu nariz em qualquer parte do território que pertence a Makian. Se você aparecer, vou encarregar um homem de verdade de pisar em você e de amassá-lo como se amassa uma barata.

Quando Hennes virou as costas, Bigman o ameaçou com o braço e depois olhou para David. – Terrestre, você alguma vez já usou um protetor de nariz?

– Na verdade, nunca. Mas já ouvi falar a respeito.

– Ouvir é diferente que usar. Pedi um para você no almoxarifado. Deixe que eu lhe mostre como colocá-lo. Não, não, afaste seus polegares daqui. Observe como coloco minhas mãos. Isto. Assim está certo. Agora calce-o na cabeça e cuide que as tiras não fiquem enroladas na nuca, isto poderia provocar uma vasta enxaqueca. Agora, você consegue enxergar?

A parte superior do rosto de David ficou transformada numa monstruosidade de plástico, e os dois tubos que do cilindro de oxigênio ficavam a lhe subir pelo queixo lhe tiravam toda a aparência humana.

– Você sente alguma dificuldade ao respirar? – perguntou Bigman.

David estava se esforçando para conseguir um pouco de ar. Arrancou o capacete protetor.

– Como é que a gente liga isto? Não vejo qualquer regulador.

Bigman soltou uma gargalhada. – Eu só estava lhe devolvendo o susto que você me deu durante a noite. Você não precisa de regulador. Os cilindros começam a soltar automaticamente o oxigênio no momento em que o calor e a pressão de seu rosto desengatam o contato. Quando você tira o protetor o contato desliga automaticamente.

– Neste caso, este protetor está com defeito. Eu...

– Não há qualquer defeito. A alimentação só começa quando o gás recebe um quinto da pressão normal, para se equiparar com a pressão atmosférica de Marte, e você não consegue respirar o oxigênio do tanque aqui, porque está lutando contra a pressão normal da atmosfera terrestre. Quando chegarmos ao deserto, funcionará perfeitamente. E também será suficiente porque apesar de ter apenas um quinto da pressão normal, trata-se de oxigênio puro. Você terá todo o oxigênio que precisar. Mas lembre-se de uma coisa: respire com o nariz, mas expire com a boca. Se você soltar o ar pelo nariz, a chapa em frente de seus olhos ficará embaçada, e isto não é vantagem.

Caminhou em volta de David, observando sua estatura alta e musculosa. Sacudiu a cabeça.

– Realmente não sei o que fazer a respeito de suas botas. Imagine só, em preto e branco. Você parece um lixeiro ou coisa assim. – Olhou com evidente prazer para suas próprias botas, que ostentavam um fantástico desenho em vermelho e verde claro.

David falou:

– Vou me agüentar. Agora acho melhor você voltar para seu carro. Pelo jeito, vamos sair.

– Você adivinhou. Então, fique calmo. Cuidado com a mudança de gravidade. Ë meio difícil para quem não está acostumado. E escute, Terrestre...

– Sim?

– Fique de olhos bem abertos. Você já sabe por que.

– Obrigado. Não me descuidarei.

Os carros de areia estavam agora se reunindo e formando quadrados de nove carros. Ao todo, havia mais de cem e em cada um estava um agricultor, observando atentamente os controles e os pneus. Todo carro ostentava letreiros que queriam ser humorísticos; O carro de David estava cheio de escritas deixadas por meia dúzia de motoristas anteriores. Na frente, a ponta do carro que se parecia com a ponta de uma bala, levava a escrita: “Cuidado, moças” e no pára-lama traseiro se via o aviso: “Isto não é uma tempestade de areia, sou apenas eu.”

David entrou no carro e fechou a porta, que se encaixava perfeitamente. Aliás, as juntas eram invisíveis. Acima de sua cabeça se encontrava uma fenda com duplo filtro que permitia a equiparação da pressão do ar dentro e fora do veiculo. O pára-brisa não era completamente transparente, parecia levemente embaçado, sinal que o carro já tinha superado um bom número de tempestades de areia. Os controles não apresentavam grandes dificuldades. David achou que se pareciam com os controles básicos de qualquer carro. Os poucos botões sem indicação mostraram sua utilidade quando tentou acioná-los.

Griswold passou ao seu lado e começou a gesticular furiosamente. David abriu a porta.

Griswold berrou: – Abaixe o pára-brisa, idiota! Não estamos indo para uma tempestade de areia.

David procurou o botão apropriado e o encontrou na própria direção. Os segmentos do pára-brisa, que pareciam soldados com o metal, se soltaram e desceram no alvéolo apropriado. A visibilidade melhorou. Pois é, pensou David. A atmosfera de Marte não ia produzir ventos que poderiam perturbar e a mais, este era o verão marciano. Não sentiria muito frio.

Uma voz gritou:

– Ei, Terrestre! – Olhou. Bigman acenou com a mão. Ele também estava no grupo de nove comandado por Griswold. David também acenou.

Uma seção de abóbada se ergue. Nove carros passaram pela abertura, procedendo devagar. A seção voltou a se fechar atrás deles. Passaram alguns minutos e a seção voltou a se levantar. Mais nove carros passaram pela abertura.

A voz de Griswold berrou de repente próxima aos ouvidos de David. Quando virou a cabeça, viu o pequeno receptor no teto do carro, logo atrás de sua cabeça. O microfone estava embutido no centro do volante.

– Esquadrão oito, todos prontos?

As vozes responderam uma atrás da outra: – Carro um, pronto.

– Carro dois, pronto. – Carro três, pronto. – Depois do sexto carro houve um pequeno intervalo de poucos segundos, e logo David falou: – Carro sete, pronto. – Seguiu-se uma outra voz: – Carro oito, pronto. – E a voz estridente de Bigman foi a última: – Carro nove, pronto.

A seção da abóbada estava se levantando mais uma vez e os carros na frente de David começaram a se movimentar. David pisou com cuidado no resistor, deixando a eletricidade entrar no motor. O carro de areia pulou para frente, quase atingindo a traseira de um outro. David tirou o pé do resistor e sentiu o carro estremecer. Com mais cuidado ainda conseguiu movimentá-lo e passou pela abertura. A seção voltou a se fechar, deixando os carros no interior de uma espécie de túnel.

David começou a perceber o silvo do ar que era bombeado para a abóbada. Seu coração começou a bater com violência, mas as mãos continuaram firmes sobre a direção.

As roupas começaram a se afastar de seu corpo e o ar saía no ponto em que a bota apoiava no alto da coxa. Mãos e queixo formigavam. Pressentiu um certo inchaço. Engoliu várias vezes para aliviar a dor nos ouvidos. Dentro de cinco minutos estava arfando, sem conseguir oxigênio suficiente para seus pulmões.

Os outros estavam calçando os capacetes e ele os imitou. Desta vez, o oxigênio subiu facilmente pelas narinas. Respirou profundamente, soltando o ar pela boca. Seus braços e os pés ainda formigavam, mas a sensação estava desaparecendo.

Agora a seção na frente estava se abrindo e as areias lisas e avermelhadas de Marte brilharam na fraca luz do sol. Ao mesmo tempo oito vozes gritaram juntas:

– Para a areia!

Os primeiros carros começaram a se movimentar.

Era o grito tradicional dos agricultores, e no ar fino de Marte o som ecoou alto e fino.

David pisou no resistor e vagarosamente atravessou a linha que marcava o limite entre a abóbada de metal e o solo de Marte.

Então, aconteceu.

A repentina mudança de gravidade foi como uma queda rápida de trezentos metros de altura. Enquanto atravessava a linha, sessenta quilos de peso de seu total de cem desapareceram, e teve a impressão que a saída do peso estava acontecendo pelo seu estômago. Agarrou- se na direção enquanto persistia aquela sensação de cair, cair, cair. O carro de areia ziguezagueava descontrolado.

Ouviu a voz de Griswold que continuava rouca mesmo naquele ar fino:

– Carro sete, volte ao seu lugar!

David lutou com a direção, lutou contra suas próprias sensações, lutou para conseguir enxergar claramente. Aspirava com força o oxigênio e de repente o pior começou a passar.

Podia ver Bigman que olhava ansiosamente para o seu lado. Soltou uma mão da direção para lhe fazer um aceno e depois se concentrou no caminho.

O deserto marciano era quase completamente liso e vazio. Não havia qualquer vegetação. Esta área em que se encontravam já estava assim há muitos milhares de anos, quem sabe, até milhões. De repente surgiu-lhe a dúvida que podia estar errado. Talvez as areias deste deserto tinham uma camada de micro-organismos verdes-azulados, até que os Terrestres chegaram e fizeram suas queimadas para estabelecer as fazendas.

Os carros em sua frente levantavam uma leve poeira que subia vagarosamente e depois descia com a mesma mole lentidão. Parecia uma cena de um filme em câmara lenta.

O carro de David procedia mal. Aumentou a velocidade e viu que alguma coisa não estava certa, Os outros, na frente, conseguiam manter os carros rente ao chão, mas o seu pulava como uma lebre. Qualquer imperfeição mínima do sol, qualquer pedra fazia levantar o carro no ar enquanto as rodas assobiavam virando vazias. A seguir, o carro descia vagarosamente e prosseguia aos trancos enquanto as rodas voltavam a entrar em contato com o solo.

Começou a ficar para trás e quando tentou acelerar mais uma vez, os pulos pioraram. Naturalmente era uma conseqüência da baixa gravidade, mas os outros pareciam conseguir compensá-la. Ficou a pensar de que jeito.

Estava começando a sentir o frio. Apesar de ser verão, sabia que a temperatura era de poucos graus acima de zero. Podia olhar diretamente para o sol lá em cima. Era um sol diminuto num céu arroxeado, onde ainda se viam duas ou três estrelas. O ar era fino demais para obliterá-las, para refratar a luz de tal maneira que pudesse formar o azul do céu da Terra,

Voltou a ouvir a voz de Griswold – Carro um, quatro e sete, para a esquerda. Carro dois, cinco e oito para o centro. Carro três, seis e nove para a direita. Os carros dois e três ficarão no comando de suas sub-seções.

O carro de Griswold, o número um, estava começando a virar para a esquerda e David, ao segui-lo com os olhos, percebeu uma linha escura no horizonte. O carro quatro estava atrás do carro um e David virou a direção para a esquerda para fazer a mesma curva.

Estava totalmente desprevenido para enfrentar o que aconteceu a seguir. Seu carro derrapou tão de repente que não teve tempo de preveni-lo. Agarrou-se na

direção, virando-se em sentido contrário. Bloqueou as rodas e ouviu o som áspero da derrapagem enquanto desligava a energia. O deserto girava em sua volta enquanto o carro continuava a deslizar.

Ouviu então o grito de Bigman:

– Pise na tração de emergência! Está logo à direita do resistor.

David procurou desesperadamente a tração de emergência, o que quer que fosse, mas seus pés doloridos não encontravam qualquer coisa. A linha escura no horizonte apareceu em frente e logo desapareceu. Estava muito mais clara e mais larga. Mesmo aquele rápido vislumbre foi suficiente para revelar sua verdadeira natureza. Era uma das fissuras de Marte, muito reta e comprida. Como as outras fissuras, muito mais numerosas, na Lua da Terra, tratava-se de uma fenda na superfície do planeta, originada no tempo em que o planeta estava ressecando, há muitos milhões de anos. Tinham larguras que chegavam a trinta e poucos metros e até aquele momento homem nenhum chegara a medir suas profundidades.

– É um botão cor-de-rosa, meio largo! – berrou Bigman mais uma vez. – Pise firme em todas as direções!

David seguiu o conselho e de repente algo cedeu debaixo de sua sola. A giração rápida do carro de areia se transformou num estremecimento saltitante e violento. A poeira subiu numa nuvem em sua volta, escurecendo tudo.

Inclinou-se sobre a direção e esperou. O carro estava desacelerando. Finalmente parou.

David apoiou os ombros e esperou durante alguns segundos. A seguir tirou o protetor do nariz, limpou a superfície interna enquanto o frio irritava seus olhos e suas narinas, e voltou a colocar o capacete. Suas roupas estavam cobertas de uma camada de poeira cinza-avermelhada, como também seu queixo. Sentia a poeira sobre os lábios secos, e o interior do carro estava todo sujo.

Os outros dois carros de sua sub-seção se aproximaram e pararam ao seu lado. Griswold saiu de um deles, com o rosto peludo ainda mais repugnante por causa do capacete protetor. David compreendeu naquele instante por que as barbas gozavam de tamanha popularidade entre os agricultores. Ofereciam uma proteção adicional contra o vento frio e cortante de Marte.

Griswold estava rosnando, mostrando seus dentes amarelados e quebrados. Falou:

– Terrestre, o conserto deste carro de areia será deduzido de seu salário. Hennes já lhe avisou.

David abriu a porta e desceu, O carro realmente estava em péssimas condições. Os pneus estavam rasgados e além deles se projetavam enormes dentes metálicos, que evidentemente representavam a “tração de emergência”.

Respondeu:

– Ninguém deduzirá nem um centavo de meu salário, Griswold. Este carro já estava com defeito.

– Pois não. O único defeito deste carro é seu motorista. Um motorista idiota e incapaz.

Um outro carro chegou e parou chiando. Griswold se virou. As cerdas em seu rosto ficaram arrepiadas.

– Saia daqui, seu percevejo! Vá trabalhar!

Bigman pulou do carro.

– Antes quero dar uma olhada no carro do Terrestre.

Na atmosfera marciana Bigman pesava menos que quinze quilos: com um único pulo chegou ao lado de David. Agachou-se e logo se endireitou. Perguntou:

– Onde estão os estabilizadores pesados, Griswold?

– O que é isto, Bigman? – perguntou David.

O baixinho falou apressadamente:

– Quando a gente leva estes carros de areia para as áreas de baixa gravidade, colocamos vigas com trinta centímetros de espessura sobre cada eixo. São tiradas quando a gente volta à alta gravidade. Sinto muito, companheiro, mas nunca imaginei que poderia ser isto que...

David mandou que se calasse. Estirou os lábios. Isto explicava porque seu carro flutuava a cada desnível mesmo pequeno, enquanto os outros progrediam bem rente ao solo. Olhou para Griswold.

– Você sabia que não havia estabilizadores pesados?

Griswold praguejou:

– Todo homem é responsável por seu próprio carro. Se você não percebeu que não havia estabilizadores, trata-se de negligência sua.

Todos os carros tinham se aproximado. Em volta dos três, estava se formando um círculo de homens barbudos que não perdiam uma sílaba, mas não interferiam.

Bigman estrilou: – Você não passa de um pedaço de sílica. Este homem é um novato. Ele não podia saber que...

– Cale a boca, Bigman – interrompeu David. – Este assunto é meu. Griswold, vou perguntar pela segunda vez: você sabia que faltavam os estabilizadores?

– Já disse, Terrestre: no deserto é cada um para si mesmo. Não estou disposto a pagá-lo.

– Muito bem. Então vou cuidar de mim agora mesmo. – David olhou ao redor: estavam quase na margem da fissura. Se tivesse derrapado mais dez metros, já estaria morto. – Entretanto, você terá que cuidar de si próprio também, porque vou tomar seu carro. Se quiser, pode voltar à fazenda com o meu, ou pode ficar aqui,

se preferir.

– Por Marte. – A mão de Griswold caiu até o quadril e do circulo de homens em volta chegou um grito uníssono.

– Luta honesta! Luta honesta!

As leis do deserto marciano eram duras, mas existiam limites para condições que eram consideradas desonestas. Estes limites eram respeitados e obrigatoriamente obedecidos. Somente este tipo de precauções recíprocas podiam proteger qualquer homem de eventuais ataques nas costas com facas energéticas ou desintegradores.

Griswold observou os rostos duros ao redor e falou:

– Vamos acertar isto na abóbada. Agora voltem ao trabalho.

David disse:

– Vou me encontrar com você na abóbada, se você quiser. Agora, porém, me deixe passar.

Avançou sem pressa e Griswold arredou.

– Seu novato estúpido. Ninguém pode dar socos em capacetes protetores. O que é que você tem no lugar do cérebro?

– Neste caso, basta você tirar o capacete – respondeu David. – Vou tirar o meu também. Enfrente-me numa luta honesta, se puder.

– Uma luta honesta! – gritou o circulo de homens e Bigman berrou: – Aceite ou deixe para lá, Griswold. – Com um pulo se aproximou de Griswold e arrancou o desintegrador de seu quadril.

David levantou a mão até o capacete.

– Está pronto?

Bigman gritou:

– Vou contar até três!

Os homens falavam confusamente. Estavam esperando, excitados. Griswold olhou ao redor, sem saber o que fazer.

Bigman estava contando:

– Um...

Quando ouviu “três”, David tirou tranqüilamente o capacete e o jogou para um lado, junto aos cilindros de oxigênio. Parou assim, indefeso, segurando o fôlego no meio da irrespirável atmosfera de Marte.

• 7 •

Bigman faz uma descoberta

Griswold ficou imóvel com o capacete a lhe cobrir o rosto. Os espectadores começaram a murmurar ameaças.

David se mexeu com a velocidade que julgava apropriada, experimentando alguns passos naquela gravidade diferente. Estendeu um braço (teve a impressão de estar se movimentado dentro d'água) e socou o ombro de Griswold. Evitou o joelho do agricultor, desviando-se para o lado. Uma mão alcançou o queixo de Griswold, agarrou o protetor e o arrancou.

Griswold quis impedi-lo e esboçou um grito, logo abafado, para não perder ainda mais fôlego. Afastou-se de David e começou a girar em sua volta.

David tinha respirado pela última vez há quase um minuto. Seus pulmões já sentiam falta. Griswold, com seus olhos avermelhados, se encolheu e se aproximou de David. Movia-se com agilidade sobre suas pernas elásticas. Estava acostumado com a baixa gravidade e sabia como se avantajar com ela. David chegou à desagradável conclusão que talvez ele próprio não o conseguisse fazer. Bastaria um gesto rápido e descontrolado e ficaria estatelado no chão.

O esforço ficava mais pesado a cada segundo que passava. David mantinha-se fora de alcance e observava o rosto torcido de Griswold ficar mais rígido e atormentado. Precisava esperar que o agricultor chegasse ao limite extremo de sua resistência. David possuía os pulmões de um atleta. Griswold comia demais e bebia demais para conseguir se manter em boa forma. Percebeu a beirada da fenda. Estava a pouco mais de um metro atrás dele: era pedra lisa e caía perpendicularmente. Griswold estava tentando empurrá-lo naquela direção.

Não continuou a arredar. Dentro de dez segundos Griswold seria obrigado a atacá-lo. Não poderia não o fazer.

E Griswold atacou.

David se deixou cair para um lado e resistiu ao outro com o ombro. Rodopiou com a força do impacto e usou o rodopio para acompanhar o arremesso de seu punho que apanhou Griswold na articulação da maxila.

Griswold cambaleou sem conseguir recuperar o equilíbrio. Soltou o ar ruidosamente e encheu os pulmões com uma mistura de argônio, neon e dióxido de carbono. Começou a desmoronar vagarosamente. Juntando suas últimas energias, tentou se erguer, quase conseguiu, voltou a perder o equilíbrio, tropeçou para frente tentando recuperá-lo...

Os ouvidos de David ecoavam de gritos confusos. Estava surdo e cego para tudo que não fosse seu capacete no chão, e com pernas que tremiam caminhou

em direção do carro. Obrigou seu corpo sofrido e sedento de oxigênio a se movimentar lentamente e com dignidade enquanto afivelava os cilindros e colocava o capacete protetor. Só então aspirou profundamente e estremecendo uma quantidade de oxigênio que penetrou em seus pulmões como água fresca num estômago ressequido.

Durante um minuto inteiro só conseguiu respirar, e seu peito amplo se estufava e esvaziava com ritmo rápido. Finalmente, abriu os olhos.

– Onde está Griswold?

Estavam todos em sua volta e Bigman mais adiante que todos.

Bigman pareceu surpreso.

– Você não viu?

– Consegui fazê-lo cair. – David olhou ao redor, mas não viu Griswold.

Bigman, com a mão, fez um gesto para baixo.

– Dentro da fenda.

– O que? – David encrespou a testa debaixo do capacete. – Esta é uma piada de mal gosto.

– Não, não! Pulou na fissura como um mergulhador! Pelo Espaço! Ele mesmo leva a culpa! Foi um caso indiscutível de defesa própria, Terrestre! Todos estavam falando de uma só vez.

David disse:

– Esperem um pouco, o que foi que aconteceu? Quer dizer que eu o joguei lá dentro?

– Nada disto, Terrestre. – protestou Bigman. – Não foi você. Você o atingiu com o soco e o piolho caiu. Ai, tentou se levantar. Voltou a cair e quando tentou recuperar o equilíbrio, deu um pulinho para frente, mas estava cego demais para ver o que se encontrava em sua frente. Tentamos alcançá-lo, mas não deu tempo e ele mergulhou. Se Griswold não tivesse se esforçado tanto de levar você até a beirada da fissura, para poder empurrar você para baixo, tudo isto não teria acontecido.

David olhou para os homens. Os homens devolveram o olhar.

Finalmente, um deles esticou a mão.

– Boa luta, agricultor.

As palavras careciam de ênfase, mas significavam sua aceitação, e resolveram o impasse.

Bigman soltou um uivo de triunfo, pulou subiu três metros no ar e desceu vagarosamente com as pernas se abrindo e se entrecruzando, num passo de balé que dançarino nenhum conseguiria repetir na gravidade terrestre. Os outros fecharam ainda mais o círculo. Homens que até aquele momento só chamavam David de “Terrestrinho” ou de “ei, você”, ou até evitavam de falar com ele, estavam batendo

em seus ombros e em suas costas, repetindo sem parar que David era um homem cujos feitos só poderiam enaltecer Marte.

Bigman estrilou:

– Homens, vamos continuar com a vistoria. Será que precisamos de Griswold para nos dizer o que fazer?

A resposta chegou com um único uivo:

– Não!

– Então, mão à obra. – Entrou no carro com um pulo.

– Vamos, agricultor – gritaram os homens olhando para David que pulou no carro de Griswold e ligou o motor.

Mais uma vez o grito:

– Para a areia! – ecoou, ondulante e estridente, pela planície do deserto marciano.

A notícia foi transmitida depressa pelos rádios dos carros, espalhando-se pelos espaços vazios entre as áreas cobertas de vidro da fazenda. Enquanto David dirigia seu carro pelos corredores entre as paredes de vidro, o fim de Griswold estava sendo conhecido nos cantos mais afastados da fazenda.

Os oito agricultores remanescentes da ex-subseção de Griswold voltaram a se reunir mais uma vez na luz avermelhada do crepúsculo marciano e tomaram o rumo da abóbada. Quando chegaram, David descobriu que já era famoso.

Naquele dia não houve jantar no refeitório. Os homens já tinham comido no deserto antes de tomar o caminho de volta, e por este motivo, meia hora depois do término da vistoria, todos se aglomeraram em frente à Casa Grande.

Ninguém podia duvidar que a estas alturas Hennes e o próprio Velho já tivessem ouvido a respeito da luta. Havia bastante representantes do "grupo de Hennes", quer dizer, homens contratados depois que Hennes se tornara capataz e cujos interesses estavam definitivamente ligados aos interesses de Hennes, para garantir que as notícias chegassem aos ouvidos deles. Por conseguinte os homens esperavam com uma certa satisfação.

Isto não dependia especialmente do fato deles odiarem Hennes. O capataz era eficiente e não costumava ser brutal. Entretanto, não gostavam dele. Ostentava uma atitude fria e distante e carecia da habilidade de criar um bom relacionamento social com os homens, como tinham feito os capatazes anteriores. Era um grave defeito em Marte, onde não existiam distinções sociais, e os homens ficavam ressentidos. E Griswold nunca gozara de popularidade.

Considerando tudo, o acontecimento provocava muito mais excitação que qualquer outro fato acontecido naquela fazenda de Makian durante os últimos três

anos marcianos. O ano marciano equivale a dois anos terrestres, menos um mês.

Quando David chegou, ouviu-se uma ovação e gritos e logo encontraram um espaço para ele ficar. Mesmo assim, um pequeno grupo se manteve afastado, em atitude hostil.

A ovação foi ouvida no interior da casa, porque logo a seguir apareceram Makian, Hennes, Benson e alguns outros. David se aproximou do início da rampa que levava à entrada e Hennes também chegou até a rampa, onde parou, olhando para baixo.

David falou:

– Senhor, vim para explicar o incidente de hoje.

Hennes respondeu tranqüilo:

– Um valioso funcionário das fazendas Makian desapareceu hoje, depois de lutar com você. Suas explicações podem anular este fato?

– Não, senhor, mas este homem, Griswold, foi derrotado numa luta honesta.

Uma voz se elevou na multidão:

– Griswold tentou matar o rapaz. *Acidentalmente*, esqueceu-se de mandar colocar estabilizadores pesados no carro do rapaz. – Gargalhadas sarcásticas explodiram em vários pontos.

Hennes empalideceu. Cerrou os punhos:

– Quem disse isto? Seguiu-se um silêncio total, interrompido de repente por uma vozinha queixosa logo na primeira fila:

– Por favor, professor, não fui eu. – Bigman ficou parado com as mãos entrelaçadas, olhando modestamente para o chão.

Os homens caíram na gargalhada que foi demorada e trovejante.

Hennes conseguiu se controlar com um grande esforço. Perguntou a David:

– Você alega que houve uma tentativa para matá-lo?

David disse:

– Não senhor, eu apenas afirmo que houve uma luta honesta, às vistas de sete agricultores. Um homem que se decide a lutar honestamente deve também querer ganhar da melhor maneira possível. Será que o senhor deseja mudar as regras?

A audiência soltou um rugido de aprovação. Hennes olhou ao redor. Gritou:

– Lastimo que vocês, homens, estejam sendo enganados e levados a cumprir ações que mais tarde provocarão seu arrependimento. Agora, todos vocês, voltem ao trabalho e fiquem certos que sua atitude desta noite não será esquecida. A mais, vamos considerar seu caso, Williams. A coisa não acaba aqui.

Virou as costas e entrou na Casa Grande. Os outros o seguiram depois de

uma breve hesitação.

Na manhã seguinte, bem cedo, David foi chamado no escritório de Benson. Tinha passado a noite numa grande festa, da qual resultou impossível se esquivar, e estava bocejando enquanto inclinava a cabeça para não esbarrar na padieira da porta.

Benson disse:

– Entre, Williams. – Estava metido num avental branco e no escritório havia um cheiro animal muito característico, por causa das gaiolas cheias de ratos e de hamsters Sorriu: – Você parece estar com muito sono. Sente-se.

– Obrigado – respondeu David. – Realmente estou com sono. Em que posso lhe ser útil?

– A questão é: em que eu posso lhe ser útil, Williams. Você está em má situação, e ela poderia piorar ainda. Receio que você ignore as reais condições em Marte. O Senhor Makian tem plenos poderes legais e pode mandar desintegrar você, se ele acreditar que a morte de Griswold foi um assassinato.

– Sem qualquer processo?

– Não, mas Hennes seria capaz de encontrar doze agricultores que sem majores dificuldades interpretariam sua opinião pessoal.

– Neste caso, ele provocaria o descontentamento dos outros agricultores, o senhor não acha?

– Sim, eu sei. Já expliquei isto a Hennes, mais e mais vezes, ontem à noite. Não pense que eu me dou bem com Hennes. Na minha opinião, ele tem atitudes excessivamente ditatoriais, e está agarrado às suas próprias idéias, como aquelas investigações particulares que já mencionei. O senhor Makian concordou comigo. Entretanto, você compreende que ele deve deixar a Hennes o trato direto com os homens e foi por isto que ontem não interferiu. Mais tarde o senhor Makian, porém disse claramente a Hennes que não era sua intenção assistir tranqüilamente à destruição de sua fazenda por causa de um canalha imbecil como Griswold. Hennes teve que prometer de deixar as coisas correrem por algum tempo. Lembre-se porém que Hennes não vai esquecer o assunto, e você não poderia ter inimigo pior.

– Vou ter que me arriscar, não é mesmo?

– Pois é, mas podemos reduzir este risco ao mínimo, Você poderia ser muito útil aqui, mesmo sem treinamento científico, sabia? Poderia alimentar os animais e limpar as gaiolas. Poderia lhe ensinar a anestesiar e aplicar injeções. Não será muito trabalho e evitaria qualquer encontro com Hennes, prevenindo ao mesmo tempo qualquer perturbação entre os homens. Você sabe que não podemos nos arriscar neste momento. Você está disposto a trabalhar comigo?

David respondeu com a maior seriedade:

– Receio que socialmente isto seria o equivalente a uma perda de *status*, considerando que ontem os rapazes me proclamaram um agricultor com todos os direitos.

O cientista franziu o cenho.

– Ora, vamos, Williams. Você não está levando isto a sério, não é? Agricultor. Hum. Trata-se apenas de um apelido pomposo para um braçal agrícola não especializado. Seria tolice você levar a sério estas confusas noções de status social. Escute: trabalhando aqui, você poderia ajudar a desvendar o mistério das intoxicações; poderia vingar a morte de sua irmã. Afinal, foi por isto que você veio a Marte, não é?

– Está bem, vou trabalhar com o senhor – disse David.

– Ótimo! – O rosto redondo de Benson se esticou num sorriso de alívio.

Bigman enfiou o rosto da porta com muito cuidado. Sussurrou:

– Ei!

David se virou e trancou a portinha da gaiola.

– Olá, Bigman.

– Benson está por aqui?

– Não, já foi embora e não vai voltar.

– Perfeito. – Bigman entrou, pisando com cuidado, como querendo evitar qualquer contato, mesmo acidental, entre suas roupas e qualquer objeto do laboratório.

– Não vai me dizer que você tem alguma coisa contra o Benson!

– Quem, eu? Ele é apenas um pouco... você sabe. – Bateu um dedo na têmpora. – Qual é o homem adulto que viria para Marte para brincar com bichinhos? Ainda por cima, ele não desiste de dar palpites sobre como plantar e como colher, O que é que ele sabe? Ninguém pode aprender agricultura marciana numa universidade terrestre. Tudo isto só serviu para ele pensar que é melhor do que nós. Você entende o que eu quero dizer? De vez em quando a gente precisa lhe explicar onde é seu lugar.

Observou David com expressão contrafeita. – E agora, olhe para si próprio. Ele conseguiu enfiar você dentro de uma camisola e mandou que fosse babá de camundongos. Como é que você aceita?

– É só por algum tempo – explicou David.

– Está bem. – Bigman ficou pensativo, depois esticou a mão, meio sem jeito. – Queria me despedir de você.

David apertou a mão.

– Você vai embora?

– Meu mês terminou. Já consegui todos os meus papéis, isto me ajudará a

conseguir um emprego melhor em qualquer outro lugar. Estou satisfeito por ter tido a oportunidade de conhecê-lo, Terrestrinho. Talvez quando seu tempo aqui terminar, poderemos nos encontrar de novo. Você não há de querer continuar a trabalhar para Hennes.

– Espere um minuto – David não soltou a mão de Bigman. – Você vai para Wingrad City, não é mesmo?

– Sim, vou procurar um emprego.

– Muito bem, Esperei uma semana por uma ocasião destas. Não posso sair da fazenda, Bigman. Você poderia me fazer um favor?

– Claro que sim! Diga-me o que.

– É uma coisa um pouco arriscada Seria necessário voltar aqui em seguida,

– Está certo. Não tenho medo de Hennes. A mais, existem maneiras para nos encontrarmos que ele desconhece. Fiquei nas fazendas de Makian por mais tempo do que ele.

David obrigou Bigman a se sentar, depois se agachou ao seu lado e abaixou a voz a um murmúrio. – Escute, na esquina da rua Canal e com a rua Phobos existe uma livraria. Quero que você vá buscar alguns livros-filmes e um projetor para mim, As informações que servem a encontrar os filmes apropriados estão neste envelope selado e...

Bigman estendeu o braço e agarrou a manga direita de David, empurrando-a para cima.

– Ei, o que você pensa que está fazendo? – perguntou David.

– Quero ver uma coisa – respondeu Bigman respirando com dificuldade. O pulso de David estava descoberto e ele o mantinha virado para cima, observando a pele com atenção concentrada.

David não fez qualquer esforço para retirar o braço e observou a cena com a maior despreocupação.

– Posso saber o que é que você procura?

– É o pulso errado – resmungou Bigman.

– É mesmo? – David se livrou das mãos de Bigman sem qualquer esforço e mostrou o outro pulso. – O que é que você queria ver?

– Você sabe muito bem o que eu queria ver. Desde que você chegou aqui, pensei que seu rosto me era familiar. Não conseguia me lembrar onde o tivesse visto. Estou decepcionado comigo mesmo. Quem poderia ser o Terrestre que, ao chegar em Marte, poderia ser qualificado à mesma altura de qualquer agricultor nativo em menos de um mês? Tive que esperar que você me encarregasse de uma encomenda na Livraria do Conselho de Ciência para me lembrar de vez.

– Ainda não estou compreendendo, Bigman.

– Eu penso que você me entende perfeitamente, David Starr. – A satisfação de Bigman era tamanha que quase gritou o nome.

• 8 •
Reunião noturna

David falou:

– Quieto, homem.

Bigman baixou a voz.

– Vi você muitas vezes no video-noticiário. Não entendo, porém, que o sinal não aparece em seus pulsos. Ouvi dizer que todos os membros do Conselho estavam marcados.

– Quem lhe falou a respeito? E quem lhe disse que a livraria na esquina de Canal e *Phobos* pertence ao Conselho de Ciência?

Bigman corou.

– Procure não menosprezar um agricultor, meu senhor. Vivi na cidade. Também freqüentei escolas.

– Peço desculpas, isto não estava em minhas intenções. Você ainda está disposto a me ajudar?

– Não, até que você me explique a respeito de seus pulsos.

– Isto não é difícil. Trata-se de uma tatuagem incolor, que escurece ao contato do ar, mas apenas se eu quiser.

– Como assim?

– Depende das emoções. Toda emoção humana é acompanhada por uma composição específica de hormônios que entram na circulação sangüínea. Uma destas composições, e somente esta, ativa a tatuagem. Só eu conheço a emoção que pode provocá-la.

David aparentemente não fez nada, mas de repente uma mancha começou a aparecer, escurecendo uma pequena porção de seu pulso. Os pontinhos dourados de Orion e da Ursa Maior brilharam por um instante e logo a marca desapareceu.

O rosto de Bigman irradiava a mais viva satisfação e suas mãos se abaixaram para bater nas botas, como de costume, mas David as agarrou segurando-as firmemente.

– Ei! – exclamou Bigman

– Sem demonstrações de entusiasmo, por favor. Você está do meu lado?

– Estou com você, claro que sim. Vou voltar hoje à noite com as coisas que você precisa e vou lhe explicar já onde podemos nos encontrar. Tem um lugar externo, perto da Segunda Secção... – Continuou suas explicações num sussurro.

David assentiu.

– Ótimo. Aqui está o envelope.

Bigman o recebeu, enfiando-o entre a bota e a coxa. Explicou:

– Na parte interna da bota existe um bolso, quer dizer, nas botas de boa qualidade, senhor Starr. Você sabia a respeito?

– Sim. Você também não precisa menosprezar um simples agricultor, viu? E escute, Bigman: meu nome continua a ser Williams. Agora preciso lhe dar mais uma última explicação. Os livreiros do Conselho são as únicas pessoas que poderão abrir este envelope com toda segurança. Qualquer outra pessoa que tentar, poderá se machucar e muito.

Bigman se empertigou todo. – Ninguém tentará abrir este envelope, a não ser os livreiros. Existem pessoas que são maiores do que eu. Talvez você pense que eu não sei disto, mas sei. E em qualquer caso, maior que eu ou não, ninguém, mas ninguém mesmo vai tirar este envelope de mim. Terá que me matar primeiro. E mais uma coisa: se você acha que era minha intenção abrir o envelope, você estava enganado.

– Pois pensei, sim – respondeu David. – Sempre tento pensar em todas as possibilidades, mas realmente não achei que esta poderia se realizar.

Bigman sorriu, fingiu querer socar o queixo de David e saiu.

Quando Benson voltou, já estava quase na hora do jantar. Parecia preocupado e suas faces redondas estavam pálidas.

Perguntou com ar indiferente:

– Como é que você está, Williams?

David estava lavando as mãos, mergulhando-as numa solução de detergente especial usado em Marte para esta finalidade. A seguir, colocou as mãos numa corrente de ar quente para secá-las, enquanto a água voltava aos tanques, onde seria purificada e devolvida ao sistema central. Em Marte a água era preciosa e devia ser usada e reusada todas as vezes que isto era possível.

David observou:

– O senhor parece cansado, senhor Benson.

Benson fechou a porta com cuidado. Falou de repente:

– Ontem seis pessoas morreram intoxicadas, Foi o maior número de mortes num só dia. As coisas estão piorando, e não há nada que possamos fazer. – Observou carrancudo os animais em suas gaiolas. – Suponho que os bichinhos estão todos vivos.

– Todos vivos – confirmou David.

– Diga-me, o que posso fazer? Makian pergunta todos os dias se já descobri alguma coisa. Será que ele pensa que eu poderia encontrar a solução debaixo de meu travesseiro, uma qualquer manhã destas? Hoje estive nos paióis de cereais, Williams. Era um oceano de trigo, milhares e milhares de toneladas prontas

para o transporte até a terra. Tomei centenas de amostras: cinqüenta grãos aqui, cinqüenta acolá. Vasculhei todos os cantos de todos os paióis. Mandei tirar amostras a seis, sete metros abaixo da superfície. Mas a que adianta? Nestas condições poderíamos fazer uma estimativa otimista e afirmar que talvez um em cada bilhão de grãos está envenenado.

Bateu na valise que trouxera consigo.

– Você acha que entre os cinqüenta mil grãos que estão aqui dentro, se encontra aquele um em um bilhão que estamos procurando? Existe uma possibilidade em vinte mil.

David falou:

– Senhor Benson, o senhor disse que aqui na fazenda ninguém morreu, apesar de comermos quase exclusivamente alimentos marcianos.

– Certo. Pelo que sei, não houve mortes.

– Isto é válido para todas as fazendas marcianas?

Benson franziu a testa.

– Não sei. Acho que é, caso contrário teria ouvido a respeito. Porém, é necessário considerar que aqui em Marte a vida não é tão organizada como na Terra. Quando um agricultor morre, nós, em geral, o enterramos sem qualquer formalidade. Ninguém faz muitas perguntas – Perguntou com certa aspereza: – Por quê?

– Estava apenas pensando que, em se tratando de um germe marciano, o povo em Marte poderia não reagir da mesma maneira que o povo da Terra. Poderia estar acostumado, quero dizer, imunizado.

– Ora! Um raciocínio muito válido, considerando que você não cientista. Realmente é uma boa idéia. Não vou esquecê-la. – Ergueu o braço e deu uma palmadinha no ombro de David. – Pode ir jantar. Vamos começar a alimentar os bichos com as amostras novas amanhã de manhã.

Ao sair, David viu Benson apanhar os pacotinhos cuidadosamente rotulados em sua valise. Um deles poderia conter o importantíssimo grãozinho envenenado. No dia seguinte, os grãos seriam moídos e cada montinho de farinha dividido em duas partes: algumas para a alimentação e algumas para testes.

Amanhã. David sorriu levemente. Pensava onde estaria amanhã e sobretudo, especulava se amanhã ainda estaria vivo.

A abóbada da fazenda estava quieta e sonolenta como um gigantesco monstro pré-histórico deitado sobre a superfície de Marte. Os fluorescentes residuais só irradiavam uma fraca luminescência no interior da abóbada. No silencio total era possível ouvir o zunido baixo das máquinas que comprimiam a atmosfera marciana até o nível normal da Terra e adicionavam umidade e oxigênio, tirados da

quantidade produzida pelas plantas que cresciam nas enormes estufas:

David estava progredindo rápido, de uma sombra à outra, com cuidados que, afinal, eram supérfluos. Ninguém estava a vigiá-lo. O duro material da abóbada já estava se encurvando perto do chão quando chegou á saída estanque n.º 17: roçou-o com os cabelos.

A porta interna estava aberta e David entrou. O feixe de sua lanterna vasculhou as paredes e encontrou os controles, Não havia qualquer indicação, mas as explicações de Bigman eram muito claras. David tocou no botão amarelo. Houve um leve clique, uma pausa e depois um assobio de ar. Estava mais forte que no dia da vistoria, e como o compartimento estanque era pequeno e se destinava a apenas três ou quatro homens, a pressão do ar caiu com maior rapidez.

Colocou o capacete protetor e esperou para o silvo acabar: o silêncio indicaria o equilíbrio da pressão, Só então tocou no botão vermelho. A seção externa se ergueu e David saiu.

Desta vez não estava tentando controlar um carro. Deixou-se cair sobre a areia fria e dura e esperou que passasse a sensação de enjôo, enquanto se acostumava com a mudança de gravidade. Aconteceu em apenas dois minutos. Mais algumas mudanças de gravidade, pensou David com ironia, e adquiriria o que os.rapazes costumavam chamar de “pernas de gravidade”.

Levantou-se, olhou ao redor para se orientar e sem querer imobilizou-se, fascinado.

Era a primeira vez que via o céu noturno de Marte. As estrelas eram familiares, pois eram as mesmas vistas na Terra, agrupadas nas constelações conhecidas. A distância entre Marte e a Terra, apesar de muito grande, era insuficiente para alterar de maneira sensível a posição relativa de estrelas longínquas. Entretanto, apesar de sua posição ser imutada, havia uma diferença enorme em seu brilho.

O ar mais fino de Marte não o suavizava, mas deixava as estrelas duras e reluzentes como pedras preciosas. Naturalmente faltava uma lua, pelo menos uma lua como a da Terra. Os dois satélites de Marte. Phobos e Deimos, eram pequenos, com um diâmetro de apenas cinco ou dez milhas, simplesmente duas montanholas flutuando livremente no espaço. Embora estivessem mais perto de Marte do que a Lua da terra, não chegavam a ser dois discos, mas apenas mais duas estrelas.

Procurou os dois satélites, mesmo sabendo que poderiam se encontrar do outro lado do planeta. Entretanto descobriu outra coisa, perto do horizonte ocidental. Observou com mais atenção. Era o objeto mais brilhante do céu, com uma coloração verde-azulada incomparável. Logo ao lado viu um outro objeto, mais amarelado, também brilhante, mas menos radioso.

David não precisava de qualquer mapa celeste para identificar os dois

objetos. Eram a Terra e sua Lua, as duas “estrelas vespertinas” de Marte.

Teve que fazer um esforço para desviar o olhar. Começou a caminhar em direção de um pequeno agrupamento rochoso que podia ver na luz fraca da lanterna. Bigman explicara que deveria se orientar por ele. A noite marciana era fria e David reconheceu que mesmo o sol de Marte, distante cento e trinta milhões de milhas, suavizava um pouco a temperatura do dia.

O carro de areia era invisível, ou quase, na fraca luz das estrelas e ouviu seu leve zunido antes de vê-lo.

Chamou:

– Bigman! – e o baixinho saiu pulando.

– Pelo Espaço! – exclamou Bigman. – Estava começando a pensar que você tivesse perdido o rumo.

– Por que o motor está ligado?

– A resposta é fácil. Como poderia evitar de congelar se não estivesse ligado? Sossegue, ninguém vai ouvir. Conheço este lugar.

– Você trouxe os filmes?

– Se eu *trouxe*? Escute, não sei o que havia na mensagem que você mandou, mas o resultado foi que cinco ou seis sábios ficaram à minha volta, como satélites. Só diziam: “Senhor Jones isto” e “Senhor Jones aquilo”, então falei, meu nome é Bigman. Daí em diante foi “Senhor Bigman para cá e Senhor Bigman para lá”. De qualquer maneira – continuou Bigman, contando com os dedos – antes que o dia terminasse eles aprontaram quatro filmes para mim, dois projetores, uma caixa do meu tamanho, que não abri, e este carro de areia que me emprestaram, ou quem sabe, até me deram de presente para levar tudo.

David sorriu mas não falou. Entrou no carro bem aquecido e com presteza regulou os projetores e colocou um filme em cada um. Uma visão direta teria sido mais rápida e melhor, mas mesmo no interior aquecido do carro ele precisava usar o capacete protetor, e a frente transparente e arredondada impedia completamente uma visão direta.

O carro de areia procedia vagarosamente na noite, percorrendo quase o mesmo caminho da subseção de Griswold no dia da vistoria.

– Não estou entendendo – falou Bigman. Há quinze minutos estava resmungando entredentes, e teve que repetir a frase em voz alta antes que David decidisse responder.

– Você não entende o que?

– Não entendo o que você pretende fazer. Não entendo para onde você vai. Acho que a coisa me diz respeito porque de agora em diante quero ficar com

você. Fiquei pensando o dia todo, st... quero dizer, Williams. Há meses o senhor Makian está muito mal-humorado, e antes disto ele não era um mal sujeito. Foi mais ou menos na época em que apareceu Hennes, e começou a tratar todo mundo de maneira diferente. E o estudioso Benson também virou um grande homem. Antes de tudo começar, ele não era ninguém, e agora ele se dá bem com todos os maiorais. Como se não bastasse, apareceu você e o Conselho de Ciência parece pronto a arrumar qualquer coisa que você queira. Deve ser algum caso muito importante, eu sei, e quero ficar bem no meio.

– É mesmo? – falou David. – Você viu os mapas que passei no projetor?

– Claro. São apenas velhos mapas de Marte. Já vi estes mapas nem sei quantas vezes.

– E que tal os mapas com áreas marcadas por cruzes? Você sabe o que aquelas áreas representam?

– Qualquer agricultor poderia lhe explicar isto. Dizem que existem cavernas debaixo da superfície, mas eu não acredito. Afinal, eu raciocino assim: como é que alguém pode afirmar que existem buracos a duas milhas de profundidade, se ninguém desceu para vê-los? Explique-me isto.

David não tinha tempo para explicar a Bigman a ciência da sismografia. Perguntou:

– Você alguma vez ouviu falar em Marcianos?

Bigman começou:

– É claro que sim, Que espécie de pergunta... – mas logo o carro de areia estremeceu e chiou, enquanto as mãos do baixinho agarravam fortemente a direção. – Você quer dizer Marcianos *legítimos*? Marcianos *marcianos* e não Marcianos gente, como nós? Marcianos que viviam aqui antes da chegada dos homens?

Sua gargalhada estridente ecoou trêmula no interior do carro e quando recuperou o fôlego (porque é bastante difícil rir e respirar ao mesmo tempo, quando alguém usa um capacete protetor) falou:

– Você conversou com aquele cara, Benson.

Apesar da alegria do baixinho, David se manteve absolutamente calmo. Perguntou:

– Por que você disse isto, Bigman?

– Uma vez nós o apanhamos enquanto lia um livro a respeito, e por muito tempo não paramos de fazer gozações. Pelos Asteróides, o homem ficou furioso. Chamou todo mundo de camponeses ignorantes, então fui ver um dicionário o que isto significava, e expliquei tudo aos rapazes. Por uns tempos os rapazes ficaram ofendidos, e ele de vez em quando levava empurrões acidentais, você me entende. Depois disto nunca mais mencionou qualquer coisa a respeito de Marcianos, não teve coragem. Agora, porém, vejo que ele deve ter pensado que podia falar com

você, por ser Terrestre, e que você acreditaria nestas basbaquices planetárias.

– Você tem certeza que se trata de basbaquices?

– É obvio que sim! Que mais poderia ser? Já centenas e centenas de anos que existem pessoas em Marte. Nunca ninguém viu qualquer Marciano.

– E que tal se estivessem naquelas cavernas a duas milhas de profundidade?

– Até hoje ninguém viu qualquer caverna. E depois, como é que os Marcianos conseguiriam chegar até estas cavernas? Os homens vistoriaram até o último centímetro quadrado de Marte e ninguém jamais encontrou uma escada que descesse. Ou um elevador.

– Você tem mesmo certeza? Porque eu vi um há alguns dias.

– O que? – Bigman virou a cabeça para observá-lo. – Você está me gozando?

– O que eu vi não era uma escada, mas era um buraco. Penso que deve ter pelo menos uma profundidade de duas milhas.

– Ah, já sei, você está falando na fissura. Ora esta, isto não significa nada. Em Marte temos rachaduras por todos os lados.

– Pois é, Bigman. E tenho mapas pormenorizados de todas estas fendas marcianas. Aqui mesmo. Tem um detalhe curioso, e pelo que posso ver nos mapas que você me trouxe, trata-se de algo que ninguém percebeu até agora. Não existe uma única fissura em correspondência a qualquer caverna.

– E isto comprova o que?

– O detalhe tem certo sentido. Se você fosse construir uma caverna estanque, você não iria querer um buraco logo no teto, não é? E existe mais uma coincidência. Cada fenda se encontra em proximidade de uma caverna, mas não em contato direto, como se os Marcianos as tivessem usado como entrada para as cavernas que estavam construindo.

O carro de areia parou de repente. Na claridade precária de dois projetores que ainda focalizam dois mapas, o rosto de Bigman parecia atônito enquanto observava David no assento traseiro.

Disse:

– Espere um minuto. Espere um maldito minuto. Para onde estamos indo?

– Vamos para a fissura, Bigman. Aproximadamente duas milhas além do local em que Griswold precipitou no abismo. Naquele ponto estaremos mais próximos da caverna que se encontra debaixo das fazendas de Makian.

– E quando chegarmos lá?

David respondeu com a maior calma: – Quando chegarmos lá, amigo, eu pretendo descer na fissura.

• 9 •

No interior da fissura

– Você está falando sério? – perguntou Bigman. – Você está querendo me dizer que ... – e tentou um meio sorriso – ... que realmente existem Marcianos?

– Você me acreditaria se eu lhe dissesse que existem?

– Não. – Bigman pareceu tomar uma decisão. – Por outro lado, isto não tem importância. Eu já disse que queria tomar parte nisto e não pretendo voltar atrás. – O carro voltou a se movimentar.

O céu já estava começando a empalidecer, iluminando fracamente os contornos ásperos da paisagem quando o carro se aproximou da fissura. Durante a última meia hora tinham progredido em baixíssima velocidade, vasculhando a escuridão com os poderosos holofotes, para evitar, como dizia Bigman, de encontrar a fissura muito de repente.

David saiu do carro e se aproximou da enorme fenda. A luz ainda não conseguia penetrar nela. Era apenas uma abertura negra e ameaçadora no chão, que se estendia a perder de vista de ambos os lados.

Bigman foi parar ao seu lado.

– Você tem certeza que estamos no local escolhido?

David observou as redondezas:

– Pelos mapas, estamos agora no ponto mais próximo de uma caverna. A que distância se encontra a mais próxima seção da fazenda?

– Aproximadamente duas milhas.

O Terrestre balançou a cabeça. Seria difícil que qualquer agricultor passasse por ali, a não ser durante uma vistoria. Falou:

– Neste caso, não precisamos esperar.

Bigman perguntou.

– Como é que você pretende descer?

David apanhou a caixa que Bigman recebera em Wingrad City e a colocou no chão. Depois de abri-la, começou a tirar uma série de objetos.

– Você já viu alguma coisa parecida? – perguntou David.

Bigman sacudiu a cabeça. Tocou com a mão enluvada duas cordas finas que, a intervalos de trinta e cinco centímetros, estavam unidas por uma tira metálica. As cordas eram macias e brilhavam como seda.

– Deve ser uma escada de corda.

– Certo. Mas esta não é corda comum. Trata-se t fios de silicone torcidos, mais leves que magnésio, mais fortes que aço e que não ficam afetadas pelas temperaturas de Marte. Em geral, este tipo de corda é usado na Lua, onde a

gravidade é muito baixa e as montanhas são realmente altas. Aqui em Marte não são realmente necessárias, porque este planeta é relativamente plano. Tivemos muita sorte que o Conselho e encontrá-las na cidade.

– De que forma você pretende usar isto? – Bigman examinava a escada em cuja extremidade se encontrava um grosso bulbo de metal.

– Cuidado – advertiu David. – Se o dispositivo de segurança não estiver fechado, você poderá se machucar.

Apanhou o globo metálico das mãos de Bigman, colocou suas próprias mãos em ambas as extremidades e torceu as duas metades em direções opostas. Ouviu-se um estalo, mas quando devolveu o bulbo, ele parecia estar nas mesmas condições.

– Observe agora. – Perto da fissura o solo desaparecia e a beirada era de rocha. David se abaixou, apoiou o bulbo na beirada levemente rosada na luz da manhã. Afastou as mãos e a esfera ficou firme, apesar de estar com uma inclinação perigosa.

– Tire o bulbo de lá – disse.

Bigman lançou-lhe um olhar surpreso, se inclinou e agarrou a bola. Puxou, mas nada aconteceu. Redobrou seus esforços e a bola ficou firme.

– O que foi que você fez? – perguntou contrariado.

David sorriu. – Quando o dispositivo de segurança está aberto, qualquer pressão na ponta do bulbo provoca um fino campo de força de mais ou menos vinte e cinco centímetros, capaz de cortar a rocha. A extremidade do campo de força se expande a seguir em ambas as direções, formando um T de força. Os limites do campo não se afinam, ficam da mesma espessura, daí você não pode arrancá-lo sacudindo-o de um lado para o outro. A única maneira de soltar o bulbo seria quebrando a rocha.

– Mas como é que você o solta?

David fez escorrer entre as mãos os trinta e mais metros de escada de corda e segurou um bulbo similar na outra ponta. Imprimiu-lhe a mesma torção e o apertou contra a rocha. Ficou ali e quinze minutos mais tarde o primeiro bulbo se inclinou e caiu sobre a rocha.

– Ao ativar um bulbo – explicou David – o outro fica automaticamente desativado. Ou então, ao fechar o dispositivo de segurança de um bulbo – falou e se inclinou para fazê-lo – ele fica desativado sem que o outro seja atingido. – Levantou o bulbo.

Bigman se agachou. Onde antes estavam os bulbos, encontrou estreitos cortes de dez centímetros na rocha viva. Eram tão finos que não conseguiu enfiar sequer a ponta da unha.

David Starr falou:

– Tenho água e alimentos para uma semana. Receio que meu oxigênio só dará para dois dias, mas você terá que esperar por uma semana, em qualquer caso. Se eu não voltar dentro de uma semana, entregue este envelope no quartel-general do Conselho.

– Espere aí. Você não acredita realmente que estes Marcianos de conto de fadas...

– Eu quis dizer uma série de coisas, por exemplo que poderia escorregar. Ou então que poderia levar algum defeito na corda. Poderia também fixar o bulbo em alguma rocha com uma falha inteira. Poderia acontecer qualquer coisa. Posso confiar em você?

Bigman parecia desapontado. – Que bela situação. Você quer que eu fique sentado aqui em cima, enquanto você enfrenta todos os riscos?

– Trabalho de equipe é assim mesmo, Bigman, e você sabe.

Inclinou sobre a beirada da fenda. O sol estava começando a aparecer na linha do horizonte e o céu, antes negro, tomava uma coloração arroxeada Mesmo assim, a fissura continuava a manter sua aparência de abismo negro e ameaçador. A fina atmosfera de Marte não favorecia muito a difusão da luz, e a eterna noite no interior da fenda só desapareceria por pouco tempo quando o sol se encontrasse a pino.

Com um movimento decidido, David lançou a escada de corda para o interior da fenda. As fibras não produziram qualquer barulho quando bateram na parede de rocha e ficaram suspensas no bulbo preso firmemente nas pedras da margem. Ouviram o som abafado do segundo bulbo batendo algumas vezes contra a parede de pedra, trinta e mais metros mais abaixo.

David puxou as cordas para testar a resistência, agarrou a mais alta das tiras metálicas e se deixou cair. A sensação de flutuar a uma velocidade menor que a metade da velocidade que teria na Terra foi bastante suave, mas foi só isto. Seu peso era quase igual ao que teria na Terra, calculando os dois grandes cilindros de oxigênio que levava nas costas, os maiores que tinha encontrado na fazenda.

Sua cabeça ainda estava na superfície. Bigman estava a observá-lo de olhos arregalados. David disse:

– Agora pode ir e leve o carro. Devolva os filmes e os projetores ao pessoal do Conselho e deixe o carrinho.

– Certo – respondeu Bigman. Todos os carros de areia levavam uma plataforma com quatro rodas para os casos de emergência: esta plataforma podia percorrer cincoenta milhas com seu pequeno motor. Não eram confortáveis e não ofereciam qualquer proteção contra o frio ou contra as tempestades de areia, que eram uma alternativa ainda pior. Entretanto, quando um carro de areia enguiçava a algumas milhas da base, o carrinho era muito melhor do que ficar esperando até que

alguém chegasse com o socorro.

David Starr olhou para baixo. Estava escuro demais para enxergar o fim da escada de corda, cujo brilho se desmanchava a uma certa distância. Então deixou que suas pernas ficassem balançando e desceu com as mãos, contando os degraus. Chegando ao centésimo degrau, firmou os pés e puxou o resto da corda para cima, enfiando um braço num degrau, o que lhe deixava ambas as mãos livres.

Quando segurou nas mãos o bulbo inferior, David esticou o braço para a direita, prendendo-o na parede de rocha. O bulbo ficou firme, mesmo quando David puxou as cordas com violência. Então mudou rapidamente de posição, passando para a porção de escada que agora pendia de nova âncora. Uma mão ficou segurando a porção de corda que descia do alto, esperando que se soltasse. Quando isto aconteceu, impulsionou-a para fora, e o bulbo que caía do alto passou longe.

Percebeu um leve efeito de balanço quando o bulbo chegou em baixo e ficou a bater na rocha a noventa metros debaixo da superfície de Marte. Olhou para cima. Viu uma larga estria de céu violeta, mas sabia que esta faixa ia ficar sempre mais estreita, enquanto ia descendo.

A descida continuou. A cada oitenta degraus David parava e mudava de âncora, uma vez para a esquerda e a outra vez para a direita de onde se encontrava. Desta forma, conseguia descer em linha reta.

Seis horas depois do início da descida, David parou mais uma vez para mastigar um bocado de ração concentrada e tomar um gole de água. Seus pés apoiavam nos degraus, proporcionando descanso para os braços. Durante toda a descida não encontrara a menor protuberância horizontal suficientemente larga para poder sentar e descansar: pelo menos, não conseguira encontrar uma nos trechos alcançados pelo feixe da lanterna.

Isto era desagradável também por outras razões. Significava que a volta para cima – se houvesse uma volta para cima – seria muito trabalhosa. Teria que firmar cada bulbo, alternadamente, no ponto mais alto ao seu alcance. Era possível, já tinha sido feito – mas na Lua. Em Marte a gravidade era duas vezes a gravidade da Lua, e só poderia progredir com lentidão terrível, mas vagarosamente ainda que nesta jornada para baixo. E seu progresso atual, pensou David ressentido, já era bastante vagaroso. Calculou que não podia estar mais que uma milha debaixo da superfície.

Lá embaixo tudo estava escuro. Em cima, a estreita faixa de céu tinha clareado. David decidiu esperar um pouco. Pelo seu relógio que marcava o tempo da Terra, já passava de onze horas e isto significava alguma coisa em Marte também, onde o período de rotação era só meia hora mais demorado que o da Terra. Logo o sol estaria a pino.

Raciocinou que os mapas das cavernas Marcianas, na melhor das

hipóteses, eram apenas uma descrição aproximada da ação de ondas vibratórias debaixo da superfície do planeta. Erros mínimos poderiam resultar numa distância de muitas milhas, afastando-o da entrada da caverna.

Existia ainda a possibilidade que não havia qualquer entrada. As cavernas podiam ser apenas fenômenos totalmente naturais, como as cavernas de Carlsbad na Terra. Com apenas uma diferença: estas cavernas marcianas aparentemente tinham extensões de centenas de milhas.

Esperou, meio sonolento, suspenso sobre o nada, na escuridão e no silêncio Movimentou os dedos rígidos. O frio marciano era sensível, apesar das luvas. Quando descia, os movimentos mantinham seu corpo aquecido, mas parado assim, o frio tomava conta de seu corpo.

Estava a ponto de voltar a descer para evitar o congelamento, quando percebeu a primeira aproximação da luz. Olhou para cima e viu os raios amarelados do sol descer vagarosamente pela superfície da parede rochosa, O sol apareceu na estreita faixa do céu visível. Teve que esperar mais dez minutos para que a luz chegasse ao seu máximo e o sol ficasse bem ao centro da faixa. Sua largura tomava um quarto de largura da abertura. David calculou que a luz duraria meia hora ou pouco menos, e depois voltaria a escuridão.

Olhou rápido ao redor, balançando sobre a escada de corda. A parede da fenda não era lisa, mas cheia de recortes que eram todos verticais. Criava a impressão de um corte na superfície de Marte, produzido por uma faca serrilhada meio torta, mas ainda em condições de cortar. A parede oposta agora estava muito próxima que na superfície, mas David calculou que precisaria descer mais uma milha, aproximadamente, antes de conseguir tocá-la.

Mesmo assim, o esforço não o levava a qualquer resultado. A nada.

Foi então que percebeu a mancha negra. A respiração de David tornou-se ofegante. Havia muita escuridão ao redor. Onde as rochas ficavam mais proeminentes, criavam sombras negras. Entretanto, aquela mancha era retangular. Tinha ângulos retos perfeitos, ou pelo menos assim parecia. *Devia* ser artificial. Era uma espécie de porta na parede de rochas.

Recolheu depressa o bulbo inferior da escada, firmando-o lateralmente em direção à mancha, apanhou o outro bulbo quando caiu, e voltou a firmá-lo o mais longe possível, sempre na mesma direção. Continuou a alterná-los o mais depressa possível, esperando que o sol não desaparecesse antes dele chegar à mancha, e que a mancha não fosse uma ilusão.

O sol atravessou a faixa do céu contida entre os limites da fissura e encostou na parede em que David se encontrava. A parede em frente, que até aquele instante mostrava uma coloração amarela-avermelhada, voltou cinza. Entretanto, ainda havia luz suficiente para enxergar. Estava ainda a trinta metros da mancha

escura, e cada mudança de âncora ia levá-lo um metro mais perto.

A luz do sol foi desaparecendo, subindo pela parede de rocha oposta e quando David alcançou a orla da mancha, já começava a escurecer. Seus dedos enluvados tocaram na borda da cavidade situada na rocha. *Estava lisa*. A quina não possuía qualquer defeito ou depressão Devia ser obra de criaturas inteligentes.

Já podia dispensar a luz do sol, O diminuto feixe da lanterna era mais do que suficiente. Colocou a âncora na parede recuada e quando deixou cair o outro bulbo, ouviu que batia com força numa rocha mais abaixo. Uma protuberância horizontal.

Desceu apressadamente e dentro de poucos minutos conseguiu ficar de pé sobre a rocha. Pela primeira vez em mais de seis horas conseguia apoiar os pés em algo sólido. Encontrou o bulbo inativo, e depois de firmá-lo na parede rochosa à altura da cintura, fez descer o resto da escada, manobrou o fecho de segurança e tirou o outro bulbo da rocha. Pela primeira vez em mais de seis horas conseguia desprender ambas as pontas da escada.

David enrolou a escada na cintura e no braço e olhou ao redor. A cavidade na parede rochosa possuía uma altura de aproximadamente três metros e meio de largura de dois. Afastou-se da borda e ligou a lanterna. Logo se deparou com uma laje de pedra sólida e completamente lisa que impedia qualquer progresso naquela direção.

Aquilo também era, sem qualquer dúvida, devido a trabalho inteligente. Não podia ser qualquer outra coisa. Mesmo assim, era uma barreira que obstaculava qualquer outra ação de exploração.

Sentiu uma dor repentina nos ouvidos e se virou depressa. Só existia uma única explicação possível. Por um motivo qualquer, a pressão do ar em sua volta estava aumentando. Quis então voltar até a borda e descobriu que a saída estava impedida por rochas que antes não estavam lá. Deviam ter deslizado até o lugar sem fazer qualquer barulho.

Seu coração começou a bater mais depressa. Sem qualquer dúvida, estava numa espécie de câmara de compressão. Com muito cuidado tirou o capacete protetor e experimentou o ar. Era delicioso, e também era morno.

Voltou a se aproximar da laje interna e esperou, pois acreditava firmemente que ela se levantaria para lhe dar passagem.

Foi o que aconteceu. Entretanto um minuto antes que a laje se mexesse, David sentiu que seus braços estavam sendo comprimidos com força contra o corpo, como amarrados por uma corda de aço. Mal teve o tempo de soltar um grito e logo suas pernas ficaram também enlaçadas e comprimidas uma contra a outra.

Desta maneira, quando a laje interna se abriu e David percebeu que o caminho para o interior da caverna estava livre, encontrava-se na mais absoluta

impossibilidade de mexer uma mão ou um pé.

• 10 •
Nascimento de um patrulheiro espacial

David esperou. Não havia qualquer vantagem em falar, pois o espaço estava vazio, imaginou que as entidades que tinham construído as cavernas e que eram capazes de imobilizá-lo de maneira tão eficiente, também jogariam a próxima cartada.

Percebeu que estava sendo levantado do chão e inclinado para trás, até que seu corpo ficou paralelo com o chão. Tentou erguer a cabeça, mas descobriu que sua cabeça estava quase imóvel. As amarras não eram tão apertadas como as que imobilizavam seus membros. Mais pareciam arreios feitos de uma espécie de veludo elástico que cedia um pouco, mas muito pouco.

Seu progresso para o interior foi muito suave. Era a mesma sensação como entrar numa camada de água morna, perfumada e respirável. Quando sua cabeça, última parte de seu corpo, saiu da câmara de compressão, David caiu num sono profundo.

Quando abriu os olhos não teve qualquer sensação de passagem de tempo, mas uma certeza absoluta da presença de vida nas imediações. Não conseguia definir ao certo a forma desta sensação. Em primeiro lugar, sentiu calor. A temperatura era igual à de um dia muito quente de verão na Terra. A seguir percebeu a fraca luminescência avermelhada em sua volta, que mal dava para enxergar. Entretanto conseguiu distinguir as paredes de um pequeno aposento. Não notou qualquer movimento, qualquer sinal de vida.

Entretanto, muito perto dele uma inteligência poderosa devia estar à obra. David sentia isto de uma forma que não poderia explicar.

Com muito cuidado tentou mexer uma mão e descobriu que podia levantá-la sem qualquer impedimento. Sentou-se, muito surpreso, e descobriu que se encontrava sobre uma superfície elástica, que cedia, mas cuja natureza não conseguiu individuar pela falta de luz adequada.

A voz se manifestou de repente:

– A criatura está tomando conhecimento do ambiente ... – A última parte da frase terminou num amontoado de sons incompreensíveis. David não conseguiu identificar a direção da voz. Parecia vir de todas as direções e ao mesmo tempo de nenhuma direção.

Então ouviu uma segunda voz. Era diferente, mas a diferença era muito sutil. De uma certa forma era mais delicada, mais suave, mais feminina.

– Você está bem, criatura?

David falou:

– Não consigo ver você.

A primeira voz (que David pensava ser a de um homem) voltou a se manifestar:

– Então é como eu falei... – Mais uma vez, sons embaralhados. – Você não está equipado para ver mentes.

A última sentença também saiu um pouco confusa, mas David entendeu "ver mentes".

– Posso ver matéria – disse – mas não há luz suficiente para enxergar direito.

Seguiu-se um silêncio, como se ambos estivessem se consultando em particular e depois um objeto foi colocado delicadamente na mão de David. Era sua lanterna.

– Isto aqui – falou a voz masculina – tem algum significado no sentido de luz?

– Claro que sim. Você não vê? – David ligou a lanterna e iluminou rapidamente o ambiente em sua volta. O aposento estava realmente vazio. Não havia sinal de objetos ou de vida. A superfície na qual se encontrava era transparente quando iluminada e se encontrava a metro e meio acima do chão.

– É como falei – exclamou a voz feminina com uma certa excitação. – O sentido de visão da criatura é ativado por uma radiação de ondas curtas.

– Mas a maior parte da radiação daquele instrumento é infravermelha. Minha avaliação foi feita nesta base – protestou a outra voz. Enquanto falava, a luz estava aumentando, ficando alaranjada, depois amarela e finalmente, branca.

David perguntou:

– Vocês podem também diminuir a temperatura do ambiente?

– Mas nós a regulamos cuidadosamente em base à temperatura de seu corpo.

– Mesmo assim, gostaria que a baixassem um pouco.

Pelo menos, as vozes cooperavam. David sentiu uma corrente de ar fresco, como uma brisa muito agradável e repousante. Deixou que a temperatura baixasse até vinte e cinco graus, antes de explicar que assim estava ótima.

Então David pensou: – *Acho que vocês estão se comunicando diretamente com minha mente. Deve ser por isto que eu acho que vocês falam inglês internacional.*

A voz masculina disse:

– A última sentença ficou confusa, mas estamos realmente nos comunicando. De que outra maneira poderíamos fazê-lo?

David assentiu. Isto explicava as confusões ocasionais. Quando era usado algum nome que não provocava em sua mente uma imagem apropriada, ele recebia

um som confuso. Uma espécie de estática mental.

A voz feminina falou:

– Existem lendas que se referem à história primitiva de nossa raça e que afirmam que naquele tempo nossas mentes eram mutuamente impenetráveis e que naquela época comunicávamos por meio de símbolos para os olhos e os ouvidos. Sua pergunta, criatura, me faz pensar que talvez seja este o caso entre seu próprio povo.

David confirmou:

– Realmente é. Quanto tempo passou desde que fui trazido para esta caverna?

A voz masculina explicou:

– A rotação planetária ainda não está completa. Pedimos desculpas por qualquer desconforto que provocamos, mas esta é a nossa primeira oportunidade de estudar de perto uma criatura da superfície viva. Antes de hoje já recuperamos várias, e uma delas foi encontrada há pouco tempo, mas nenhuma delas estava em condições de funcionar e as informações que conseguimos juntar foram forçosamente escassas.

David pensou que o cadáver recentemente recuperado talvez fosse o de Griswold. Perguntou com a maior delicadeza possível: – Vocês já completaram os exames previstos na minha pessoa?

A voz feminina retrucou rápida:

– Você receia algum prejuízo. Em sua mente existe uma impressão nítida que poderíamos ser a tal ponto selvagens que poderíamos interferir com suas funções vitais para conseguir mais informações. Que coisa horrível!

– Lastimo profundamente tê-la ofendido. Isto aconteceu por que desconheço seus métodos.

A voz masculina interferiu:

– Já sabemos tudo o que desejamos saber. A mais, podemos investigar seu corpo molécula por molécula sem qualquer necessidade de contato físico. A evidência proporcionada pelos nossos psico-mecanismos é completamente suficiente.

– O que são estes psico-mecanismos que você mencionou agora?

– Você tem algum conhecimento de transformações entre matéria e mente?

– Receio que não.

Houve um breve intervalo e a voz masculina voltou a se manifestar em tom seco:

– Acabo de investigar sua mente. Pela sua textura, receio que sua compreensão de princípios científicos não é suficiente para que você possa entender minha explicação.

David aceitou isto com muita humildade. Falou:

– Peço desculpas.

À voz masculina continuou:

– Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

– Estou à sua disposição, senhor.

– O que significa a última palavra de sua resposta?

– É apenas uma maneira respeitosa de chamar um pessoa.

Um intervalo.

– Ah, sim. Estou vendo. Vocês complicam seus símbolos de comunicação dependendo da pessoa com a qual estão se comunicando. Um costume esquisito. Mas vamos ao assunto. Diga-me, criatura, você irradia uma grande quantidade de calor. Você está doente ou isto é normal?

– Isto é absolutamente normal. Os corpos mortos que você examinou provavelmente tinham a mesma temperatura do ambiente, qualquer ele fosse. Mas nossos corpos mantêm uma temperatura estável, a que melhor nos convém, enquanto funcionam.

– Então vocês não são nativos deste planeta?

David disse:

– Antes de responder, posso perguntar qual seria sua atitude frente a criaturas iguais a mim, cujas origens fossem alienígenas?

– Acredite que você e as criaturas iguais a você provocam nossa total indiferença, menos quando estimulam nossa curiosidade. Posso ver em sua mente que você está um pouco receoso com respeito aos nossos motivos. Vejo que você teme nossa hostilidade. Pode afastar estes pensamentos.

– Neste caso, gostaria de saber se você não consegue ler a resposta às suas perguntas. Por que você está fazendo perguntas específicas?

– Quando a comunicação não é direta e específica, só consigo ler emoções e uma atitude generalizada. Por outro, você é uma criatura e não pode entender. Para uma informação precisa, a comunicação deve envolver um esforço de vontade. Se isto serve para acalmá-lo, vou lhe explicar que temos todos os indícios que nos levam a acreditar que você pertence a uma raça que não é nativa deste plane ta. Em primeiro lugar, seus tecidos são completamente diferentes dos de qualquer coisa viva que já existiu na superfície deste mundo. E a temperatura de seu corpo indica que você vem de um outro mundo, um mundo mais quente.

– Você está certo. Chegamos da Terra.

– Não entendo esta última palavra,

– Quero dizer do planeta que está mais próximo do sol que este.

– Entendi. Isto é extremamente interessante. Na época em que nossa raça se retirou para as cavernas, há meio milhão de revoluções, já sabíamos que seu

planeta possuía vida, mas prensávamos que não houvesse inteligência. Quer dizer que sua raça então era inteligente?

– Duvido – respondeu David. Os Marcianos tinham abandonado a superfície de seu planeta há um milhão de anos terrestres.

– Realmente, isto é muito Interessante Preciso levar meu relato diretamente para a Inteligência Central. Venha...

– Deixe que eu fique...

– Gostaria de me comunicar mais um pouco com esta criatura.

– Como quiser.

A voz feminina disse:

– Fale-me de seu mundo.

David começou a falar despreocupadamente Provara uma lassidão agradável, quase deliciosa. Sua desconfiança desapareceu e achou que não havia razões para não responder a verdade e toda a verdade. Estes entes eram amáveis e amistosos. Forneceu amplas informações.

Finalmente ela soltou a mente de David, e ele se calou de repente. David perguntou ressentido:

– O que foi que eu disse?

– Nada de mal – respondeu a voz feminina para tranqüilizá-lo. – Apenas quis imobilizar os centros de inibição de sua mente, isto é ilegal e não teria ousado fazê-lo se... estivesse aqui. Mas você é apenas uma criatura e eu estava muito curiosa. Sabia que sua desconfiança era profunda demais para que você falasse livremente sem minha ajuda. Sua desconfiança não tem qualquer fundamento. Nunca prejudicaríamos uma criatura, a não ser que ela quisesse se infiltrar entre nós.

– Mas já fizemos isto, você não acha? – perguntou David. – Ocupamos este planeta em sua totalidade.

– Você ainda está me provocando. Você não confia em mim. Não temos qualquer interesse pela superfície do planeta. *Esta* é nossa pátria. Embora eu acredite – continuou a voz feminina em tom um pouco saudoso – que deve ser muito excitante viajar de um mundo ao outro. Todos sabemos que no espaço existem muitos planetas e muitos sóis. Imagine só, criaturas como você estão ganhando tudo isto. Mas este encontro é tão interessante que fico muito satisfeita por termos percebido sua desajeitada descida em tempo suficiente para colocarmos uma abertura para você.

– O que! – David gritou, sem conseguir se controlar e apesar de saber que as ondas sonoras criadas pelas suas cordas vocais não eram percebidas. A comunicação se efetuava unicamente através de sua mente. – *Você* fez aquela abertura?

– Não fui apenas eu... me ajudou. Foi assim que tivemos a oportunidade

de examinar você.

– Como foi que vocês fizeram isto?

– Ora, foi com a vontade.

– Não compreendo.

– Realmente, é muito simples. Você não consegue vê-lo em minha mente? Mas eu me esqueci: você é uma criatura. Escute, quando fomos forçados a nos retirar nas cavernas, tivemos que destruir muitos milhares de milhas cúbicas de matéria para ajeitar um espaço para nós debaixo da superfície. Não havia qualquer lugar no qual armazenar a matéria, assim como ela era, e tivemos que convertê-la em energia e...

– Não, não entendi este último trecho.

– Você não entende? Neste caso, vou dizer apenas que a energia foi armazenada de tal forma que poderia ser usada fazendo-se apenas um esforço mental.

– Mas se toda a matéria que uma vez se encontrava nestas vastas cavernas tivesse que ser transformada em energia...

– Teríamos realmente um bocado. É verdade. Vivemos na base desta energia durante meio milhão de revoluções, e foi calculado que temos o suficiente para mais vinte milhões de revoluções. Antes mesmo de abandonar a superfície tínhamos estudado o relacionamento entre a mente e a matéria e desde que entramos nas cavernas nós aperfeiçoamos esta ciência a tal ponto que abandonamos totalmente a matéria pelo que diz respeito ao nosso uso pessoal. Somos criaturas compostas apenas de mente e de energia, que nunca morrem e que já não nascem mais. Estou aqui com você, mas como você não pode perceber a mente, você só me sente através de sua mente.

– Um povo como o seu poderia, sem dúvida, dominar todo o universo.

– Você teme que lutemos pela posse do universo com pobres criaturas como vocês? Que briguemos para adquirir um lugar entre as estrelas? Que tolice! O universo inteiro está aqui conosco. Bastamos a nós mesmos.

David ficou calado. A seguir levantou vagarosamente uma mão até a cabeça, pois tinha a sensação que tentáculos finos, muito finos, estavam tocando suavemente sua mente. Era a primeira vez que percebia esta sensação e ele se afastou, receoso por esta intimidade.

Ela disse:

– Volto a pedir desculpas. Acontece que você é uma criatura muito interessante. Sua mente me revelou que as criaturas da sua espécie estão gravemente ameaçadas e você desconfia que somos os culpados. Acredite, criatura, isto não é verdade.

Ela falou de forma tão singela que David não teve outra alternativa que

acreditar. Disse:

– Seu companheiro afirmou que a composição química de meus tecidos é completamente diferente de qualquer forma de vida em Marte. Posso perguntar, de que jeito?

– Porque é composto de material nitrogênico.

– Proteína – explicou David.

– Não entendo esta palavra.

– Qual é a composição de seus tecidos?

– São feitos de... totalmente diferente. Praticamente, não têm qualquer partícula de nitrogênio.

– Neste caso, você não me poderia oferecer qualquer alimento, não é?

– Receio que não... afirma que qualquer matéria orgânica de nosso planeta poderia resultar tóxico para você. Poderíamos fabricar compostos simples para seu tipo de vida, que poderiam alimentá-lo, mas o complexo material nitrogênico que compõe a maior parte de seus tecidos está fora de nosso alcance, a não ser que estudemos muito. Você está com fome, criatura? – Sem qualquer dúvida, havia uma boa dose de simpatia e de preocupação em seus pensamentos. (David ainda continuava pensando nela como uma voz).

Respondeu:

– Por enquanto tenho alimentos suficientes.

A voz feminina continuou:

– Acho desagradável pensar em você simplesmente como uma criatura. Qual é seu nome? – Acrescentou logo, como receando que ele não tivesse entendido: – Como é que as criaturas de sua espécie costumam chamá-lo?

– Meu nome é David Starr.

– Não entendo isto, mas tenho a impressão que existe qualquer referência aos sóis do universo. Elas o chamam assim porque você viaja muito através do espaço?

– Não. Muitos do meu povo viajam pelo espaço. “Starr” não tem qualquer significado específico. Trata-se apenas de um som que serve para me identificar, da mesma forma que seus nomes são apenas sons. Pelo menos, eles não criam uma imagem e não posso compreendê-los

– Que lástima! Você deveria ter um nome que indicasse que você viaja pelo espaço, que percorre a distância de um ponto ao outro do universo. Se eu fosse uma criatura igual a você, acho que seria apropriado que me chamassem de “Patrulheiro do Espaço”.

Foi assim que David Starr ouviu pelos lábios de uma criatura viva, que ele não podia ver e que nunca poderia ver na sua verdadeira forma, aquele nome que mais tarde seria sua alcunha, conhecida em toda a Galáxia.

• 11 •
A tempestade

Uma voz mais profunda e mais vagarosa se manifestou agora na mente de David. Falou pausadamente:

– Saudações, criatura... deu-lhe um nome muito bom.

A voz feminina disse:

– Vou lhe ceder meu lugar

A ausência de um toque leve em sua mente provou a David, de maneira irrefutável, que a dona da voz feminina já não se encontrava em contato mental. Virou a cabeça, desconfiado, mais uma vez dominado pela ilusão que estas vozes vinham de uma direção certa e percebendo que sua mente ainda não treinada procurava interpretar pelos métodos antigos e pouco adequados algo que nunca encontrara antes. A voz, obviamente, não chegava de qualquer direção. Estava em sua mente.

A criatura com a voz profunda avaliou sua dificuldade. Disse:

– Você está perturbado porque seus sentidos não possuem um equipamento suficiente para me perceber, e não quero que você fique perturbado. Poderia assumir uma aparência física externa parecida com a de uma criatura de sua espécie, mas acho que seria uma farsa pouco digna. Você acha que isto é suficiente?

David Starr observou a luminescência que começava a aparecer no ar em sua frente. Era uma faixa de suave luz verde-azulada com aproximadamente dois metros de altura e uma largura de trinta centímetros.

Falou com muita calma:

– Sim, isto é suficiente.

A voz profunda disse:

– Ótimo. Agora deixe-me explicar quem eu sou. Sou o Administrador de... O relatório sobre a captura de um espécime vivo das novas criaturas que estão agora na superfície me chegou por uma questão de rotina. Vou agora examinar sua mente.

A qualificação deste novo ente resultou, para David, um amontoado confuso de sons, embora percebesse uma sensação indiscutível de dignidade e responsabilidade. Mesmo assim, respondeu com firmeza:

– Realmente prefiro que você fique fora de minha mente.

– Sua modéstia – disse a voz profunda – é compreensível e louvável. Quero lhe explicar que meu exame se limitaria, com o maior cuidado, apenas às camadas externas. Evitarei escrupulosamente qualquer intrusão na sua intimidade.

David retesou os músculos, sentindo-se pouco à vontade. Durante alguns minutos não aconteceu nada. Durante o exalte atual, muito mais experimentado, não

conseguiu perceber qualquer coisa, nem mesmo aquele toque de pluma que sentira com a dona da voz feminina, mesmo assim, David tinha consciência – sem saber como poderia ter esta consciência – que os compartimentos de sua mente eram delicadamente abertos e depois fechados, sem qualquer dor ou perturbação.

A voz profunda voltou a se manifestar:

– Eu lhe agradeço. Breve será libertado e poderá voltar à superfície.

David perguntou em tom de desafio:

– O que foi que você encontrou em minha mente?

– Encontrei o suficiente para me apiedar de sua espécie. Nós, da Vida Interior, uma vez nos parecíamos com vocês, e por este motivo temos compreensão por vocês. Seu povo não está em equilíbrio com o universo. Você tem uma mente indagadora que procura entender o que percebe vagamente sem porém possuir os sentidos mais verdadeiros e mais profundos que são os únicos capazes de lhe revelar a realidade. Em sua fútil busca entre as sombras que o cercam, você viaja pelo espaço até os mais distantes limites da galáxia. É como falei... deu-lhe um nome adequado. A sua é uma raça de Patrulheiros do Espaço.

"Por outro lado, qual é a finalidade de tantas viagens? A verdadeira vitória deve ser conseguida no interior. Para compreender o universo material você deve primeiro se separar dele, como nós o fizemos. Afastamo-nos das estrelas e nos aproximamos de nós mesmos. Retiramo-nos nas cavernas de nosso único mundo e abandonamos nossos corpos. Entre nós não existe mais morte, exceto quando uma mente deseja descansar e não existe mais nascimento, exceto quando uma mente que foi descansar deve ser substituída."

David observou

– Mesmo assim vocês não parecem bastar completamente a si próprios. Alguns entre vocês são curiosos. O ente que conversou comigo desejava saber a respeito da Terra.

– ...nasceu há pouco. Seus dias não chegam a cem revoluções do planeta em volta do sol. Seu controle de padrões de pensamento ainda é imperfeito. Nós que já estamos amadurecidos podemos perceber com facilidade os diferentes moldes que a história de sua Terra poderia ter tomado. Poucos entre estes poderiam ser compreendidos por você, e nem mesmo dentro de um número infinito de anos conseguiríamos esgotar todos os pensamentos possíveis apenas considerando seu mundo, e cada pensamento poderia ser tão estimulante e fascinante como aquele único pensamento que representa a realidade. Com o tempo poderá aprender que isto é assim.

– Entretanto, você se deu o trabalho de examinar minha mente.

– Foi para comprovar algo que antes eu apenas suspeitava. Sua raça possui uma capacidade de crescimento. Em condições favoráveis poderia, durante

um milhão de revoluções de nosso planeta – que representam apenas um instante na vida da Galáxia – conseguir a Vida Interior. Isto seria bom. Minha raça teria outra raça para acompanhá-la pela eternidade, e esta companhia poderia ser favorável a ambas.

– Você disse que *poderíamos* consegui-la – interferiu David com cuidado.

– Sua espécie possui algumas tendências que nossa espécie nunca teve. Posso perceber facilmente em sua mente que existem tendências contra o bem-estar da totalidade.

– Se você está se referindo a crimes e à guerra, você poderá ver em minha mente que a grande maioria dos humanos luta contra as tendências anti-sociais e que o progresso, apesar de demorado, é certeiro.

– Posso ver isto. Posso ver mais. Vejo que você, pessoalmente, está ansioso para conseguir o bem-estar da totalidade. Você é dono de uma mente forte e sadia, cuja essência eu não recusaria aceitar, para transformá-la em uma das nossas. Gostaria de poder ajudá-lo em suas tarefas.

– Como? – perguntou David.

– Sua mente mais uma vez está dominada pela desconfiança. Afaste a tensão. Meu auxilio não se materializaria por meio de uma interferência pessoal nas atividades de seu povo, isto eu garanto. Este tipo de interferência seria incompreensível para vocês e desprovido de dignidade para mim. Deixe que eu mencione as duas falhas que você mais conhece em você mesmo.

"Em primeiro lugar, você é feito de ingredientes instáveis, você não é uma criatura permanente. Dentro de poucas revoluções do planeta você chegará a se decompor e a se dissolver, mas mesmo antes disto, você poderá ser exposto a milhares de esforços diferentes que poderiam lhe trazer a morte. Em segundo lugar, você acredita que seu trabalho pode conseguir resultados melhores quando for feito em segredo. Entretanto, ainda há pouco, uma criatura de sua mesma espécie reconheceu sua verdadeira identidade, embora você tivesse afirmado ter outra identidade completamente diferente. O que falei não corresponde à verdade?"

David respondeu:

– Sim, é verdade. Mas o que você pode fazer a este respeito?

A voz profunda falou:

– Já está feito e se encontra em sua mão.

Um objeto mole e de textura muito fia estava na mão de David Starr. Seus dedos quase o deixaram cair antes de perceber que o estava segurando. Era uma tira quase impalpável de... de quê?

A voz profunda respondeu a pergunta não formulada com tranqüilidade.

– Não é gaze, não é fibra, não é plástico, não é metal. Não é um tipo de matéria que sua mente compreende. É...... Coloque-a sobre seus olhos.

David obedeceu e o objeto saltou de suas mãos, como se possuísse vida própria e se amoldou suavemente a todos os contornos de sua testa, seus olhos e seu nariz. Apesar disto não impedia a respiração e deixava que abrisse e fechasse os olhos à vontade.

– Qual é sua utilidade? – perguntou.

Antes que terminasse de falar, um espelho feito de energia surgiu em sua frente, com a rapidez e o silêncio de um pensamento. Sua imagem se refletia no espelho, apesar de forma indistinta. Suas roupas de agricultor, desde as botas e até as lapelas, pareciam estar fora de foco e podia ser vislumbrada através de uma névoa sombreada que mudava em continuação, como se fosse feita de fumaça que circulava sem desaparecer. Do lábio superior para cima até o topo de sua cabeça só existia um bruxuleio de luzes que ardiam sem ofuscar e que ocultavam totalmente o que havia por trás. Enquanto observava a imagem, o espelho desapareceu, voltando para a energia armazenada que era sua origem.

David perguntou, atônito

– É deste jeito que os outros me veriam?

– Sim, se estes outros possuem apenas o equipamento sensorial que você também tem.

– Mas eu consigo enxergar perfeitamente. Isto significa que os raios de luz penetram através da camada. Por que então eles não voltam a sair revelando assim meu rosto?

– Eles saem, mas já estão mudados e só revelam o que você viu no espelho. Se eu tivesse que explicar o princípio, precisaria me valer de conceitos que sua mente não conseguiria entender.

– E o resto? – David passou as mãos pela névoa e não sentiu nada.

A voz profunda voltou a responder a pergunta não formulada.

– Você não sente nada. Entretanto o que parece uma névoa é uma barreira que resiste à radiação de ondas curtas e também não pode ser transposta por objetos com um tamanho maior que o molecular.

– Você quer dizer que isto é um escudo de força pessoal?

– É uma descrição grosseira, mas pode bastar.

David exclamou:

– Pela grande Galáxia! Isto é impossível! Já ficou definitivamente comprovado que nenhum campo de força suficientemente diminuto para proteger um homem contra radiações e contra a inércia material pode ser produzido por qualquer máquina de tamanho suficientemente reduzido para poder ser transportado por um homem.

– Isto vale para qualquer ciência que sua espécie é capaz de desenvolver. Entretanto a máscara que você está usando não é uma fonte de energia. Trata-se de

um dispositivo para armazenar energia que pode ser coletada, por exemplo, durante poucos minutos de exposição a um sol que irradia com a mesma força do nosso, à mesma distância deste sol do nosso planeta. É também um mecanismo que pode desengatilhar esta energia em base a uma exigência mental. Como sua própria mente é incapaz de controlar a energia, esta máscara foi modificada para as características de sua mente, e funcionará automaticamente na forma que for necessária.

David levantou a mão até os olhos e mais uma vez o objeto, obediente aos seus desejos, caiu de seus olhos, voltando à forma de uma espécie de tira de gaze em sua mão.

A voz profunda voltou a se manifestar.

– E agora, Patrulheiro do Espaço, você terá que nos deixar.

De maneira quase imperceptível, David Starr voltou a perder a consciência.

Quando ela voltou, voltou sem qualquer transição. Voltou em sua totalidade. Não teve sequer uni instante de incerteza a respeito de onde se encontrava.

Soube com certeza absoluta que estava de pé, na superfície de Marte, que seu rosto estava protegido pelo capacete que lhe proporcionava oxigênio, que atrás de suas costas se encontrava o local exato no qual firmara a âncora ovóide de sua escada de corda para começar a descida, e que à esquerda, meio oculta entre as rochas, estava a plataforma deixada por Bigman.

Sabia também exatamente de que forma tinha voltado à superfície. Não era uma lembrança: era uma informação deliberadamente introduzida em sua mente, provavelmente o toque final para impressioná-lo com o poder que os Marcianos possuíam no campo das interconversões entre matéria e energia. Eles tinham dissolvido um túnel para levá-lo à superfície.

Tinham-no erguido contra qualquer lei de gravidade, a uma velocidade igual à de um míssil, transformando a rocha sólida em sua frente em energia e consolidando a energia mais uma vez em rocha depois de sua passagem, até que chegou a ficar de pé na superfície.

Em sua mente havia até palavras que nunca ouvira antes, pelo menos conscientemente. Eram palavras da voz feminina das cavernas, simples e singelas:

– Não tenha medo, Patrulheiro do Espaço!

Deu um passo à frente e compreendeu que o ambiente agradável, tão parecido ao da Terra e preparado para ele nas cavernas, já não existia mais. O contraste contribuía para que sentisse mais o frio, e o vento lhe pareceu mais forte de qualquer outro já percebido em Marte. O sol se encontrava pouco acima do horizonte a leste, como quando começara sua descida na fissura. Teria sido no dia anterior? Não possuía meios para avaliar o tempo durante seus intervalos

inconscientes, mas tinha certeza que não podiam ter passado mais que dois dias.

Notou uma diferença no céu: parecia mais azul, enquanto o sol tinha uma coloração mais avermelhada. David franziu a testa e depois encolheu os ombros. Estava começando a se acostumar com o panorama marciano, era apenas isto. Tudo agora parecia mais familiar e, por uma questão de hábito, estava querendo interpretar tudo pelos antigos padrões Terrestres.

Pensou que seria melhor voltar quanto antes para a fazenda. O carrinho não era veloz ou confortável como um carro de areia. Quanto menos tempo ficasse nele, melhor.

Começou a se orientar aproximadamente entre as formações rochosas e se sentiu um veterano. Os agricultores sabiam encontrar o caminho certo naquele deserto totalmente desprovido de trilhas exatamente com este sistema. Eles procuravam uma rocha "que se parecia com uma melancia", caminhavam naquela direção até ver "uma nave espacial com dois jatos desiguais" e cortavam entre as duas formações até chegar a ver "uma caixa com a tampa quebrada". Era um método grosseiro, mas dispensava instrumentos, necessitando apenas de boa memória e uma imaginação pitoresca, coisa que não faltava a qualquer agricultor.

David começou a seguir a rota recomendada por Bigman, como sendo aquela que lhe proporcionaria uma volta mais rápida e menos possibilidades de se perder entre as formações rochosas menos espetaculares. O carrinho corria, pulando loucamente todas as vezes que encontrava irregularidades do terreno e levantando poeira quando virava. David mantinha os calcanhares firmemente enfiados nas depressões apropriadas e segurava a alça metálica que servia de direção. Não fez qualquer tentativa de diminuir a velocidade. Mesmo que o carro se descontrolasse e virasse, não haveria muita probabilidade dele se machucar, considerando a baixa gravidade de Marte.

Quando parou, foi por um motivo totalmente diferente: um gosto esquisito na boca e uma estranha coceira ao longo do maxilar e da espinha. Havia poeira no interior de sua boca e David se virou, olhando com impaciência para a nuvem de poeira que se erguia atrás do carrinho como os gases de descarga de um míssil. Pareceu-lhe estranho que a poeira conseguisse chegar até em frente, a ponto de lhe encher a boca.

Até em frente. *Pela Galáxia*! O pensamento que tomou conta de seu cérebro naquele instante, provocou um aperto gelado em seu coração.

Diminuiu a velocidade do carrinho, dirigindo-o para uma elevação rochosa, onde não levantaria poeira. Então parou o carrinho e esperou que o ar voltasse límpido. Mas não aconteceu. Movimentou a língua. Experimentando o interior da boca que estava sempre mais seco e áspero. Observou o sol mais vermelho e o céu mais azulado compreendendo o significado daqueles sinais. Toda a

poeira que agora se encontrava no ar, refrangia mais a luz, tirando o sol e acrescentando-o no céu. Seus lábios estavam ficando mais secos e a coceira aumentava.

Não podia haver mais qualquer dúvida e com a pressa provocada pela sua firme intenção de levar a termo sua tarefa, pulou no carrinho e o levou a toda velocidade através das rochas, do pedregulho e da poeira.

Poeira!

Poeira!

Até na terra os homens conheciam perfeitamente as tempestades de areia de Marte, que se pareciam com as tempestades de areia dos desertos terrestres apenas pelo som. A tempestade marciana era a mais mortal entre todas as que se conheciam no Sistema Solar habitado. Em toda a história de Marte, jamais qualquer homem, apanhado assim como David Starr, no meio do deserto e com apenas um carrinho de emergência, tinha conseguido se salvar mesmo a pouca distância de abóbadas. Às vezes morriam a apenas vinte metros da entrada da abóbada, incapazes de percorrer mesmo esta curta distância, enquanto os observadores não ousavam sair para lhe prestar socorro, a não ser no interior de um carro de areia.

David Starr sabia que dentro de minutos poderia ser vitimado da mesma forma horrível. A poeira já estava penetrando entre a borda do capacete e a pele de seu rosto. Até seus olhos já piscavam e vertiam água.

• 12 •

A peça que faltava

Ainda não se compreende muito bem a natureza das tempestades de areia marcianas. Como acontece na Lua da Terra, a superfície de Marte está em grande parte coberta por uma camada de areia fina. Ao contrário da Lua, Marte possui uma atmosfera capaz de agitar esta poeira. Em geral, o caso não é grave. A atmosfera de Marte é fina e os ventos não duram muito.

Entretanto, por motivos até hoje desconhecidos, mas possivelmente relacionados com bombardeios de elétrons do espaço, a poeira torna-se eletricamente ativa, e cada partícula repele as partículas vizinhas. Mesmo sem vento, elas tendem a se levantar do chão. Qualquer passo pode neste caso levantar uma nuvem que a seguir se recusa a descer, e flutua no ar até dissolver.

Quando este fenômeno é acompanhado pelo vento, podemos dizer que está se verificando uma tempestade de areia de vastas proporções. A poeira nunca fica densa a ponto de impedir a visão o perigo não é este. O que mata é, na realidade, o poder de penetração da poeira.

As partículas de poeira são extremamente finas e penetram em qualquer lugar. As roupas não oferecem qualquer defesa. Uma parede rochosa não pode ser considerada um refúgio. Mesmo o respirador do capacete, com sua larga peça apoiada diretamente sobre o rosto, não consegue impedir às partículas de areia de penetrar em seu interior.

Na fase mais intensa da tempestade, bastariam dois minutos para provocar uma coceira insuportável, cinco minutos levariam um homem a se sentir praticamente cego, e quinze minutos seriam o suficiente para matá-lo. Mesmo uma tempestade discreta, a ponto de não ser notada pelas pessoas que nela se encontram, pode avermelhar porções de pele expostas produzindo feridas chamadas queimaduras de poeira.

David Starr sabia tudo isto e mais ainda. Sabia que sua pele estava ficando vermelha. Estava tossindo sem conseguir qualquer alívio. Já experimentara ficar com a boca fechada, expelindo o ar por uma abertura mínima, mas sem resultado. A poeira penetrava, encontrando o caminho entre os lábios cerrados. O carrinho estava funcionando de maneira irregular, pois a poeira estava começando a sufocar seu motor.

Os olhos de David estavam inchados e quase fechados. As lágrimas que escorriam pelas suas faces se acumulavam no interior do protetor, embaçando a chapa transparente, apesar de ser impossível ver qualquer coisa naquela tempestade.

Nada conseguiria impedir a penetração das partículas de areia, a não ser

uma abóbada com juntas cuidadosamente soldadas, ou um carro de areia. Nada mesmo.

Nada?

Apesar da coceira e da tosse, David estava pensando nos Marcianos. Poderiam eles saber que estava se preparando uma tempestade de areia? *Poderiam*? E se eles o soubessem, teriam eles levado David até a superfície? Ao examinar sua mente, eles deviam ter percebido que ele dispunha apenas de um carrinho para voltar até a abóbada. Poderiam então tê-lo transportado diretamente para a proximidade da abóbada, ou melhor, para o interior da abóbada.

Eles deviam saber que as condições eram favoráveis para uma tempestade de areia. Lembrou-se do ente com a voz profunda e de sua abrupta decisão de mandar David para a superfície, como se estivesse com pressa, para David ser apanhado pela tempestade.

Entretanto, as últimas palavras da voz feminina, aquelas palavras que não ouvira conscientemente e que com certeza tinham sido colocadas em sua mente enquanto era levado através da rocha, eram:

– Não tenha medo, Patrulheiro do Espaço.

Enquanto relembrava tudo isto, soube que possuía a resposta. Uma mão começou a procurar no bolso enquanto a outra mexia no capacete. No instante em que o capacete se ergueu, o nariz e os olhos, até lá parcialmente protegidos, recebiam uma nova rajada de areia escaldante e irritante.

Teve a tentação irresistível de espirrar, mas se conteve. Uma inalação involuntária poderia encher seus pulmões de poeira e isto poderia ser fatal.

Levantou a tira de gaze extraída do bolso, e deixou que envolvesse seus olhos e seu nariz, e voltou a colocar o capacete.

Só então espirrou. Deste jeito aspirou uma grande quantidade de inúteis gases atmosféricos marcianos, mas nenhuma poeira. A seguir forçou a respiração, inspirando quanto oxigênio podia e soltando-o pela boca, livrando-o de poeira. Alternou a respiração pelo nariz e pela boca, para evitar a embriaguez do oxigênio.

Aos poucos, enquanto as lágrimas lavavam a poeira de seus olhos sem que nova poeira penetrasse, começou a enxergar de novo. Seu corpo e seus membros eram ocultos pela névoa fumacenta do escudo de força que o protegia, e sabia que a parte superior da cabeça devia ser invisível atrás do brilho da máscara.

As moléculas de ar penetravam facilmente no campo de força, mas as partículas de areia e poeira, apesar de diminutas, eram suficientemente grandes para serem repelidas. David conseguia ver este processo a olho nu: quando as partículas de areia batiam no campo de força ficavam imobilizadas e a energia de seu movimento se transformava em luz, de forma que no ponto de impacto podia-se ver uma pequena faísca. David viu que seu corpo parecia um oceano de faíscas, ainda

mais brilhantes porque o sol marciano, vermelho e fraco por causa da poeira, deixava as camadas perto da superfície numa semi-escuridão.

David começou a bater e esfregar suas roupas. Uma nuvem de poeira se levantou, mas não conseguia voltar. Aos poucos, David livrou suas roupas de poeira. Observou o carrinho, tentou ligar o motor. Houve um breve latido rouco e depois o silêncio. Que mais poderia pretender? Ao contrário dos carros de areia, o carrinho não possuía, e nem poderia possuir um motor selado.

Precisaria caminhar. Não se assustou com a idéia. A abóbada da fazenda distava pouco mais que duas milhas e David tinha bastante oxigênio. Os cilindros estavam cheios. Os Marcianos tinham cuidado deste detalhe.

Pensou que agora já os estava compreendendo. Os Marcianos sabiam que haveria uma tempestade de areia. Até era possível que eles a tivessem provocado. Seria bem estranho se, com toda a experiência da meteorologia marciana e sua ciência extraordinariamente progredida, eles não conhecessem as causas fundamentais e o Mecanismo das tempestades de areia. A mais, tinham evitado de avisá-lo a respeito e de lhe lembrar que levava consigo uma defesa apropria da. Havia sentido nisto. Se ele era o homem que merecia o presente do campo de força ele iria, ou deveria, lembrar dele por si mesmo. Se não se lembrasse, significava que era o homem errado para a tarefa.

David teve um sorriso duro e ao mesmo tempo gemeu pelo contato de suas roupas contra a pele inflamada, enquanto caminhava. Os Marcianos mostravam ser frios e desprovidos de emoções por arriscar sua vida, e mesmo assim ele os compreendia. Lembrara-se com suficiente presteza como poderia se salvar, mas não queria se gabar disto. Aliás, deveria ter se lembrado da máscara muito antes.

O campo de força que o cercava facilitava seu progresso. Percebeu que envolvia até as solas de suas botas, a ponto que nunca entravam em contato com a superfície marciana, mas ficavam flutuando alguns milímetros acima. A repulsão provocada entre ele e o planeta resultava em maior elasticidade, como se suas solas tivessem molas de aço. Isto, aliado à baixa gravidade, conferia-lhe o poder de encurtar a distância até a abóbada a passos de gigante.

Estava com pressa. Mais que qualquer outra coisa, naquele momento só desejava um banho quente.

Quando David alcançou a entrada da câmara de compressão externa da abóbada, a pior fase da tempestade já estava arrefecendo e as faíscas em volta de seu escudo de força já começavam a rarear. Já podia tirar a máscara dos olhos.

Quando a seção finalmente se abriu, encontrou olhares atônitos, seguidos por gritos, enquanto os agricultores se apinhavam em sua volta.

– Grande Júpiter, é Williams!

– Onde você se meteu, rapaz?

– O que foi que aconteceu?

E acima de todo aquele vozerio confuso de perguntas cruzadas, alguém gritou com voz estridente:

– Como foi que você conseguiu superar a tempestade?

Todos ouviram e houve um breve silêncio.

Alguém observou:

– Olhe para seu rosto: parece um tomate descascado.

Isto era um exagero, mas sua aparência era lastimável e bastou para impressionar a todos. Mãos começaram a abrir seu colarinho fechado que tinha servido a protegê-lo contra o frio marciano. Arrastaram-no para uma cadeira e mandaram chamar Hennes.

Hennes chegou dentro de dez minutos. Saltou de um carrinho e se aproximou com um olhar entre furioso e exasperado. Não parecia aliviado ao ver um de seus homens chegar salvo de uma tempestade de areia. Mugiu:

– O que isto significa, Williams?

David levantou os olhos e respondeu friamente:

– Eu me perdi.

– Ah, sim? É só? Você sumiu por dois dias e você estava apenas perdido. Como é que você conseguiu?

– Pensei dar alguns passos, e fui longe demais.

– Vai ver, você precisava de um pouco de ar puro, daí você deu um passeio que durou duas noites marcianas? Você quer que eu acredite?

– Por que não? Por acaso está faltando algum carro de areia?

Um agricultor interferiu:

– Senhor Hennes, ele está esgotado. Esteve lá fora durante a tempestade.

Hennes retrucou impaciente:

– Deixe de besteira. Se ele estivesse lá fora durante a tempestade, não estaria vivo agora.

– Está bem – respondeu o agricultor. – Mas olhe em que condições está.

Hennes olhou. A vermelhidão do pescoço e dos ombros era inegável. Perguntou:

– Você esteve na tempestade?

– Receio que sim – respondeu David.

– Como conseguiu sobreviver?

– Encontrei um homem – disse David. – Era um homem revestido de luz e de fumaça. Ele não se importava com a areia. Disse-me que seu nome era Patrulheiro do Espaço.

Os homens ouviam, boquiabertos. Hennes investiu contra eles, furioso.

– Desapareçam daqui, pelo Espaço! – berrou. – Voltem ao trabalho. E

você, Jonnitel, traga um carro de areia para cá.

David só conseguiu tomar o banho quente que tanto desejava uma hora mais tarde. Hennes não permitiu que qualquer um se aproximasse dele. Em seu escritório, caminhava para todos os lados, nervosamente e de vez em quando parava de repente, furioso, exigindo que David respondesse.

– Como era este Patrulheiro do Espaço? Onde foi que você o encontrou? O que foi que ele disse? O que foi que ele fez? O que é esta estória sobre luz e fumaça?

David porém só sacudia levemente a cabeça e dizia:

– Fui passear. Me perdi. Um homem chamado Patrulheiro do Espaço me trouxe até aqui.

Finalmente Hennes se cansou. O médico da abóbada se encarregou de David. David conseguiu tomar um banho quente. Seu corpo foi besuntado de cremes e recebeu injeções de doses de hormônios. Infelizmente não conseguiu evitar que lhe aplicassem também uma injeção de Soporite. Adormeceu antes mesmo que a agulha saísse de sua carne.

Quando acordou estava entre lençóis limpos e frescos, na enfermaria. A vermelhidão da pele estava melhorando a olhos vistos. Sabia que o interrogariam de novo mas só precisava rechaçá-los por mais um pouco de tempo.

Acreditava ter resolvido o mistério das intoxicações alimentares: já tinha a quase totalidade das respostas. Precisava de mais alguns detalhes e, logicamente, de provas.

Percebeu um passo leve perto da cama e se retesou. Será que iam recomeçar tudo de novo? Entretanto, era apenas Benson, com seus lábios cheios apertados, os escassos cabelos em desalinho e uma expressão preocupada.

Segurava um objeto que se parecia com uma antiga pistola. Falou:

Williams, você está acordado?

David respondeu:

– Você pode ver que estou.

Benson passou uma mão sobre a testa suada:

– Eles não sabem que estou aqui. Acho que não deveria ter vindo.

– Por quê?

– Hennes está convencido que você tem algo a ver com as intoxicações alimentares. Espumava enquanto tentava convencer-me e também a Makian. Ele afirma que você esteve em algum lugar lá fora e não quer falar a respeito, a não ser contando aquela ridícula estória. Receio que você esteja em graves dificuldades, apesar de qualquer coisa que eu possa fazer.

– Apesar de qualquer coisa que o senhor possa fazer? O senhor não acredita nesta teoria de Hennes a respeito de minha cumplicidade?

Benson aproximou seu rosto e David sentiu seu hálito quente enquanto ele murmurava:

– Não, não acredito, porque acho que a estória que você contou é verdadeira. Vim por isto. Preciso fazer-lhe perguntas a respeito desta criatura que você descreveu e que você afirma estar coberta de luz e de névoa. Você tem certeza que não se tratava de uma alucinação?

– Eu o vi – disse David.

– Como é que você sabe que era uma criatura humana? Falava inglês?

– Ele não falou, mas suas formas eram humanas. – David perscrutou o rosto de Benson. – O senhor acha que poderia ter sido um Marciano?

– Ah – Os lábios de Benson se estiraram num sorriso espasmódico. – Você se lembra de minha teoria. Sim, pensou que era um Marciano. Pense, homem, pense. Eles estão se mostrando abertamente, agora, e qualquer informação pode ter uma importância vital. Temos pouco tempo.

– Por que temos pouco tempo? – David se apoiou num cotovelo.

– É claro, você não sabe o que aconteceu desde que você foi embora. Williams, todos nós estamos no maior desespero. – Ergueu o objeto que se parecia com uma pistola antiga e perguntou: – Você sabe o que é isto?

– Já vi o senhor manusear isto.

– É o meu arpão de amostragem. Uma invenção minha. Costumo levá-lo quando vou até os paióis na cidade. Este objeto dispara uma bala oca, presa por um cordão metálico, para o interior de um paiol de cereais. A certo ponto depois do disparo, a bala se abra na frente e recolhe os grãos. A seguir, a bala se fecha. Ao recuperá-la, retiro de seu interior a amostra recolhida. Variando a regulagem de tempo de abertura da bala, posso recolher amostras em várias profundidades do paiol.

David observou:

– Isto me parece genial, mas por que o senhor está com seu arpão agora?

– Porque estava pensando que seria melhor se eu o jogasse no Incinerador. Era minha única arma para lutar contra os envenenadores. Até agora não me trouxe qualquer resultado, e suponho que não vai ter sucesso nem no futuro.

– O que foi que aconteceu? – David agarrou o ombro de Benson. – Conte-me!

Benson gemeu pela dor. Disse:

– Todos os membros dos sindicatos agrícolas receberam mais uma carta. Parece não haver dúvida que as cartas e as intoxicações têm a mesma origem. As cartas parecem admiti-lo.

– O que estava escrito nas cartas?

Benson encolheu os ombros.

– Que diferença faz? Resumindo, elas intimam uma rendição completa, caso contrário as intoxicações alimentares aumentarão aos milhares. Acredito que isto pode realmente acontecer, e se for assim, a terra e Marte, aliás o Sistema todo, entrará em pânico. – Levantou-se – Eu disse a Makian e a Hennes que acredito em você, que este Patrulheiro do Espaço representa a verdadeira pista, mas eles não querem acreditar. Acho que Hennes até chegou a suspeitar que eu sou seu cúmplice.

Parecia indignado pelas injustiças que lhe faziam.

David perguntou:

– Quanto tempo temos ainda?

– Dois dias. Não, isto era ontem. Agora temos apenas trinta e seis horas.

Trinta e seis horas.

David precisaria agir muito depressa. Muito depressa mesmo. Talvez ainda tivesse tempo. Sem querer, Benson lhe entregara a peça que faltava para desvendar o mistério.

• 13 •
O Conselho entra em ação

Benson ficou mais dez minutos e foi embora. O que David lhe contou não satisfazia suas teorias sobre uma ligação entre Marcianos e as intoxicações, e começou a ficar inquieto. Disse:

– Não quero que Hennes me encontre aqui. Nós tivemos uma... uma discussão.

– E que tal, Makian? Ele não está do nosso lado?

– Não sei. Depois de amanhã poderia estar arruinado. Não acredito que ainda tenha garra suficiente para enfrentar aquele sujeito. Escute, preciso ir. Se você se lembrar de alguma coisa, ou tiver uma idéia qualquer, procure se comunicar comigo, está bem?

Estendeu a mão. David devolveu-lhe um breve aperto, e Benson foi embora.

David se sentou na cama. Sua inquietude só tinha aumentado desde o momento em que despertara. Suas roupas estavam jogadas sobre uma cadeira do outro lado do quarto. As botas se encontravam ao lado da cama. Não ousara revistá-las na presença de Benson, aliás evitara até olhar para elas.

Dominado pelo pessimismo, pensou que, talvez, ninguém as tivesse tocado. As botas altas de um agricultor são invioláveis. Furtar alguma coisa dentro de uma bota era um crime que podia ser comparado apenas ao furto de um carro de areia em pleno deserto. Quando um agricultor morria, suas botas eram enterradas com ele, sem que ninguém as revistasse.

David enfiou os dedos no bolso interno de cada bota e não encontrou nada: estavam vazios. Levava um lenço num e no outro guardava algumas moedas, mas era evidente que alguém tinha examinado suas roupas, sem se esquecer das botas. Prendeu o fôlego e enfiou um braço numa bota, procurando bem na ponta. O couro macio do cano chegava até sua axila, e seus dedos estavam todos esticados. Suspirou pelo alivio e a felicidade de encontrar o gaze macio da máscara marciana.

Conseguira enfiar o objeto na bota antes mesmo de tomar seu banho, sem imaginar que iam lhe aplicar Soporite. Tivera muita sorte que ninguém tivesse pensado em procurar com mais cuidado.

Colocou a máscara num bolso interno da bota, fechando-o. Apanhou as botas: alguém se dera ao trabalho de lustrá-las enquanto dormia, um pensamento gentil que também demonstrava o respeito instintivo que os agricultores tinham pelas botas, fossem elas de qualquer pessoa.

Suas roupas cheiravam bem, tinham passado através de um spray

refrescante. As fibras plásticas do tecido brilhavam como novas. Como era de e esperar, todos os bolsos estavam vazios, mas todos os seus pertences estavam amontoados debaixo da cadeira. Examinou-os e chegou à conclusão que não estava faltando nada. Encontrou até o lenço e as moedinhas tirados de suas botas.

Vestiu a roupa de baixo, as meias, o macacão e as botas. Um agricultor de barbas castanhas entrou enquanto estava afivelando o cinto.

David o encarou friamente e disse:

– O que é que você quer, Zukis?

O outro retrucou:

– Para onde você pretende ir, Terrestre? – Seus olhos revelavam sua maldade e David achou que a expressão era a mesma daquele primeiro dia em Marte. Conseguia se lembrar do carro de areia de Hennes ao lado a Agência de Emprego Agrícola, de como tinha entrado nele e do rosto barbudo atrás da arma, sem lhe dar qualquer oportunidade de defesa.

– Não vou a qualquer lugar onde precise de sua autorização – falou David.

– Você acha isto? Pois está errado, porque ficará aqui mesmo. Estas são as ordens de Hennes. – Zukis ficou parado em frente da porta. Havia dois desintegradores em seu cinto baixo.

Esperou um pouco. A seguir sua barba ensebada se partiu, revelando dentes amarelos.

– Como é, Terrestre, você mudou de idéia?

– Talvez – falou David. – Alguém esteve aqui ainda há pouco, para conversar comigo. Como foi que entrou? Você não estava vigiando?

– Cale a boca – rosnou Zukis,

– Ou será que lhe pagaram para que você olhasse para um outro lado? Talvez Hennes não goste disso.

Zukis escarrou bem ao lado das botas de David.

David perguntou:

– Você não estaria disposto a largar seus desintegradores e repetir isto?

Zukis disse:

– Cuidado quando você quiser comer alguma coisa, Terrestre.

Saiu e trancou a porta fechada. Após um breve intervalo, ouviu-se o ruído de metal contra a porta, e ela voltou a se abrir. Zukis estava trazendo uma bandeja, com uma porção amarela de abóbora e outra verde de verduras cozidas.

– Salada de verduras – anunciou. Zukis. – Bom demais para você.

Um polegar imundo aparecia na beirada da bandeja. A outra extremidade estava apoiada sobre o antebraço e a mão do agricultor não estava visível.

David se endireitou, depois se encurvou para um lado e encolheu as

pernas, apoiando-as no colchão da cama. Zukis, assustado, se virou, mas David, apoiando-se nas molas elásticas do colchão, pulou para o ar.

Colidiu violentamente com o agricultor e com uma mão arrancou-lhe a bandeja enquanto a outra agarrava a barba.

Zukis caiu com um grito rouco. As botas de David pisaram a mão do outro com força, a mesma mão que ele ocultava debaixo da bandeja. O grito se transformou num uivo de dor enquanto abria os dedos pisados, soltando do desintegrador armado.

David largou a barba e agarrou o pulso da outra mão que estava procurando o segundo desintegrador. Passou o braço do outro debaixo da cabeça de maneira que a mão voltou a aparecer do outro lado. Então David puxou.

– Fique quieto – disse – caso contrário vou quebrar seu braço.

Zukis parou de se debater, virando os olhos e arfando. Perguntou:

– O que é que você quer?

– Por que você estava escondendo o desintegrador debaixo da bandeja como é que Benson entrou para conversar comigo? Você não estava vigiando?

– Eu preciso me proteger, não é mesmo? Precisava estar pronto, caso você quisesse me atacar.

– Neste caso por que você não pediu a alguém para segurar a bandeja enquanto você o protegia?

– Não me lembrei disto – gemeu Zukis.

David apertou mais um pouco o braço e Zukis torceu a boca.

– Que tal me contar a verdade, Zukis?

– Eu... eu queria matá-lo.

– E como você ia justificar minha morte perante Makian?

– Ia dizer que... que você queria fugir

– Foi idéia sua?

– Não, a ordem veio de Hennes. Vá brigar com Hennes. Eu estava apenas executando uma ordem.

David soltou seu braço. Apanhou um desintegrador e tirou o outro de seu coldre.

– Levante-se.

Zukis rolou para um lado. Gemeu enquanto tentava se levantar, apoiando-se numa mão pisada e num ombro quase destroncado.

– O que é que você vai fazer? Você não pretende atirar num homem indefeso?

– Você não atiraria, não é mesmo? – perguntou David.

Uma outra voz interferiu:

– Solte as armas, Williams. – O tom não admitia discussão.

David virou a cabeça. Hennes estava parado na porta com o desintegrador apontado. Atrás dele aparecia o rosto cinzento e enrugado de Makian. A expressão de Hennes não deixava qualquer dúvida sobre suas intenções.

David deixou cair o desintegrador ao chão.

– Empurre-os para cá – mandou Hennes.

David obedeceu.

– Agora quero saber o que aconteceu.

David explicou:

– Você já sabe o que aconteceu. Zukis tentou me matar, segundo suas próprias instruções, e eu não deixei.

Zukis gaguejou:

– Não senhor, senhor Hennes. Não senhor. Não foi assim. Trouxe o almoço e ele me atacou. Minhas mãos estavam ocupadas com a bandeja. Não tive qualquer possibilidade de defesa.

– Cale a boca – falou Hennes em tom de desprezo. – Conversaremos mais tarde. Saia daqui e traga amarras. Mexa-se!

Zukis saiu correndo.

Makian perguntou com voz calma:

– Amarras para que?

– Porque este homem é um impostor perigoso, senhor Makian. O senhor deve estar lembrado que eu o trouxe porque ele parecia saber algo a respeito das intoxicações.

– Sim. Sim, eu me lembro.

– Ele contou uma estória a respeito de uma irmã caçula, intoxicada com geléia marciana, está lembrado? Pois investiguei isto. As mortes devidas a intoxicação alimentar, conhecidas pelas autoridades, como este homem afirmou, não foram muitas. Na realidade, chegam a menos de duzentos e cinqüenta. Foi fácil conhecer todos os casos, cuidei disto. Não houve nenhuma menina de doze anos, com um irmão da idade de Williams, que tivesse morrido depois de comer geléia.

Makian ficou estupefato.

– Quando foi que você soube isto?

– Logo depois que este homem chegou aqui. Mas passei por cima. Queria ver qual era seu verdadeiro intuito. Mandei que Griswold o vigiasse...

– Você mandou que ele me matasse – interrompeu David.

– Era de se esperar que você se saísse com esta, considerando que você o matou porque ele foi tolo e despertou suas suspeitas. – Voltou a falar com Makian. – A seguir, ele conseguiu despertar as simpatias daquele tolo de Benson, para poder estar sempre a par de nossas investigações. Finalmente, na outra noite, ele saiu da abóbada por motivos que ele não deseja explicar. Quer saber por que ele saiu? Para

se comunicar com as pessoas que o estão pagando, aquela gente que é responsável por tudo isto. Acho que o fato do *ultimatum* ter chegado enquanto ele estava ausente, é muito mais que uma mera coincidência.

– E onde estava você? – perguntou David de repente. – Você desistiu de me vigiar após a morte de Griswold? Se você tinha certeza que eu saíra para uma tarefa como a que você descreveu, por que não mandou um grupo de homens para me procurar?

Makian parecia surpreso. Falou:

– Bom, eu...

David, porém, o interrompeu:

– Deixe-me terminar, senhor Makian. Eu acho que Hennes não se encontrava na abóbada na noite em que saí, e também ficou ausente no dia e na noite seguintes. Onde é que você estava, Hennes?

Hennes deu um passo para frente, torcendo os lábios. David mantinha uma mão levemente fechada perto do rosto. Não acreditava que Hennes chegasse a atirar, mas estava pronto a usar a máscara marciana em caso de necessidade.

Makian, muito nervoso, colocou uma mão no ombro de Hennes.

– Sugiro que entreguemos este caso ao Conselho.

– Nada que lhe diga respeito – rosnou Hennes.

Zukis voltou com as amarras. Tratava-se de vergas plásticas flexíveis que podiam ser torcidas em qualquer direção e depois imobilizadas. Eram muito mais fortes que cordas ou mesmo algemas metálicas.

– Estique os braços – falou Hennes.

David obedeceu sem acrescentar uma palavra. As vergas plásticas foram enroladas duas vezes em volta de seus pulsos. Zukis apertou-as com força, sorrindo de maneira cruel, e depois puxou o pino: isto produzia automaticamente uma reorganização molecular que endurecia o plástico. A energia produzida por esta reorganização esquentou o plástico. Outras amarras foram colocadas nos tornozelos de David.

David sentou-se em silêncio sobre a cama. Ainda segurava a máscara marciana em uma das mãos. O fato de Makian ter mencionado o Conselho era uma garantia que não ficaria amarrado por muito tempo. Por enquanto, era preferível deixar que as coisas se desenvolvessem mais um pouco.

Voltou a perguntar:

– O que é que há com o Conselho?

Mas a pergunta era supérflua. Alguém soltou um berro do lado de fora e uma pessoa entrou pela porta, como lançado por uma catapulta, gritando:

– Onde está Williams? – Era o próprio Bigman, em tamanho natural, que aliás não era um tamanho notável. Não reparou que David estava sentado e falou

sem tomar fôlego: – Soube que você passou por uma tempestade de areia apenas quando cheguei na abóbada. Por Ceres, você passou por um grande perigo! Como foi que...

Percebeu a posição esquisita de David e se virou, furioso:

– Pelo Espaço, quem foi que mandou amarrar o rapaz deste jeito?

Hennes tinha se recuperado depois da surpresa. Esticou um braço e agarrou Bigman pelo colarinho do macacão, quase o erguendo do chão.

– Verme, eu avisei o que ia acontecer com você, se você voltasse.

Bigman estrilou:

– Solte-me agora mesmo, vagabundo. Tenho todo o direito de estar aqui. Solte-me neste instante mesmo, caso contrário terá que responder ao Conselho de Ciência.

Makian interferiu:

– Por Marte, Hennes, solte-o!

Hennes soltou Bigman.

– Saia daqui.

– Pois não vou sair de jeito nenhum. Sou funcionário do Conselho de Ciência. Vim em companhia do doutor Silvers. Pergunte a ele.

Acenou para um homem alto e magro ao lado da porta. Seus cabelos eram cor de prata, como seus bigodes.

– Se vocês não se importam – falou o doutor Silvers – vou tomar conta deste caso. O Governo da Cidade Internacional da Terra decidiu declarar o estado de Emergência do Sistema. Todas as fazendas ficarão, de agora em diante, sob o controle direto do Conselho de Ciência. Fui designado como interventor na fazenda Makian.

– Já imaginava que isto ia acontecer – murmurou Makian contrariado.

– Tirem as amarras deste homem – ordenou o doutor Silvers.

Hennes protestou:

– Ele é perigoso.

– Vou assumir esta responsabilidade.

Bigman deu um pulo e bateu os calcanhares.

– Para fora, Hennes!

Hennes ficou branco pela raiva, mas não disse nada.

Três horas depois, o doutor Silvers voltou a ver Hennes e Makian no apartamento deste último. Falou:

– Quero examinar todos os registros de produção desta fazenda durante os últimos seis meses. Precisarei conversar com o dr. Benson para saber seus

progressos na investigação destes casos de intoxicação. Temos seis semanas para resolver o caso.

– Seis semanas! – gritou Hennes. – O senhor quer dizer que temos um dia.

– Não. Se não conseguirmos desvendar o mistério dentro do termo do *ultimatum*, todas as exportações de alimentos marcianos serão embargados. Não temos a intenção de ceder até esgotarmos qualquer possibilidade.

– Pelo Espaço! – exclamou Hennes. – A Terra sofrerá de inanição!

– Este perigo não existe durante as próximas seis semanas – falou o doutor Silvers – Com o racionamento, as reservas alimentares poderão durar muito.

– Haverá desordens e tumultos – continuou Hennes.

– É verdade – concordou o doutor Silvers. – Tudo isto será muito desagradável.

– O senhor levará os sindicatos à falência de qualquer jeito. Pretendo ver o doutor Benson hoje à noite. Amanhã ao meio-dia teremos uma conferência a quatro. Amanha ao meio-dia, se até lá não conseguirmos qualquer resultado em Marte ou nos Laboratórios da Lua, começará o embargo das exportações e planejaremos uma reunião com todos os membros dos sindicatos marcianos.

– Por quê? – perguntou Hennes.

– Porque – respondeu o doutor Silvei – temos motivos para acreditar que quem quer que esteja cometendo estes crimes, deve estar intimamente relacionado com as fazendas. Os chantagistas conhecem sobejamente todos os detalhes importantes, e por isto chegamos a esta conclusão.

– O que vai acontecer com Williams?

– Já falei com ele. Afirma que a estória, que, aliás, me parece bastante esquisita, é verdadeira. Mandei-o para a cidade onde será interrogado mais uma vez, e se for necessário, sob hipnose.

Um sinal piscou acima da porta.

O doutor Silvers falou:

– Abra a porta, senhor Makian.

Makian obedeceu, como se não fosse o dono de uma das maiores fazendas marcianas e ao mesmo tempo um dos homens mais ricos e mais poderosos do Sistema Solar.

Bigman entrou. Olhou para Hennes com ar de desafio. Depois anunciou:

– Williams está voltando a cidade num carro de areia e acompanhado por guardas.

– Muito bem – respondeu o doutor Silvers e apertou os lábios finos.

O carro de areia parou a uma milha da abóbada. David Starr, com um

capacete de proteção sobre o rosto, saiu do carro. Acenou para o motorista que colocou a cabeça para fora e insistiu:

– Não esqueça. Saída 7. Um de nossos homens está a esperá-lo para fazê-lo entrar.

David assentiu sorrindo. Observou o carro de areia que continuava sua viagem até a cidade e voltou a pé em direção à abóbada.

Como era de se esperar, os homens do Conselho o estavam ajudando. Tinham consentido que saísse da fazenda abertamente, para poder voltar em secreto. Entretanto ninguém, nem mesmo o doutor Silvers conhecia as razões daquela sombra.

David possuía todas as pecinhas do mistério, mas ainda precisava de provas.

• 14 •

Eu sou um patrulheiro espacial

Hennes chegou em seu quarto cansado e furioso. Estava cansado porque já eram três horas da manhã. Durante as duas últimas noites não tivera muito tempo para descansar; aliás, durante os últimos seis meses lhe faltara qualquer alívio da tensão constante. Entretanto, achara necessário ficar até o fim da reunião do doutor Silvers com Benson.

O doutor Silvers não tinha se mostrado muito satisfeito, e era esta a razão da fúria que fervia em Hennes. Este doutor Silvers. Um velhote incompetente, chegado da cidade e que estava convencido de poder resolver num dia e numa noite um mistério que todos os cientistas da Terra e de Marte investigavam há seis meses, sem qual quer resultado. Hennes também estava zangado com Makian por ser tão mole e obedecer as ordens dadas por aquele imbecil de cabelos brancos.. Este Makian. Há vinte anos ele era quase uma lenda, conhecido por todos por ser o mais duro fazendeiro em Marte.

E havia Benson, que tinha interferido com os planos de Hennes que teriam levado à eliminação daquele outro novato imbecil, Williams. E Griswold e Zukis, dois idiotas que não sabiam executar um serviço simples, que teria eliminado as últimas resistências de Makian e o sentimentalismo de Benson.

Ficou indeciso se tornar ou não uma pílula de Soporite. Precisava descansar para estar em forma no dia seguinte, mas temia que sua raiva o impedisse de dormir.

Sacudiu a cabeça. Não. Não podia se arriscar. Não podia ficar indefeso e drogado: Durante a noite poderia acontecer algum fato decisivo.

Chegou a uma solução de compromisso: acionou o mecanismo que fechava a porta magneticamente. Examinou a porta para ver se o circuito eletromagnético estava funcionando. No ambiente completamente masculino e informal de uma abóbada de fazenda, ninguém costumava fechar portas de quartos: aliás, acontecia muitas vezes que o isolamento dos fios apodrecesse pelo desuso, sem que qualquer pessoa reparasse. Hennes lembrou que desde sua chegada nunca tinha acionado a trava da porta.

O circuito estava perfeito. Puxou a porta, mas ela não se mexeu. Suspirou enquanto sentava sobre a cama para tirar as botas. Primeiro uma e depois a outra. Massageou os pés, voltou a suspirar e se retesou: foi um movimento tão brusco que deslizou da cama.

Ficou parado, com uma expressão confusa. Não era possível. Não podia ser. Significaria que aquela estória idiota de Williams era verdadeira. Significaria

que as conversas estúpidas de Benson a respeito de Marcianos poderiam ser

Não quis acreditar. Era mais fácil pensar que o cansaço estava produzindo alucinações.

Entretanto seu quarto estava iluminado pelo brilho branco-azulado que não produzia ofuscamento. A luz era intensa podia distinguir as paredes, a cadeira, a cômoda e até suas botas no chão. Podia ver também o vulto masculino cujo rosto se ocultava atrás de uma luz intensa, enquanto o resto do corpo parecia envolvido por uma névoa.

Parou quando sentiu que a parede comprimia suas costas. Arredara sem perceber.

O vulto falou, e as palavras ribombaram como se tivessem um eco. O vulto proclamou:

– Sou o Patrulheiro do Espaço.

Hennes se endireitou. Controlou a surpresa e se esforçou para ficar calmo. Perguntou com a voz firme:

– O que é que você quer?

O Patrulheiro do Espaço se manteve imóvel e calado e Hennes não conseguia desviar o olhar.

O capataz esperou, mas a aparição continuou imóvel e muda. Pensou que talvez fosse um robô, condicionado para fazer aquela declaração. Podia ser verdade, mas logo Hennes afastou este pensamento. Estava parado perto da porta da cômoda e apesar de sua estupefação, sua mão começou a se movimentar bem devagar.

O movimento não era invisível, mas o vulto pareceu não prestar atenção. A mão de Hennes. num gesto pretensamente inocente, se apoiou sobre a cômoda. Aquele robô ou marciano, ou homem, não podia conhecer o segredo daquela cômoda, pensou. Hennes. Ficara esperando por ele no quarto, mas sem revistá-lo, porque os olhos de Hennes percebiam que nada estava fora do lugar. Tudo era normal, exceto a presença do Patrulheiro do Espaço.

Seus dedos comprimiram uma pequena protuberância da madeira. Possuía um mecanismo simples e quase todos os administradores de fazendas marcianas possuíam um móvel igual. Era um tipo de móvel antigo e importado nos tempos dos primeiros pioneiros, quando ainda a lei e a ordem não existiam. Comprimiu o lugar exato com a unha e um painel lateral da cômoda se abriu. Hennes, com um gesto fulmínio, apanhou o desintegrador escondido no nicho.

Segurou a arma com mão firme, apontando-a para o vulto que não se mexeu. Não percebeu qualquer movimento no lugar onde deveriam se encontrar os braços.

Hennes começou a ficar mais confiante. Robô, Marciano ou homem – ninguém podia sobreviver a uma descarga de desintegrador. A arma era diminuta. As

"pistolas" de antigamente disparavam uma bala que em comparação parecia uma rocha, O desintegrador tinha uma bala diminuta, entretanto era mortal. Qualquer coisa que atingisse acionava um gatilho atômico que transformava uma parte sub-microscópica em energia, e o objeto atingido – fosse ele de metal, de pedra ou de carne humana – era consumido completamente durante esta transformação.

Hennes perguntou em tom ameaçador, confiando na arma que segurava na mão:

– Quem é você? O que quer?

O vulto falou mais uma vez, e repetiu:

– Sou o Patrulheiro do Espaço.

Hennes arreganhou os lábios numa expressão feroz e deu ao gatilho.

O projétil saiu da boca do desintegrador em direção ao vulto feito de névoa e, ao atingi-lo, parou. Parou sem esbarrar no vulto. O barulho do impacto não foi além da barreira do campo de força, que absorveu toda a velocidade do projétil, transformando-o num lampejo.

Entretanto, este lampejo não chegou a ser percebido. Porque foi obliterado pelo intenso clarão produzido pela bala que se transformava em energia, sem qualquer matéria em volta para abafá-lo.

Hennes soltou um urro e cobriu os olhos com as mãos, como a protegê-los contra um impacto físico. Entretanto, era tarde demais. Quando juntou coragem suficiente para abrir os olhos, alguns minutos mais tarde, não conseguiu enxergar coisa alguma. Com olhos fechados ou abertos só percebia uma imensa escuridão pontilhada de manchas vermelhas. Não viu quando o Patrulheiro do Espaço se movimentou com presteza, revistou suas botas, abriu o circuito magnético da porta e saiu, antes que chegasse uma multidão assustada e vociferante

Hennes ainda estava cobrindo os olhos com as mãos, quando ouviu sua chegada. Gritou:

– Vamos, apanhe-o! Está aqui, no quarto! Andem, covardes, apanhem o sujeito!

– Não há ninguém aqui – gritaram algumas vozes e alguém acrescentou: – Mas sinto cheiro de desintegrador.

Uma voz mais firme e mais autoritária perguntou:

– O que aconteceu, Hennes? – Era o doutor Silvers.

– Intrusos – respondeu Hennes. – Será que ninguém consegue vê-lo? O que é que há? Será que vocês estão... – Não conseguiu pronunciar a palavra. Seus olhos piscavam, lacrimejando, e estava começando a distinguir manchas de luz. Não conseguia dizer "cegos".

Silvers perguntou:

– Quem era o intruso? Pode descrevê-lo?

Mas Hennes ficou a balançar a cabeça, sem saber o que dizer. Como poderia contar que vira um pesadelo envolvido em névoa que fazia explodir prematuramente a munição do desintegrador, sem ficar prejudicado?

O doutor James Silvers voltou ao seu quarto, preocupado. Tivera que sair antes de terminar seus preparativos para dormir, e esta movimentação confusa de homens, e a falta de explicações de Hennes eram apenas alfinetadas. O importante chegaria amanhã.

Não confiava na vitória, não confiava na eficácia do embargo. Bastaria que embargassem os carregamentos e que algumas pessoas na Terra descobrissem o verdadeiro motivo: os resultados poderiam ser muito mais assustadores que uma intoxicação em massa.

O jovem David Starr parecia confiar num desfecho positivo, mas até agora suas ações não pareciam justificar este otimismo. Aquela estória do Patrulheiro do Espaço era meio fraca e só servia para despertar as suspeitas de indivíduos como Hennes, colocando em risco sua própria vida. Felizmente, ele, Silvers, chegara em boa hora. David Starr também não dera qualquer explicação pela estória, apenas comunicara sua intenção de sair da abóbada para poder voltar em segredo. Ao receber a carta de David Starr, trazida por Bigman Silvers tinha se comunicado com o quartel-general do Conselho na Terra, recebendo a informação que David Starr deveria ser obedecido e apoiado em todos os sentidos.

Entretanto, como era possível que um rapaz tão jovem...

O doutor Silvers parou. Esquisito. Tinha deixado a porta do quarto aberta, e ainda estava aberta. Mas o quarto estava às escuras. Lembrava-se que a luz estava acesa.

Talvez alguém tinha apagado a luz, por causa de um impulso de economia... mas isto era improvável.

Não ouviu nada. Segurou seu desintegrador, empurrou a porta e deu um passo decidido em direção do computador.

Uma mão cobriu sua boca.

O doutor Silvers se debateu, mas o braço era forte e musculoso e logo reconheceu a voz que murmurava em seu ouvido.

– Quieto, doutor Silvers. Não queria que o senhor gritasse pela surpresa e assim indicasse meu paradeiro.

O braço se afrouxou. Silvers perguntou:

– Starr?

– Sim, sou eu. Feche a porta. Pensei que seu quarto seria um bom lugar para eu me esconder enquanto me procuram. Preciso falar com o senhor. Hennes explicou o que lhe aconteceu?

– Na realidade, ele não explicou coisa alguma. Você esteve envolvido

naquela confusão?

David sorriu na escuridão.

– De uma certa forma, doutor Silvers. Hennes recebeu a visita do Patrulheiro do Espaço, e na confusão que se seguiu, me refugiei aqui em seu quarto, e espero que ninguém me tenha visto.

O velho cientista levantou a voz sem querer. – O que é que você está dizendo? Não estou com vontade de brincadeiras.

– Não estou brincando. O Patrulheiro do Espaço realmente existe!

– Isto não basta. Hennes não ficou convencido com a estória e eu mereço conhecer a verdade.

– Acho que Hennes está completamente convencido, e vou contar tudo ao senhor até amanhã à noite. Agora, me escute. Já falei que o Patrulheiro do Espaço existe, e representa nossa maior esperança. Neste jogo existe muita trapaça. Apesar de eu sabe quem provocou as intoxicações, meus conhecimentos podem resultar inúteis. Não estamos nos defrontando com um ou dois criminosos que esperam ganhar milhões fazendo chantagens, mas com um grupo muito bem organizado que pretende se apoderar de todo o Sistema Solar. Tenho certeza que o grupo pode continuar suas atividades mesmo se ficar sem seus líderes. Precisamos descobrir o maior número de pormenores, para acabar com esta conspiração uma vez por todas.

– Diga-me quem é o líder – falou o doutor Silvers – e o Conselho poderá descobrir todos os fatos necessários.

– Mas não poderá fazê-lo com a rapidez necessária – respondeu David, decidido. – Precisamos encontrar a resposta, todas as respostas, em menos de vinte e quatro horas. Qualquer atraso na vitória provocará milhões de mortes na Terra.

Silvers perguntou:

– Qual é seu plano?

– Em teoria – disse David – eu sei quem é o culpado e como aconteceram as intoxicações. O envenenador poderia negar, e para impedi-lo, preciso de provas materiais. Vou consegui-las ainda esta noite. Mesmo assim, será necessário assustá-lo, para conseguirmos as informações necessárias. Vamos nos valer do Patrulheiro do Espaço. Aliás, ele já começou a assustar.

– Lá vai você mais uma vez com este Patrulheiro do Espaço! Você parece enfeitiçado por esta coisa. Se ele realmente existe, se este não é mais um de seus truques, quem é ele, o que é ele? Como você sabe que você não está sendo enganado?

– Por enquanto não posso falar nisto. Só posso lhe dizer que eu o conheço e que sei que ele está ajudando a humanidade. Confio nele como confio em mim mesmo, e assumo plena responsabilidade pelos seus atos. Doutor Silvers, o senhor deve fazer o que eu disser. Caso contrário não teremos escolha e seremos obrigados

a agir sem o senhor. Este plano é tão importante que não permitirei que qualquer pessoa, mesmo o senhor, me atrapalhe.

David Starr parecia estar realmente decidido. O doutor Silvers não podia ver sua expressão, mas não era necessário. – O que é que você quer que eu faça?

– Amanhã ao meio dia o senhor se encontrará com Maldan, Fiennes e Benson. Leve Bigman consigo, como guarda do corpo. Ele é baixinho, mas é muito rápido e não teme ninguém. Mande homens do Conselho cercar o Prédio Central. Gostaria sugerir que eles estejam armados com desintegradores a repetição e bolas de gás, para qualquer eventualidade. Agora lembre-se que entre meio-dia e quinze e meio-dia e trinta a entrada posterior deverá ficar desguarnecida, sem ninguém a observá-la. Vou garantir que isto poderá ser feito com total segurança. Procure não mostrar surpresa, qualquer coisa que aconteça.

– Você estará presente?

– Não. Minha presença é desnecessária.

– Mas então?

– O Patrulheiro do Espaço virá. Ele sabe o que eu sei, mas se ele fizer as acusações, eles terão um impacto muito maior, e arrasarão o criminoso.

Apesar de todas as suas objeções, o doutor Silvers sentiu ressurgir a esperança, – Então você acredita que conseguiremos vencer?

Houve um silêncio. Finalmente David Starr falou: – Como poderia afirmá-lo? Só posso é esperar.

Desta vez, o silêncio foi mais demorado, O doutor Silvers percebeu uma corrente de ar, como se a porta estivesse aberta. Acendeu a luz, O quarto estava vazio.

• 15 •

O patrulheiro especial se encarrega do caso

O patrulheiro espacial se encarrega do caso

David Starr agiu com a maior rapidez admissível. A noite chegava ao fim. A excitação e a tensão estavam começando a arrefecer enquanto o cansaço estava se tornando mais evidente.

O feixe de sua pequena lanterna passava de um ponto para o outro. Esperava ardentemente que o que procurava não se encontrasse atrás de fechaduras travadas. Neste caso deveria usar a força, e naquele momento não sentiu qualquer disposição de atrair uma atenção desnecessária. Não encontrou qualquer cofre ou outro receptáculo parecido. De um lado isto era bom, mas por um outro lado era ruim. O que estava procurando não poderia estar muito fora do alcance, mas poderia não estar naquele aposento.

Seria uma lástima, depois de todo o trabalho para conseguir a chave daquele aposento. Hennes não se preocuparia tão cedo com as conseqüências daquele plano.

David sorriu. No primeiro instante, ele próprio ficara quase tão surpreso como Hennes. Suas palavras. "Eu sou o Patrulheiro do Es paço," eram as primeiras que pronunciava através do campo de força da máscara marciana, desde sua saída das cavernas. Não conseguia lembrar o som de sua própria voz nas cavernas. Talvez não a ouvisse de verdade. Influenciado pelos Marcianos, possivelmente apenas transmitira seus pensamentos.

Aqui, na superfície, o som de sua própria voz o deixara atônito. Aquele som cavernoso e ribombante chegou com uma surpresa. Logo se recuperou e chegou a compreender os motivos. O campo de força deixava passar moléculas de ar, mas provavelmente a passagem era mais vagarosa. Esta interferência provavelmente afetava as ondas sonoras.

David não chegava a lastimá-lo. Realmente, aquela voz poderia

O campo de força demonstrara sua eficiência contra a radiação do desintegrador. Entretanto, o clarão não chegara a ser suprimido. Ainda bem que o efeito sobre David era mínimo quando comparado ao efeito sobre Hennes.

Enquanto refletia, procurava metodicamente em todos os cantos das gavetas e prateleiras.

O feixe de luz se imobilizou. David apanhou um pequeno objeto metálico, quase escondido atrás de outro. Observou-o com atenção iluminando-o de todos os lados. Ajustou um pequeno botão que parava em posições diferentes e esperou para ver o que acontecia.

Seu coração batia loucamente.

Esta era a prova definitiva. Era a prova que confirmava todas as suas especulações – especulações muito racionais e mesmo assim apenas baseadas na lógica. Esta lógica estava agora comprovada por um objeto composto de moléculas, algo que poderia ser visto e tocado.

Colocou o objeto no bolso interior da bota, junto à máscara marciana e às chaves tiradas das botas de Hennes.

Trancou a porta e saiu. A abóbada estava começando a ficar cinzenta. Logo se acenderiam todas as lâmpadas fluorescentes, marcando o início oficial de um novo dia. Seria o último dia para os envenenadores, ou então o último dia da civilização terrestre.

Pensou que ainda lhe ficavam algumas horas para descansar.

A abóbada da fazenda de Makian estava silenciosa. Poucos apicultores estavam em condições de imaginar o que estava acontecendo. Todos pressentiam que a situação era muito séria, muito grave, mas não adivinhavam os motivos. Alguns murmuravam que Makian estava passando por dificuldades financeiras, mas ninguém podia acreditá-lo. A afirmação não tinha lógica: por que motivo o Conselho mandaria um pequeno exército só por este motivo?

Homens de rostos duros rondavam o Prédio Central, segurando desintegradores a repetição. Havia dois canhões no teto. Toda a área em volta estava deserta. Todos os agricultores, exceto os que cuidavam de serviços básicos, estavam recolhidos em seus alojamentos. Os poucos que trabalhavam, receberam a ordem de não se afastar dos locais de trabalho.

Ao meio-dia e quinze em ponto os dois homens que vigiavam a entrada na parte posterior do prédio se afastaram, deixando a área sem vigilância. Voltaram ao meio-dia e trinta. Um artilheiro que cuidava dos canhões no teto afirmou mais tarde que vira alguém entrar no prédio enquanto os guardas estavam ausentes. Admitiu ter apenas vislumbrado um vulto, mas sua descrição pareceu meio absurda, porque o rapaz afirmou ter visto um homem em chamas.

Ninguém acreditou em suas palavras.

O doutor Silvers não tinha certeza de nada. Duvidava até de como iniciar aquela sessão. Observou os outros quatro homens que estavam sentados em volta da mesa.

Makian. Parecia não ter dormido durante uma semana. Possivelmente sofria realmente de insônia. Mantinha-se calado e o doutor Silvers duvidou que

Makian soubesse onde se encontrava.

Hennes. Usava óculos escuros. A um certo ponto tirou os óculos, mostrando que seus olhos estavam vermelhos e inchados. Murmurava entredentes, com expressão furiosa.

Benson. Calado e perturbado. Na noite anterior o doutor Silvers tinha conversado com Benson durante várias horas, e tinha se convencido que o fracasso das investigações provocava em Benson uma sensação de vergonha e de infelicidade. Benson mencionara os Marcianos, Marcianos nativos, e acreditava que as intoxicações deviam ser atribuídas a eles. Silvers logo percebeu que não podia levá-lo a

Bigman. Era o único a ostentar um ar satisfeito. Na realidade, Bigman só compreendia uma pequena parcela da crise atual. Recostado em sua cadeira, parecia feliz de se encontrar ali, junto com pessoas importantes.

Silvers insistira em mais uma cadeira perto da mesa e a cadeira estava vazia. Ninguém comentou o fato.

O doutor Silvers conversava, fazia observações desprovidas de importância para encobrir sua própria insegurança. Como a cadeira vazia, ele também estava esperando.

As doze horas e dezesseis minutos Silvers ergueu a cabeça e se levantou devagar. Não disse nada. Bigman empurrou a cadeira para trás, fazendo-a cair ruidosamente. Hennes virou a cabeça de repente e seus dedos se crisparam sobre a mesa. Benson olhou e gemeu. Só Makian parecia impassível. Ergueu os olhos com indiferença: aparentemente, o espetáculo só o impressionou como mais um elemento incompreensível de um mundo que não reconhecia mais.

O personagem parado ao lado da porta falou:

– Eu sou o Patrulheiro do Espaço!

O brilho que cercava suas feições estava um pouco menos intenso por causa da intensa iluminação da sala, mas a névoa que envolvia seu corpo parecia mais densa, pensou Hennes que já o tinha visto na noite anterior.

O Patrulheiro do Espaço se aproximou. Os homens afastaram um pouco suas cadeiras, um gesto automático, e a cadeira vazia ficou completamente isolada.

O Patrulheiro do Espaço se sentou: o rosto permanecia invisível atrás da máscara luminosa, enquanto esticava os braços cobertos de névoa sobre a mesa. Entretanto entre eles e a superfície da mesa ficou um espaço vazio de pelo menos um centímetro.

O Patrulheiro do Espaço disse: – Vim para falar com criminosos.

Seguiu-se um silêncio pesado, que foi interrompido por Hennes que perguntou, sarcástico:

– Você está se referindo a arrombadores?

Levantou a mão até os óculos escuros, mas não os tirou. Sua mão tremia.

A voz do Patrulheiro do Espaço era baixa e monocorde.

– É verdade, sou um arrombador. Aqui estão as chaves que tirei de sua bota. Já não preciso dela.

As chaves deslizaram até Hennes com um brilho metálico. Hennes não quis tocá-las.

O Patrulheiro do Espaço continuou:

– Tive que agir deste jeito para evitar um crime maior. Temos o crime do capataz de confiança, por exemplo, que regularmente passa as noites em Wingrad City, investigando sozinho para descobrir os envenenadores.

O rosto de Bigman se abriu num sorriso de regozijo.

– Ora, ora, Hennes – gritou. – Parece que alguém está falando em você.

Hennes porém só via e ouvia o personagem do outro lado da mesa. Perguntou:

– Onde está o crime?

– O crime – respondeu o Patrulheiro do Espaço – consiste numa rápida viagem para os Asteróides.

– Por quê? e Para quê?

– O *ultimatum* dos envenenadores não chegou dos Asteróides?

– Você está me acusando de ter organizado as intoxicações? Pois eu nego. Exijo que você prove o que diz. Quero dizer, se você acredita que precisa de provas. Talvez você pense que esta sua fantasia pode me obrigar a admitir mentiras.

– Onde você se encontrava nas duas noites que precederam a chegada do *ultimatum* final?

– Não pretendo responder. Você não tem o direito de me interrogar.

– Então vou responder por você. O grosso da vasta conspiração dos envenenadores se encontra nos Asteróides, onde se reuniram os restos dos antigos bandos de piratas. O chefe da conspiração, o cérebro, se encontra aqui na fazenda de Makian.

Makian se levantou cambaleando. Seus lábios se mexeram.

O Patrulheiro Espacial acenou para ele se sentar agitando o braço envolvido na névoa.

– E você, Hennes, é o intermediário.

Hennes tirou os óculos. Seu rosto liso e redondo, apesar dos olhos avermelhados, era duro como granito. Falou:

– Você me entedia, Patrulheiro do Espaço, ou qualquer que seja seu nome. Esta reunião, pelo que me disseram, tinha a finalidade de discutir os meios para lutar contra os envenenadores, Agora vejo que se converteu num foro improvisado para as tolas acusações de um ator. Vou embora.

O doutor Silvers esticou a mão além de Bigman e agarrou o pulso de Hennes. – Por favor, Hennes, fique aqui. Quero ouvir mais. Ninguém poderá condená-lo se não houver provas.

Hennes empurrou a mão de Silvers e se levantou.

Bigman falou com muita calma:

– Adoraria ver você morto a tiros, Hennes. Será o que acontecerá se você sair por aquela porta.

– Bigman está certo – confirmou Silvers. – Há homens armados lá fora, com ordens de não deixar sair qualquer pessoa sem minha autorização

Hennes cerrou os punhos, depois disse:

– Não pretendo dizer mais uma palavra sequer, dentro deste procedimento ilegal. Todos vocês são testemunhas que estou sendo retido contra minha vontade. Sentou-se e cruzou os braços sobre o peito.

O Patrulheiro do Espaço voltou a falar.

– Hennes realmente é apenas um intermediário. Ele é um sujeito por asqueroso demais, e não é o principal culpado.

Benson protestou num sussurro.

– Esta é uma contradição.

– Só aparentemente. Considere o crime. Você pode aprender muito a respeito de um criminoso, considerando seu crime. Em primeiro lugar, temos um fato: até agora só morreram relativamente poucas pessoas. É possível que os criminosos poderiam ter chegado mais rapidamente a um resultado se tivessem começado logo com intoxicações maciças, em vez de ficar ameaçando durante seis meses. Estavam arriscando serem capturados e não ganharam nada, O que isto significa? Parece que o líder hesita antes de matar. Não podemos afirmar que este seja um traço característico de Hennes. Consegui a maior parte de minhas informações por intermédio de Williams, que não se encontra aqui conosco, e soube por ele que depois de sua chegada na fazenda Hennes tentou várias vezes mandar matá-lo.

Hennes esqueceu suas resoluções e berrou:

– Mentira!

O Patrulheiro do Espaço continuou, sem tomar conhecimento:

– Isto significa que Hennes não possui qualquer escrúpulo quando se trata de assassinato. Precisamos encontrar alguém com uma personalidade mais mansa. Porém, o que poderia levar uma pessoa essencialmente pacífica a matar criaturas que ela nunca viu e que nunca lhe fizeram qualquer mal? Afinal, já temos algumas centenas de mortes, apesar que isto representa apenas uma porcentagem mínima da população da Terra. Cinqüenta vítimas eram crianças. É de se supor que nos defrontamos com uma necessidade doentia de poder e de riquezas, que sobrepuja

qualquer tendência pacifica. Qual pode ser a origem desta necessidade? Uma vida cheia de frustrações que talvez tenha levado esta pessoa a um ódio mórbido contra toda a humanidade, e um desejo de mostrar a todos que o desprezam que na realidade ele é uma pessoa capaz. Estamos procurando, por conseguinte, um homem com um marcado complexo de inferioridade. Onde podemos encontrá-lo?

Todos estavam observando o Patrulheiro do Espaço com intenso interesse. Até Makian dava sinais de certa animação. Benson mantinha a testa franzida e Bigman não sorria mais.

O Patrulheiro do Espaço continuou:

– O que aconteceu depois da chegada de Williams na fazenda é um indicio muito importante. Logo duvidaram que ele fosse um espião. Descobriram sem dificuldade que sua estória da irmã intoxicada era falsa. Como eu já disse, Hennes queria matá-lo sem demora. Mas o líder, por causa de sua consciência hesitante, queria usar um outro sistema. Tentou neutralizar o perigoso Williams mostrando amizade para ele e aparentemente brigando com Hennes.

Vamos resumir os fatos, O que sabemos a respeito do líder dos envenenadores? Trata-se de um homem que possui uma consciência, que se mostrava amável com Williams e fingia hostilizar Hennes. Um homem com um complexo de inferioridade adquirido durante uma vida cheia de frustrações, porque ele era diferente, menos homem, mais franzino...

Alguém fez um movimento brusco. Uma cadeira raspou o chão e um personagem arredou da mesa, com um desintegrador na mão.

Benson se levantou e gritou:

– Pelo Espaço, *Bigman*!

O doutor Silvers se queixou, desesperado:

– Recebi instruções para trazê-lo até aqui como guarda do corpo. Ele está armado.

Bigman ficou parado, com o desintegrador na mão, observando a todos com seus olhos pequenos e brilhantes.

• 16 •
Solução

Bigman falou em tom firme:

– Não vamos chegar a conclusões apressadas. Pela descrição, o Patrulheiro do Espaço poderia estar falando a meu respeito, mas ele ainda não disse nada.

Todos os olhos estavam em Bigman. Ninguém falou.

De repente, Bigman jogou o desintegrador para o ar, voltou a apanhá-lo pelo cano e mandou que deslizasse sobre a mesa em direção ao Patrulheiro do Espaço.

– Eu afirmo que não sou este homem, e aqui está minha arma para mostrar que estou falando sério.

A mão do Patrulheiro do Espaço, coberta de névoa, apanhou a arma.

– Eu também afirmo que você não é este homem – disse empurrando o desintegrador em direção de Bigman.

Bigman o apanhou depressa, e colocando-o no coldre, voltou a se sentar.

– E agora, Patrulheiro do Espaço, continue.

O Patrulheiro falou:

– Poderia ter sido Bigman, mas por outro lado, existem muitos motivos que excluem esta possibilidade. Em primeiro lugar a inimizade entre Bigman e Hennes surgiu muito antes da chegada de Williams.

O doutor Silvers protestou:

– Ora, escute. Se o líder fingia de não se dar com Hennes pode ter sido por motivos diferentes e não apenas para fingir na frente de Williams. Pode ter sido algo muito mais antigo.

O Patrulheiro do Espaço respondeu:

– Uma observação muito aguda, doutor Silvers. Entretanto, considere isto, O líder, quem quer que ele seja, deve estar controlando firmemente a tática do bando. Deve ter habilidade suficiente para impor sua própria aversão a matanças a um bando que pode ser considerado o agrupamento dos mais desesperados bandidos do Sistema. Só existe uma maneira para fazê-lo: ajeitar as coisas de maneira que eles nada possam fazer sem ele. Mas como? Só controlando o fornecimento do veneno e o método de envenenamento. Tenho certeza que Bigman não poderia fazer qualquer uma destas coisas.

– Como é que você sabe? – perguntou Silvers.

– Porque Bigman não possui os conhecimentos necessários para desenvolver e produzir um novo tipo de veneno, mais virulento que qualquer outra

matéria tóxica conhecida. Bigman não tem um laboratório e nem os conhecimentos de botânica e bacteriologia necessários. Bigman não tem acesso aos paióis de cereais de Wingrad City. Enquanto Benson pode fazer tudo isto.

O agrônomo protestou, suando:

– O que você pretende fazer? Quer me provocar como você provocou Bigman ainda há pouco?

– Eu não provoquei Bigman – disse o Patrulheiro do Espaço. – Nunca o acusei. Mas acuso você, Benson. Você é o cérebro, o líder deste bando de conspiradores e envenenadores.

– Não! Você está delirando.

– Não. Estou raciocinando muito bem. Williams logo desconfiou de você e me transmitiu suas dúvidas.

– Williams não tinha motivos para duvidar de mim. Sempre fui muito franco com ele.

– Sua franqueza foi excessiva. Você cometeu o erro de lhe dizer que acreditava que as bactérias marcianas que cresciam nas fazendas eram a origem do tóxico. Como agrônomo você devia saber que isto era impossível. A vida marciana não é de natureza protéica e não poderia se alimentar de plantas terrestres, como nós não poderíamos nos alimentar de pedras. Isto significa que você propositalmente lhe contou uma mentira, e isto levou Williams a desconfiar que qualquer coisa tivesse ligação com você. Williams até desconfiou que você tivesse produzido uma concentração de bactérias marcianas. Este extrato poderia ser venenoso, você não concorda?

Benson protestou aos gritos:

– Mas como poderia eu distribuir o veneno? Isto não tem sentido.

– Você tinha acesso aos carregamentos que saíam das fazendas de Makian. Depois dos primeiros casos de intoxicação você conseguiu autorização para coletar amostras nos armazéns e paióis da cidade. Você explicou a Williams com quanto cuidado você recolhia as amostras nos diferentes paióis, e em diferentes níveis do mesmo paiol. Explicou até que usava um objeto parecido com um arpão, inventado por você.

– O que há de errado nisto?

– Muita coisa. Ontem à noite consegui algumas chaves com Hennes. Usei-as para entrar no único local desta abóbada que está constantemente trancada – quero dizer, seu laboratório. Então, achei isto. – Ergueu o pequeno objeto.

O doutor Silvers perguntou:

– O que é isto, Patrulheiro do Espaço?

– É o instrumento usado por Benson para apanhar amostras. Pode ser colocado na ponta de seu arpão especial. Observem como funciona.

O Patrulheiro do Espaço ajustou um pequeno controle. – Ao acionar o arpão – explicou – liga-se esta pequena alavanca de segurança. Assim. Agora, olhem!

Ouviu-se um leve zunido que durou cinco segundos. Quando parou, o pequeno objeto se abriu numa extremidade e logo se fechou.

– Esta é sua maneira de funcionar – gritou Benson. – Nunca fiz segredo disto.

– Pois é – concordou o Patrulheiro em tom severo. – Você e Hennes brigaram por causa de Williams, e a briga se prolongou durante dias. Você não conseguia concordar com seu assassinato. A certo ponto você levou esta geringonça até a cama de Williams, para ver se ele ficaria surpreso e diria alguma coisa comprometedora. Ele não falou, mas Hennes não queria esperar mais. Mandou Zukis para eliminá-lo.

– Mas o que é que há de errado com meu instrumento? – protestou Benson.

– Deixe que mostre mais uma vez seu funcionamento. Entretanto, doutor Silvers, peço que observe atentamente o instrumento do seu lado.

Silvers se debruçou sobre a mesa. Bigman, com o desintegrador na mão, observava alternadamente Hennes e Benson. Makian estava de pé, com as faces coradas.

O controle do instrumento foi ajustado mais uma vez e quando sua extremidade se abriu, todos puderam ver no lado indicado uma pequena chapa de metal escorrendo e descobrindo uma depressão cheia de material úmido.

– Pronto – disse o Patrulheiro do Espaço. – Todos podem ver o que aconteceu. Todas as vezes que Benson recolhia uma amostra, alguns grãos de cereal ou uma fruta, uma folha de alface ficavam lambuzadas com esta substância incolor, que é um concentrado poderoso de bactérias marcianas. Trata-se de um veneno simples que sem dúvida não fica afetado durante as manipulações subseqüentes do processamento alimentar e acaba em algum pão, num vidro de geléia ou numa lata de alimento para bebês. É um truque realmente diabólico.

Benson estava batendo os punhos na mesa:

– É mentira, uma mentira!

– Bigman – continuou o Patrulheiro – passe uma mordaça naquele homem. Fique perto dele é não deixe que se mova.

– Escute – interferiu o doutor Silvers – você está fazendo acusações, Patrulheiro do Espaço, mas você deve dar ao homem uma possibilidade de se defender.

– Não temos tempo – respondeu o Patrulheiro. – A seguir, o senhor terá provas que poderá considerar satisfatórias.

Bigman amordaçou Benson com seu lenço. Benson se debateu inutilmente e depois ficou quieto, suando muito. Bigman encostou o desintegrador em sua cabeça.

– Da próxima vez – disse Bigman – vou encostar a arma com força suficiente para deixá-lo inconsciente, ou com comoção cerebral.

O Patrulheiro do Espaço se levantou:

– Todos vocês duvidaram de Bigman quando falei num homem com complexo de inferioridade, só porque ele é baixo. Existem diferentes maneiras de uma pessoa ser acanhada. Bigman compensa seu tamanho com sua agressividade e a afirmação de suas opiniões. É por isto que os homens o respeitam. Entretanto Benson, que aqui em Marte vive no meio de homens de ação, é desprezado por ser um "agricultor universitário" e é ignorado por ser fraco. Homens que ele considera inferiores não lhe prestam a menor atenção. Mas compensar tudo isto com assassinatos é uma maneira muito covarde de demonstrar sua mesquinhez.

"Benson é um doente mental. Seria difícil conseguir sua confissão. Talvez seja até impossível. Hennes, porém é uma ótima fonte de informações sobre as futuras atividades dos envenenadores. Ele poderia nos dizer exatamente em que ponto dos Asteróides poderíamos encontrar os outros conspiradores. Poderia nos dizer onde se encontra o veneno que deverá ser usado hoje à meia-noite. Poderia nos dizer muitas coisas."

Hennes riu.

– Não posso lhe dizer nada e não pretendo lhe dizer nada. Se vocês me liquidarem junto a Benson agora mesmo, o plano será executado da mesma maneira. Pode fazer o que quiser.

– Você falaria se lhe prometêssemos indulto? – perguntou o Patrulheiro Espacial.

– E você acha que eu acreditaria em você? – perguntou Hennes. – Só vou dizer uma coisa: sou inocente. Se nos matarem, não vai adiantar.

– Você sabe que se você se recusar a falar, milhões de homens, mulheres e crianças poderão morrer.

Hennes encolheu os ombros.

– Muito bem – falou o Patrulheiro Espacial. – Ouvi falar sobre os efeitos produzidos pelo veneno marciano desenvolvido por Benson. Quando chega no estômago, é absorvido muito depressa, os nervos dos músculos peitorais ficam paralisados: a vitima não consegue respirar. O sufocamento dura cinco minutos ou mais e é muito doloroso. Isto acontece quando o veneno chega ao estômago.

O Patrulheiro do Espaço tirou uma pequena esfera de vidro de seu bolso. Abriu o instrumento que servia para apanhar amostras e encostou a bolinha de vidro à substância viscosa, até que o vidro ficou todo lambuzado.

– Entretanto – continuou – se o veneno fosse colocado na parte interna dos lábios, as coisas se passariam de maneira diferente, mais demorada. Seria absorvido muito mais devagar. Makian! – Chamou o Patrulheiro de repente. – Este é o homem que o traiu e que se valeu de sua fazenda para envenenar gente e planejar a mina do sindicato. Amarre seus braços.

O Patrulheiro Espacial jogou uma verga plástica sobre a mesa.

Makian se apoderou dela com um grito abafado e se jogou sobre Hennes. Sua raiva lhe devolveu energias perdidas e Hennes não conseguiu se desvencilhar.

Quando Makian se afastou, Hennes estava amarrado à cadeira, com as mãos atrás do encosto. Makian disse:

– Quando você terminar de falar, vou fazê-lo aos pedaços com minhas próprias mãos.

O Patrulheiro do Espaço se levantou e deu a volta na mesa, aproximando-se de Hennes, segurando a bolinha de vidro entre dois dedos. Hennes pareceu se encolher. Benson, do outro lado da mesa, estava se debatendo, mas Bigman deu-lhe um chute e ele parou.

O Patrulheiro do Espaço puxou o lábio inferior de Hennes para fora, descobrindo seus dentes. Hennes tentou virar a cabeça, mas o Patrulheiro apertou os dedos e Hennes gemeu.

O Patrulheiro do Espaço colocou a bolinha de vidro no espaço entre o lábio e os dentes.

– Acho que vai levar mais ou menos dez minutos até você absorver veneno suficiente pelas mucosas da boca e começar e sentir os efeitos – disse o Patrulheiro, – Se você concordar e falar antes disto, vamos tirar o veneno de sua boca e deixar que você a enxágüe. Em caso contrário, o veneno produzirá seu efeito devagar. Sua respiração ficará sempre mais difícil e dolorosa, e dentro de uma hora, você morrerá sufocado. Se você morrer, não terá conseguido resultado nenhum, porque a demonstração terá efeitos salutares sobre Benson, e vamos obrigá-lo a nos dizer a verdade.

Gotas de suor começaram a escorrer das têmporas de Hennes. Sons indistintos saíram de sua garganta.

O Patrulheiro do Espaço esperou pacientemente.

De repente Hennes gritou:

– Vou falar! Vou falar! Vou falar! Tire isto da minha boca!

As palavras saíram abafadas de seus lábios torcidos, mas o significado e o terror abjeto estampado em seu rosto não precisavam de explicações.

– Muito bem. Doutor Silvers, por favor, faça as anotações.

O doutor Silvers só voltou a ver David Starr depois de três dias. Durante este tempo só tivera pouco descanso e estava com sono, mas isto não o impediu de cumprimentar David efusivamente. Bigman, que durante este tempo ficara protegendo Silvers, também mostrou sua alegria ao rever David.

– Funcionou – explicou Silvers. – Tenho certeza que você já ouviu tudo a respeito. Funcionou muito bem.

– Eu sei – respondeu David sorrindo. – O Patrulheiro do Espaço me contou.

– Quer dizer que você o viu?

– Só durante alguns minutos. Ele desapareceu logo em seguida. Naturalmente, tive que mencioná-lo em meu relatório, não podia esquecê-lo. Confesso, porém, que escrever a respeito me deu uma sensação meio esquisita. De qualquer forma, Bigman e Makian são minhas testemunhas.

– E eu também – disse David.

– Claro. Ainda bem que tudo acabou. Encontramos as reservas de veneno, e limpamos os Asteróides. Duas dúzias de criminosos serão condenados, a vida e o trabalho de Benson, no fim, terá um resultado benéfico. Suas experiências com a vida marciana foram realmente extraordinárias. É possível que cheguemos a produzir uma série de novos antibióticos, em base às tentativas de Benson de intoxicar toda a Terra. Se aquele coitado tivesse tentado se tornar famoso no campo científico, poderia chegar a ser um grande homem. Ainda bem que Hennes confessou e as atividades de Benson terminaram.

David falou:

– A confissão foi cuidadosamente planejada. O Patrulheiro do Espaço estava exercendo pressão desde a noite anterior.

– Mesmo assim, duvido se qualquer criatura humana poderia ter resistido à ameaça de intoxicação. O que teria acontecido se Hennes fosse inocente? O Patrulheiro do Espaço se arriscou muito com aquela jogada.

– Não, não se arriscou. A bolinha de vidro não era envenenada e Benson sabia. O senhor não imagina que Benson deixaria o veneno em seu laboratório, como uma prova contra ele próprio? Ou num lugar onde poderia ser encontrado acidentalmente?

– Mas a substância sobre a bolinha...

– ...era apenas gelatina sem sabor. Benson devia imaginar que era algo assim. Foi este o motivo que levou o Patrulheiro do Espaço a não o forçar a uma confissão. Foi por isto que teve que ficar amordaçado. Se Benson falasse alguma coisa, Hennes poderia adivinhar o resto. Mas ele estava em pânico.

– Não diga, mas isto é inacreditável! – exclamou o doutor Silvers.

Ficou a esfregar o queixo. A seguir, se despediu e foi se deitar.

David olhou para Bigman.

– O que é que você vai fazer agora, Bigman?

Bigman disse:

– O doutor Silvers me ofereceu um emprego permanente. Mas acho que não vou aceitá-lo.

– Por que não?

– Deixe que lhe explique, senhor Starr. Penso que irei com você, para qualquer lugar você for.

– Vou apenas voltar à Terra – explicou David.

Estavam a sós, mas Bigman olhou ao redor com muito cuidado antes de falar.

– Acredito que você irá para muitos outros lugares, e não apenas para a Terra, Patrulheiro do Espaço.

– *O que?*

– Isto mesmo. Eu adivinhei quando o vi entrar pela primeira vez, com todas aquelas luzes e a névoa. Foi por isto que não levei a sério quando você falou e todos pensaram que eu era o envenenador. – Abriu a boca num largo sorriso.

– Você sabe o que está dizendo?

– Eu sei, eu sei. Não podia ver seu rosto e também não dava para perceber os detalhes de sua roupa, mas dava para ver que você usava botas até a coxa, e sua estatura também tinha o tamanho certo.

– Uma coincidência.

– Talvez. Não consegui ver direito os enfeites das botas, mas deu para distinguir as cores. E você é o único agricultor que já ouvi mencionar, disposto a usar botas apenas brancas e pretas.

David Starr ergueu a cabeça e soltou uma gargalhada.

– Você ganhou. Você quer mesmo trabalhar comigo?

– Para mim, será motivo de grande orgulho – respondeu Bigman.

David estendeu a mão para um aperto.

– Ficaremos juntos – disse David – em qualquer parte do universo.

FIM

Table of Contents